

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Isabela Augusta Andrade Souza**

**O preconceito nosso de cada dia:  
um estudo sobre as práticas discursivas no cotidiano**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**SÃO PAULO**

**2008**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC-SP**

**Isabela Augusta Andrade Souza**

**O preconceito nosso de cada dia:  
um estudo sobre as práticas discursivas no cotidiano**

**DOUTORADO EM PSICOLOGIA SOCIAL**

**Tese apresentada à Banca Examinadora  
como exigência parcial para obtenção do  
título de Doutor em Psicologia Social pela  
Pontifícia Universidade Católica de São  
Paulo, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary  
Jane Paris Spink.**

**SÃO PAULO**

**2008**

SOUZA, Isabela Augusta Andrade

O preconceito nosso de cada dia: um estudo sobre as práticas discursivas no cotidiano. – São Paulo, 2008. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mary Jane Paris Spink

Palavras-chave: 1. Psicologia Social; 2. preconceito; 3. práticas discursivas.

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

## *Saber Viver*

*Cora Coralina*

*Não sei... Se a vida é curta  
Ou longa demais pra nós,  
Mas sei que nada do que vivemos  
Tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas.*

*Muitas vezes basta ser:*

*Colo que acolhe,  
Braço que envolve,  
Palavra que conforta,  
Silêncio que respeita,  
Alegria que contagia,  
Lágrima que corre,  
Olhar que acaricia,  
Desejo que sacia,  
Amor que promove.*

*E isso não é coisa de outro mundo,  
É o que dá sentido à vida.  
É o que faz com que ela  
Não seja nem curta,  
Nem longa demais,  
Mas que seja intensa,  
Verdadeira, pura... Enquanto durar*

## AGRADECIMENTOS

*Esta tese foi realizada graças às mãos, vozes, carinho e apoio de muitos:*

*Agradeço em primeiro lugar às incomparáveis mãos do Senhor DEUS, que, como sempre, abundantemente me abençoou em cada momento da minha vida e, não diferente, me guiou a cada passo e em cada detalhe de tudo que consegui realizar nesta tese. A ELE toda honra, toda glória, todo louvor, ontem, hoje e eternamente;*

*Agradeço ao apoio de minha família, seja ao estender as mãos para segurar ou acarinhar, seja ao unir as mãos para oração, pois sei que, mesmo distante, rogou por mim. Obrigada mamãe Marlene, papai Elbe, Alessandra, Rodrigo, meus cunhados Jaime e Juliane. Beijos especiais à Luiza e Mariana da titia coruja;*

*Agradeço às mãos, ao carinho, ao apoio e, principalmente, à paciência de minha querida orientadora Mary Jane, que sempre generosamente doou-me mais do que palavras, orientação, riscos e rabiscos, leituras ou ensino. Doou-me também força e amizade, incentivo e, por que não dizer, 'colo' muitas vezes;*

*Agradeço às mãos, carinho e apoio de tantos outros familiares e amigos que também intercederam por mim em oração, ou 'simplesmente' foram o abraço, a palavra, o olhar certo na hora e no momento certos. No entanto, devo agradecer a algumas pessoas queridas em especial: Tia Odete, sempre com a casa, o café, o bolo e o tempo disponível; à Doriane, amiga e irmã, e ao 'afilhado postiço', Estêvão;*

*Agradeço a todos os amigos que, de uma forma ou de outra, estão comigo nesta jornada. São tantos que não poderia escrever o nome de cada um. Mas quero que saibam que todos me fazem muito bem só por existirem;*

*Agradeço às vozes, aos abraços, aos carinhos e à amizade de todos meus queridos do grupo de canto da Universidade Federal do Paraná, o inesquecível GMPB (Grupo de Música Popular Brasileira), que há tantos anos estão comigo. Onde quer que eu vá, levarei vocês todos comigo no coração. Foi e é muito bom cantar e estar com vocês;*

*Agradeço a todas as pessoas que fizeram parte do Núcleo de Práticas Discursivas e Produção de Sentidos da PUC-SP. Aos amigos mais próximos desta jornada que, sem dúvida, fizeram diferença neste período de desafios e lutas conquistadas: Vanda, Lenise, Adriana, Serginho, Jaqueline, Raquel, Juliana, Eliete...*

*Agradeço à UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso) pelo apoio total, especialmente ao Departamento de Pedagogia do campus de Sinop e a todos os meus colegas de trabalho;*

*Agradeço a todos os professores do Programa da Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP, especialmente à prof.<sup>a</sup> Maria Cristina Vicentin, que além de professora foi banca em minha qualificação, e muito contribuiu para o enriquecimento desta tese; agradeço também à Marlene pela disponibilidade em todos os momentos, burocráticos ou não, do programa;*

*Agradeço ao CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), excelente órgão federal de apoio ao fomento de pesquisa no Brasil;*

*Agradeço a todas as vozes que estão presentes aqui nesta tese, pessoas que se disponibilizaram a falar de suas vidas, suas histórias, seus sentimentos, me acolhendo e confiando em mim como pesquisadora.*



## RESUMO

SOUZA, Isabela Augusta Andrade. **O preconceito nosso de cada dia**: um estudo sobre as práticas discursivas no cotidiano. 2008. 168p. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Abordar o preconceito como prática discursiva do cotidiano é uma proposta complexa e, embora haja várias formas de conceituações teóricas, sua compreensão é necessariamente abrangente, pois envolve elementos históricos, sociais e culturais, sendo que talvez a melhor explicação seja aquela que contemple questões como separação, reprovação, divisão, enfim, tudo o que leva um indivíduo a adotar valores e conceitos que o conduzam a fazer alguma forma de julgamento e desvalorização do outro. O interesse de nossa pesquisa foi tentar compreender o que as pessoas entendem por preconceito e como o vivenciam em suas vidas, seja como ato preconceituoso em relação ao outro, seja em forma de sentimento gerado por alguma situação de preconceito em sua história de vida. O foco principal foi compreender preconceito como linguagem em ação, permeando as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano dos entrevistados envolvidos nesta pesquisa. Nosso olhar se voltou às práticas discursivas, com base no referencial teórico-metodológico da Psicologia Discursiva, centrando-se em repertórios científicos e do domínio comum. Tomamos como hipótese que o preconceito permeia o cotidiano das pessoas através da linguagem, entendida como ação, como versões situadas da realidade, e, desta forma, dialógicas. Sendo assim, o preconceito ocorreria independente de características específicas, como classe social, cor, idade, gênero, ou qualquer outro elemento que apareça adjetivado a esse tema. A coleta das informações foi realizada através de entrevistas com 26 pessoas de uma diversidade de inserções sociais. O tratamento do material empírico foi feito nos moldes da análise das práticas discursivas. Os resultados desta pesquisa sugerem que o preconceito é compreendido pelas pessoas como conceito de senso comum, em que os termos estigma, exclusão e discriminação foram utilizados de forma intercambiável. Verificou-se, também, que todas as pessoas, de alguma forma, passaram por situações de experiência de preconceito em suas vidas, independente de características socioeconômicas, gênero, raça ou qualquer outra forma específica. Foram momentos vivenciados, na sua maioria, em situações de interações públicas ocasionais ou institucionalizadas. As situações de preconceito envolveram uma diversidade de significados sociais, sendo, em sua maior parte, de depreciação e desvalorização. Várias formas de perceber a questão do preconceito foram relatadas, ocasionando, principalmente, sentimentos relacionados a algum tipo de sofrimento. Diante dos resultados, faz-se necessário pensar em estratégias e formas de trabalho baseadas em ações educacionais contínuas, com a urgência de fomentar maneiras de veicular a importância da solidariedade e da tolerância individual e social, por meio de estratégias que visem ressignificar o que é visto como anormal e fora dos padrões esperados pela sociedade e, assim, buscar uma maior serenidade harmoniosa entre os indivíduos.

**Palavras-chave:** 1. Psicologia Social; 2. preconceito; 3. práticas discursivas.

## ABSTRACT

SOUZA, Isabela Augusta Andrade. **O preconceito nosso de cada dia (*our daily prejudice*):** a study on daily discourse practices. 2008. 168p. Thesis (Doctorate) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008 (*São Paulo Catholic University, 2008*).

Since prejudice theoretical concepts may have different forms, considering it a good approach to daily discourse practices is a complex proposal. Prejudice involves historical, social and cultural elements requiring a comprehensive understanding, and maybe to explain it we should take into consideration those issues such as separation, division and whatever leads to values and concepts that makes a person be disregarding and judgmental about other people. Our research aims at understanding what prejudice means to people and how they deal with it, no matter if it is a prejudicial act concerning other people or a feeling arising from some prejudicial circumstance. Mainly, the research focused on understanding prejudice as an active language permeating discourse practices and feeling production in the research interviewee daily life. We addressed our views to discourse practices based on the Discourse Psychology theoretical-methodological references that focus both scientific and common repertoires. Our hypothesis is that prejudice is present in people daily life through language, herein understood as action and reality versions, and thus dialogistical. Thus, prejudice would exist and does not depend on specific characteristics, such as social class, skin color, age, gender or any other element. Information collection was carried out through interviews with twenty-six people belonging to different social segments. The empirical material treatment was performed pursuant to the discourse practice analysis. The present research results suggest that people understand prejudice as a common sense concept where stigma, exclusion and discrimination are interchangeable. The results also showed that every person has experienced prejudice somehow in their lives no matter what their socioeconomic gender, race, or any other specific characteristics were like. Prejudice situations involved a variety of social meanings, most of them concerning depreciation and disregard. The interviewees showed different forms of noticing prejudice and almost always their feelings were connected to some kind of suffering. Thus, according to the results it is necessary to plan strategies and works based on continuous educational actions to foster the importance of solidarity and individual and social tolerance, through strategies directed to review the meaning of what is considered abnormal or does not meet society accepted standards in order to finally accomplish a greater serenity and harmony among the human beings.

**Key-words:** 1. Social Psychology; 2. prejudice; 3. discourse practices.

## LISTA DE TABELA E QUADROS

TABELA 1	TESES, DISSERTAÇÕES E ARTIGOS LOCALIZADOS NAS BASES DE DADOS CONSULTADAS.....	21
QUADRO 1	EIXOS TEMÁTICOS DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS LOCALIZADAS NOS BANCOS DE DADOS.....	22
QUADRO 2	NÚMEROS DE PARTICIPANTES POR CIDADE.....	86
QUADRO 3	PANORAMA GERAL DAS PESSOAS ENTREVISTADAS.....	87

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	DEFINIÇÕES DE PRECONCEITO A PARTIR DOS ENTREVISTADOS.....	93
FIGURA 2	CIRCULAÇÃO DOS AMBIENTES ONDE OCORRERAM AS SITUAÇÕES DE PRECONCEITO.....	104
FIGURA 3	MOTIVOS DO PRECONCEITO.....	117
FIGURA 4	PRECONCEITO E SENTIMENTOS.....	119

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO I - O PRECONCEITO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	20
1.1 O PRECONCEITO COMO TEMA DE PESQUISAS .....	20
1.2 O PRECONCEITO EM DIFERENTES OLHARES TEÓRICOS .....	29
1.2.1 O Preconceito como Tema de Interesse para as Ciências Sociais .....	30
1.2.2 Preconceito na Perspectiva da Cognição Social .....	33
1.2.3 Preconceito na Perspectiva do Interacionismo Simbólico .....	43
1.2.4 Preconceito na Perspectiva dos Processos da Exclusão Social .....	51
<b>CAPÍTULO II - O PRECONCEITO COMO LINGUAGEM SOCIAL</b> .....	63
2.1 DAS POSSIBILIDADES DE CONCEBER A LINGUAGEM COMO AÇÃO: O GIRO LINGÜÍSTICO .....	64
2.2 SOBRE O COTIDIANO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS .....	66
2.3 A ABORDAGEM DE ANÁLISE DE PRÁTICAS DISCURSIVAS UTILIZADAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE PRÁTICAS DISCURSIVAS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS (NPDPS)....	69
2.3.1 Sobre a Perspectiva Construcionista .....	70
2.3.2 Sobre Práticas Discursivas.....	73
2.3.3 Sobre os Processos de Interanimação Dialógica .....	74
2.4 CONSEQÜÊNCIAS DA POSTURA CONSTRUCIONISTA PARA A PESQUISA ADOTADA NO NÚCLEO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS E PRODUTOS DOS SENTIDOS .....	79
<b>CAPÍTULO III - OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS</b> .....	82
3.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES .....	82
3.1.1 Objetivo Principal .....	82
3.1.2 Objetivos Específicos .....	82
3.2 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE INFORMAÇÕES .....	83
3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE .....	88
<b>CAPÍTULO IV - AS PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE O PRECONCEITO</b> ....	90
4.1 DEFINIÇÕES DE PRECONCEITO NA ÓTICA DOS ENTREVISTADOS.....	91
4.1.1 Para mim preconceito é... Perspectiva da Cognição Social .....	96

4.1.2	Para mim preconceito é... Perspectiva da Escola Exclusiva e de Poder.....	98
4.1.3	Para mim preconceito é... Perspectiva a partir do Estigma.....	100
4.2	<b>O PRECONCEITO SITUADO/CONTEXTUALIZADO NAS PRÁTICAS SOCIAIS E DISCURSIVAS .....</b>	<b>103</b>
4.2.1	Situações Públicas Ocasionais .....	105
4.2.2	Situações Públicas Institucionalizadas.....	109
4.2.3	O Lado B: Eu fui preconceituoso quando.....	113
4.3	<b>O PRECONCEITO QUE ME FAZ SENTIR.....</b>	<b>118</b>
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>127</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>135</b>
	<b>APÊNDICE A - RESUMO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>141</b>
	<b>APÊNDICE B - MAPA DIALÓGICO .....</b>	<b>148</b>

## INTRODUÇÃO

### Trajetórias que levam à escolha do tema

Escrever uma tese é contextualizar, em um primeiro momento, a vida de quem a escreve, afinal, para se chegar até aqui também se fez história. Esta pesquisa resulta da experiência de dois momentos: o primeiro é o profissional. Como docente da Universidade Estadual do Estado do Mato Grosso (UNEMAT), dentre diferentes atividades da área, uma delas foi a de desenvolver um projeto em prevenção às DSTs e Aids, com cursos de formação para nossos alunos (a maioria já professores de escolas estaduais, municipais e particulares, entre outras profissões), além da população em geral.

O segundo momento foi a experiência de pesquisadora como mestranda, cujo objeto de estudo foi compreender a vida afetiva, familiar, escolar, entre outros tantos aspectos psicossociais, dos adolescentes portadores do vírus HIV, e o sentido dessa (con)vivência, a partir de um olhar sócio-histórico.

Esses dois trabalhos trouxeram à tona um ponto significativo de confluência, gerando um incômodo profissional e pessoal: a questão do preconceito.

No primeiro caso, como ministrávamos o curso de prevenção em DSTs e Aids, percebíamos que os alunos, durante as discussões sobre a população a ser envolvida no trabalho, hesitavam em atuar junto aos profissionais do sexo de forma geral, por julgarem que os mesmos não mereciam tal atenção por estarem "nessa vida de sexo, perversidade, sem-vergonhice", entre outros adjetivos, como se fosse por vontade própria.

O preconceito e a discriminação apareciam quase que naturalmente, sendo aceitos e justificados por todos por se tratar "daquela gente". Apesar de insistentes

discussões a respeito da importância de trabalhar com todos, qualquer que fosse a população a ser contemplada com a atividade de prevenção, e sua importância para nossa equipe, nossos cursistas não se sentiam na obrigação, muito menos na responsabilidade, de trabalhar prevenção com essas pessoas. Afinal, as mesmas já estavam "perdidas na vida mesmo".

Num segundo momento, como pesquisadora no mestrado, a oportunidade do estudo trouxe à tona um outro viés da questão do preconceito: a de quem percebe ou tem receio do preconceito em relação a si mesmo ou à sua família, quando este é decorrência do que se pode talvez dizer que foi a grande praga do século XX, a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, ou seja, a Aids. Os adolescentes entrevistados, bem como seus familiares, estavam perfeitamente cientes do que significava ser soropositivo, principalmente em relação ao estigma, à discriminação e ao preconceito diretamente relacionados a essa doença. O vírus e as possibilidades de doenças oportunistas, os remédios, os exames, a alimentação controlada, entre outros detalhes tão importantes no cotidiano do portador do vírus HIV, pareciam não preocupar tanto quanto o receio de alguém vir a saber, sem ser pelo próprio soropositivo, de sua condição sorológica.

Esse receio ficou claro em todas as falas, tanto dos adolescentes que participaram da pesquisa, quanto de seus familiares. Essa possibilidade de revelação parece ser uma sombra permanente no cotidiano das pessoas HIV positivo, levando inclusive ao evitamento de tomar os remédios em lugares públicos onde há pessoas do seu círculo de convívio que não sabem de sua soropositividade. Um breve exemplo: um adolescente entrevistado recusava-se a levar sua medicação para a escola, com medo de suscitar perguntas dos colegas sobre o porquê de tais medicamentos e, assim, ser revelado seu segredo, com conseqüências para a sua

convivência social. Limitação da sociabilidade social e segredo eram as palavras de ordem, tanto por parte dos adolescentes quanto de seus familiares (SOUZA, 2003).

Tais experiências nos levaram a um inconformismo. Ficar alheia ou mesmo insensível diante de tais fatos, sem se incomodar com o que se vê e percebe, seria desprezar o sentimento do outro. Se na Universidade, nos cursos ministrados, isso já era um motivo de preocupação, em relação a esses adolescentes e suas famílias, que de igual modo vivem sob esse medo cotidiano do preconceito, com experiências doloridas e marcantes em suas vidas, não fazer mais nada a respeito seria acreditar no inimaginável mundo da 'neutralidade científica'.

Afinal, o que nos move senão aquilo que vivenciamos, sentimos ou acreditamos serem nossas pseudo-verdades, sonhos e objetivos de vida? Por acaso, há como nos despirmos dessas percepções na hora de construirmos e vivenciarmos situações de nossas vidas, em especial o trabalho, a pesquisa ou qualquer outra atividade a que nos propomos? Não somos nós feitos de questionamentos e de perplexidades que ora nos deixam estagnados ora nos fazem responder, movimentar, agir?

Eu não saberia dizer qual era a 'verdade', se institucional, se aceita ou não pela ciência e seus critérios formais. Isso naquele momento não importava. O que importava é que aquela era a verdade vivida, sentida e sofrida dos adolescentes soropositivos e suas famílias. Eram as verdades de suas concepções, relações e acordos sociais da mais legítima forma de sobrevivência diante do medo do preconceito social (IBÁÑEZ, 1994).

Foi a partir dessas experiências vividas e, por que não dizer, sentidas, que nos mobilizamos para aprofundar a reflexão sobre esse tema, ou seja, a questão do preconceito nas práticas discursivas do dia-a-dia das pessoas.



## **A opção conceitual por preconceito**

Quando se fala em preconceito, quase sempre este tema remete a outros dois conceitos muito próximos que, na prática, muitas vezes parecem ter o mesmo sentido: trata-se dos termos discriminação e estigma. Sendo termos muito usados nas Ciências Sociais e Humanas, preconceito, estigma e discriminação muitas vezes acabam por confundir leitores quanto à sua conceituação.

Não só nesta pesquisa. Por ocasião da dissertação no Mestrado, assim como na experiência do projeto sobre prevenção ao HIV/Aids já mencionado anteriormente, pudemos observar que, na fala das pessoas com quem tivemos contato, alunos ou entrevistados, esses termos eram usados com facilidade, dando a impressão até de serem 'sinônimos'. Faz-se mister, portanto, situar o uso desses vários termos na literatura científica, e, assim, justificar nossa opção por preconceito.

O estigma, para Goffman (1975), é tudo aquilo que é diferente do que uma determinada formação social denomina como normal, logo, a pessoa estigmatizada é aquela que está inabilitada para a aceitação social plena. Historicamente este termo foi utilizado na Grécia Antiga, quando as pessoas eram marcadas com sinais no corpo (com corte ou fogo), como um aviso visual para que todos soubessem que aquele que portava tal sinal era pessoa não grata para a convivência social.

Trata-se de um termo com teor depreciativo que remete a componentes físicos (como no caso de deformidades corporais), relacionados a questões de raça ou religião, ou ainda, num movimento de autculpa, como se este indivíduo tivesse total responsabilidade por corresponder às demandas sociais, certos tipos de prática, como no caso de viciados e homossexuais, entre outros. Desta forma, o outro é reconhecido por sua inferioridade ou incapacidade, que podem acarretar, inclusive, alguma forma de perigo para a sociedade. Justificavam-se, assim, estratégias

como vilas para leprosos, manicômios e outras formas de exclusão, simplesmente pela aparência de se ter uma moralidade duvidosa (GOFFMAN, 1975).

Embora este autor não tenha aprofundado tanto o entendimento sobre discriminação, ele aponta que é justamente com este ato discriminatório que as pessoas estigmatizadas acabam por ser tratadas como quase não humanas. O que vem a ser, então, a discriminação?

A palavra discriminação, em sua etimologia, é derivada do latim e significa separação. Na definição do dicionário, discriminação é um ato ou efeito de discriminar, distinguir. É uma ação que tem o efeito de separar, pôr à parte, segregar; ou ainda, um tratamento pior ou injusto dado a alguém por causa de características pessoais, intolerância, preconceito. É um ato que quebra o princípio de igualdade, como distinção, exclusão, restrição ou preferência por variadas motivações: raça, sexo, cor, idade, trabalho, religião etc. (HOUAISS, 2006). Ou seja, a discriminação está mais ligada ao ato em si do que ao que pensamos sobre determinada pessoa.

A palavra discriminação passou a ser usada e difundida principalmente em relação a questões raciais e aos tratamentos desiguais que certos grupos, como os judeus na época do nazismo e fascismo, começaram a sofrer. Bobbio (2002) mostra ainda que a discriminação é algo negativo, pois dela decorre grande probabilidade de injustiças sociais e atos de desigualdade. Essas injustiças podem, segundo o autor, acontecer tanto no âmbito individual quanto no grupal. O que deve ser observado é que esta desigualdade é fruto de nossas práticas sociais, ou seja, do preconceito.

Em recente tese discorrida a respeito de práticas sociais em situações de discriminação relacionada à Aids, Nascimento (2007) trouxe para esta discussão

sobre a questão do preconceito autores como Singhal & Roger<sup>1</sup> (2003) e Gruskin, Hendriks & Tomasevski<sup>2</sup> (1996), que afirmam que a discriminação é um comportamento visível e observável que resulta geralmente em uma atitude de negação da diversidade humana, fazendo com que a pessoa se sinta superior a outra, pelo fato de este outro ser diferente. Reforça, assim, as desigualdades sociais e impossibilita iguais oportunidades a todos.

Pode-se dizer, então, que a discriminação é quase que necessariamente relacionada ao ato da intolerância frente à diferença do outro em relação ao que eu acredito, ou mesmo sou, em determinado contexto social ou histórico. Tem por base a imagem do outro como algo que não deve ser levado em conta ou deve até mesmo ser excluído ou eliminado, como foi, no caso do período nazista, o tratamento dado ao povo judeu. É o que Bobbio (2002) pontua quando diz que a discriminação pressupõe que os homens são desiguais e, logo, há a possibilidade do juízo de valor. Sendo assim, a discriminação "torna-se justificada em nome da desigualdade tácita".

O que podemos perceber, entretanto, é que embora o preconceito, o estigma e a discriminação possam caminhar juntos no senso comum, seu uso e entendimento estão bem demarcados nas ciências.

---

<sup>1</sup> SINGHAL, Arving; ROGERS, Everett M. **Combating AIDS**: communication strategies in action. London: Sage, 2003.

<sup>2</sup> GRUSKIN, Sofia; HENDRIKS, Aart; TOMASEVSKI, Katarina. Aids e direitos humanos, In: MANN, Jonathan; TARANTOLA, Daniel J.M.; NETTER, Thomaz W. (Org.). **A AIDS no mundo**. Trad. Outras Palavras. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS, UERJ, 1996. p.241-272.

Assim, escolhemos e procuramos o preconceito. Não o preconceito adjetivado<sup>3</sup>, mas aquele sem nome, endereço ou qualquer característica que porventura pudesse, neste momento, singularizar nosso olhar de pesquisadora. Não nos importa a vertente teórica ou prática e suas discussões, muito menos suas conclusões. Nosso objetivo, nesta pesquisa, é considerar todo o tipo de preconceito que possa estar acontecendo nas relações sociais cotidianas: como circula e quais são suas características, não importando com quem, onde ou em qual circunstância.

Mais que conceito ou teorias, nosso olhar se volta às práticas, com foco nos repertórios – científicos e de domínio ou senso comum – e nas maneiras de usá-los no dia-a-dia.

### **A estrutura da tese**

O interesse de nossa pesquisa será tentar compreender o que as pessoas entendem por preconceito e como o vivenciam em suas vidas, seja como ato preconceituoso em relação ao outro, seja enquanto sentimento gerado por alguma situação de preconceito em sua história de vida. Como foco principal, o preconceito será compreendido enquanto linguagem em ação, permeando as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano dos entrevistados envolvidos nesta pesquisa.

Para tanto, no primeiro capítulo mergulharemos na questão do preconceito, já com as lentes devidamente colocadas e ajustadas para o desenvolvimento da tese. Tomamos como ponto de partida o levantamento feito de teses e dissertações

---

<sup>3</sup> A idéia, aqui, não é fechar a questão de que preconceito é um tema adjetivo de certas classes ou situações sociais, como negros, racismo, mulheres, portadores de deficiência etc. A questão é justamente pensar por que o preconceito, no senso comum, e muitas vezes em pesquisas, de alguma forma aparece sempre colado ou adjetivado.

que versaram sobre o tema, para, num segundo momento, fazer uma revisão aprofundada das diferentes teorias e escolas que tiveram o preconceito como foco. Sem dúvida, não poderíamos deixar de lado a questão dos Direitos Humanos quando estudamos este tema e, para isso, ainda neste capítulo, traremos aspectos desta discussão, não como um objetivo da pesquisa, mas como um item importante para a compreensão dos discursos contemporâneos sobre preconceito.

No segundo capítulo discutiremos o preconceito como linguagem em ação. Discorreremos sobre o giro lingüístico e a conseqüente ênfase na linguagem em ação. Noções teóricas sobre a questão do cotidiano e a abordagem de estudos das práticas discursivas de nosso Núcleo de Pesquisa da PUC-SP também farão parte deste capítulo. Trata-se basicamente de nosso olhar enquanto pesquisadora, de como lidaremos com o *corpus* de análise. Com isso, buscamos demarcar nosso embasamento teórico e epistemológico.

Os procedimentos desta pesquisa serão apresentados no terceiro capítulo. Nele estarão os objetivos, a coleta das informações através das entrevistas e os procedimentos que serão utilizados na análise, que se encontra no quarto capítulo. Todo esse processo vem imbuído de nosso pressuposto, que é olhar a questão do preconceito não como algo que se reduz a minorias, maiorias ou lugares, mas se apresenta sem cor, idade, posição social ou qualquer tipo de estereótipo engessado. Por isso, uma de nossas preocupações foi buscar, para as entrevistas, pessoas sem nenhum tipo de característica, apostando na aleatoriedade.

É no quarto capítulo que apresentaremos a análise do material empírico conseguido através das entrevistas, onde tentaremos agregar teoria e prática sobre o preconceito nas discussões a respeito das práticas discursivas no cotidiano. A análise será feita nos moldes da análise das práticas discursivas enquanto padrão

metodológico e olhar epistemológico. Significa dizer que iremos trilhar as veredas dos conhecimentos socialmente construídos, seja por meio da vivência das pessoas, seja como foco do conhecimento sobre o tema, compartilhando com Harré (1993) a proposta de que a construção do mundo acontece devido à atividade conversacional das pessoas e é essa atividade humana que faz nossa própria existência acontecer, incluindo aí nossos pensamentos e projetos individuais, e até mesmo sentimentos. Apostamos, assim, no preconceito nosso de cada dia enquanto discursos que circulam nas práticas sociais cotidianas propiciando diferentes produções de sentidos.

E, finalmente, partiremos para a conclusão e considerações finais desta tese, por meio da qual esperamos não apenas contemplar nossos objetivos como pesquisadora para a vida acadêmica, mas também conseguir sensibilizar as pessoas que venham a ter acesso a este material e assim, quem sabe, ressignificar, mesmo que individualmente, a questão do preconceito.

## **CAPÍTULO I**

### **O PRECONCEITO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS**

O objetivo deste capítulo é fazer uma revisão das formas de conceituação e uso da noção de "preconceito". Para isso foram utilizadas duas estratégias. A primeira focaliza a relação entre maneiras de conceituar preconceito e seus usos em pesquisas publicadas em teses, dissertações e artigos científicos. A segunda volta-se à revisão das principais teorias que abordam o preconceito.

#### **1.1 O PRECONCEITO COMO TEMA DE PESQUISAS**

O primeiro passo em nossa trajetória de pesquisa foi procurar o preconceito em produções acadêmicas que estão sendo publicadas, destacando apenas algumas delas para algumas reflexões introdutórias. Ou seja, a partir deste panorama geral escolhemos algumas teses, dissertações e artigos, de modo a apreender a diversidade de linhas de argumentação teórica, buscando nestas as que mais se aproximavam de nosso objetivo.

Para tanto, fizemos uma pesquisa utilizando como palavra-chave PRECONCEITO, em qualquer campo, nas bases de teses e dissertações da CAPES, PUC-SP e INDEX-PSI, assim como os artigos constantes no SCIELO e BVS (Biblioteca Virtual em Saúde) e BVS-PSI (Biblioteca Virtual em Saúde em Psicologia). A pesquisa foi realizada no segundo semestre de 2006 e durante o ano de 2007, e os resultados obtidos encontram-se na tabela 1.

TABELA 1 - TESES, DISSERTAÇÕES E ARTIGOS LOCALIZADOS NAS BASES DE DADOS CONSULTADAS

ANO DE PUBLICAÇÃO	FONTE					TOTAL
	Teses e Dissertações			Artigos		
	CAPES	PUCSP	INDEX-PSI	SCIELO	BVS <sup>(1)</sup>	
1959			1			1
1987					1(+7)	8
1988	1				3	4
1989	1			1	2	4
1990				1	1	2
1991	1		2		2	5
1992	4	1	1		10	16
1993	2	2			3	7
1994	5	2			3	10
1995	6				9	15
1996	4			1	6	11
1997	10		4		3	17
1998	11	1	3	3	7	25
1999	13	3	1	3	10	30
2000	13	2	2	3	5	25
2001	25	4	5	4	6	44
2002	18		3	9	17	47
2003	28	3	2	5	11	49
2004	44	4	5	10	12	75
2005	28	4	2	9	7	50
2006	30	5	2	18	10	65
2007		3		7		10
TOTAL	244	34	33	79	136	518

FONTES: Scielo, BVS (Biblioteca Virtual de SAÚDE) e BVS-PSI (Biblioteca Virtual de Saúde da Psicologia)

(1) Colocamos o total geral de artigos, com a palavra-chave preconceito. Estão incluídos: Index Psi: Periódicos técnicos científicos (115); Index Psi de divulgação científica (21). Há 07 artigos que não estão na tabela, com as seguintes datas: 1969 (1); 1981(1); 1985(2); 1984(1); 1986 (2), perfazendo um total de 136 artigos.

Podemos verificar que há um número razoável de artigos, teses e dissertações pesquisados de 1959<sup>4</sup> a 2007. Independente da quantidade de artigos encontrada, o objetivo do levantamento era fazer uma imersão nas maneiras como o preconceito está sendo utilizado, seja como conceituação teórica, seja como reflexão sobre práticas. Numa visão geral, essas produções se inserem nos mais

<sup>4</sup> Essa foi a primeira tese que abordou a questão do preconceito no Brasil, não direta nem exclusivamente, mas como parte de uma pesquisa de autoria de Dante Moreira Leite, cujo título foi *Caráter nacional brasileiro: descrição das características psicológicas do brasileiro através de ideologias e estereótipos*.



variados campos do saber: Psicologia, Lingüística, Direito, Sociologia, Pedagogia, Antropologia, entre outros, e têm como eixos temáticos os seguintes assuntos: raça/etnia; saúde e sexualidade, conforme podemos observar no quadro 1.

TEMA/ EIXO	NOMEAÇÕES UTILIZADAS
1. Raça / Etnia	racismo, negro, afrodescendente, judeu, latino, lusitano, polonês, japonês, gaúcho, etnia
2. Saúde	Aids/HIV, deficiência visual, deficiência mental, deficiência auditiva, necessidades especiais, obesidade, diabetes, hanseníase, epilepsia, hemofilia, drogas, alcoolismo
3. Sexualidade	gênero, homossexuais, heteroestereótipo, homoerotismo, adolescentes especiais, Síndrome de Down, homossexualidade e Aids
4. Outros	questões escolares, lingüística, publicidade, idoso, estereótipos, igreja, grupos marginalizados (prisioneiros, adolescentes, catadores de lixo reciclável, pobres, assentados, criminosos etc.), minorias, corpo, mulher, valores, dominação, violência, adoção, behaviorismo, outros...

QUADRO 1 - EIXOS TEMÁTICOS DAS PRODUÇÕES ACADÊMICAS LOCALIZADAS NOS BANCOS DE DADOS

O que observamos, a partir da análise dos resumos, é que a questão do preconceito é pesquisada em várias vertentes teóricas, com diferentes abordagens e olhares científicos. Ilustraremos essa diversidade com alguns exemplos que cruzam diferentes abordagens teóricas e temas variados.

Da área da História, selecionamos um artigo publicado na *Revista Brasileira de História* em 2002, que tem como objeto de estudo a imigração judaica no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Cytrynowicz (2002), autor do artigo, aponta que, na época em que esses imigrantes vieram para o Brasil, vigorava o regime político do então governo Getúlio Vargas. Restrições de cunho nacionalista foram impostas, como, por exemplo, nacionalizar os nomes das entidades que eram consideradas estrangeiras. No entanto, o autor lembra que esta não foi uma exclusividade judaica, pois pessoas imigradas de outras nações e suas associações também passaram pelas mesmas adequações nacionalistas.

Embora esse artigo tenha por foco a comunidade judaica, o que nos chamou a atenção foram algumas considerações do autor, em especial quanto à postura dos imigrantes como meros espectadores do contexto histórico vivenciado na época, que os colocava no lugar de vítimas ou como grupos minoritários que sofrem situações adversas dadas as dificuldades encontradas.

Cytrynowicz (2002) relata que os imigrantes judeus (bem como os japoneses e sírio-libaneses), longe de serem vítimas ou minorias submetidas às pressões, inventaram formas de continuarem com seus costumes, valores, nomes, entre tantas outras coisas que faziam parte de sua cultura de origem, utilizando estratégias que acabaram por ser positivas. Em outras palavras, a identidade nacional de seu país de origem continuou viva, sendo repassada para outras gerações, apesar das proibições da época.

Temas que abordam o racismo colado à questão do preconceito foram os que mais apareceram nos bancos de dados aos quais tivemos acesso. A partir do enfoque dos grupos de minoria, a questão racial tem sido amplamente debatida tanto na mídia quanto em ambientes universitários. Palestras, passeatas, dia da consciência negra, entre outros movimentos, fomentam o ativismo em busca de direitos até então esquecidos e desvalorizados na história do Brasil. Ainda assim, segundo alguns artigos por nós analisados, essa consciência não tem sido incorporada no cotidiano das pessoas. Os negros continuam clamando por direitos iguais por considerarem que ainda nos dias de hoje são discriminados sem nenhum pudor, principalmente por questões socioeconômicas, que fazem com que esse segmento de população tenha mais carências que outros, se comparado, por exemplo, com a população branca (GUIMARÃES, 2004).

Tomemos como ilustração de abordagem do racismo um artigo sobre discriminação a afrodescendentes que nos chamou atenção tanto pela metodologia quanto pela discussão feita. Os autores tratam da questão do preconceito a partir da seguinte situação: uma gerente, em face de dois candidatos à mesma vaga em igualdade de condições de preencher o cargo, escolheu uma pessoa de cor branca, opção esta que seria decorrente de preconceito com a raça, pontuando ainda mais as diferenças de oportunidade. Tanto o resultado desta escolha para preenchimento do cargo, quanto os possíveis critérios do mesmo foram apresentados para grupos diferentes. Mas esses dois grupos (controle e experimental) não viram nada de errado no fato de a gerente ter escolhido justamente o candidato de cor branca (PEREIRA; TORRES; ALMEIDA, 2003).

Outro grupo igualmente discriminado e que, embora ainda seja marginalizado pela sociedade, tem se organizado em busca de seus direitos, é o de homossexuais. Apesar de conquistas de grande repercussão na mídia, como a parada do orgulho gay nas ruas de São Paulo e do Rio de Janeiro; mesmo que muitas empresas, como a Petrobrás, considerem os direitos de pessoas que vivem com outras pessoas do mesmo sexo, ofertando plano de saúde extensivo aos seus companheiros; e, apesar de hoje, no Brasil, muitos ganharem na Justiça o direito de compartilhamento de bens devido à vida em comum com parceiros que venham, por exemplo, a falecer, a aceitação da sociedade para com essas pessoas está muito aquém da necessária para falarmos de inclusão social plena. Gays, lésbicas e transgêneros, no Brasil, sofrem ainda uma série de discriminações sociais, judiciais, trabalhistas, religiosas, entre tantas teias que regem a complexa atitude de um ser humano para com outro com base em julgamentos morais que

os classificam como uma aberração da natureza, na contramão dos princípios "normais" da sociedade e dos bons costumes.

A esse respeito, destacamos dois artigos: um de Mott (2006) e outro de Smigay (2002). Ambos trazem discussões complementares voltadas às questões dos direitos mais do que humanos que essas pessoas deveriam ter, sem necessariamente ter que lutar para isso. Mott (2006) discute questões sobre os direitos que as pessoas parceiras do mesmo sexo têm, especialmente quanto à união civil legal, uma vez que, segundo ele, nada além da ignorância e do preconceito justifica tamanho ranço da sociedade, que insiste não só em discriminar e desprezar os direitos humanos, mas também em desconsiderar por completo os direitos sexuais e afetivos das pessoas.

Não menos importantes são os temas que Smigay (2002) menciona: a homofobia, o sexismo e outras formas de violência relacionadas a questões de gênero em um mundo masculino onde tudo o que é feminino é considerado como fraco. Assim, a violência contra as mulheres, dependendo da região geográfica, é passível de ser considerada normal, uma vez que o homem é o senhor da casa e a mulher deve ser submissa aos ataques violentos que seriam "naturais" nos homens. O mesmo ocorre em relação aos homossexuais, que, assim como as profissionais do sexo, seriam o "lixo do feminino apodrecido".

Sem possibilidade de disfarçar a diferença do outro que muitas vezes incomoda, como acontece com pessoas negras, homossexuais, judeus, japoneses, pessoas obesas, de estatura ou muito baixa ou muito alta, e tudo aquilo que não é considerado como bonito, agradável aos olhos e 'normal', o preconceito atinge um grau quase impossível de ser ocultado em face das pessoas com deficiências físicas. O estranho que salta aos olhos quando se vê alguém que manca, rasteja,

gesticula para se fazer entender; usa de outros artifícios para se comunicar, no caso dos deficientes auditivos; caminha usando bengalas especiais ou outros objetos para se locomover, como é o caso dos deficientes visuais, não consegue passar despercebido, e, logo, não se consegue ignorar sua presença.

Ver o outro em seu limite leva a perceber a possibilidade do eu também limitado. É o que escreve Silva (2006) em seu artigo sobre o estranhamento causado pela deficiência e a naturalização do preconceito em relação à diferença. Segundo a autora, na sociedade ocidental atual, onde a cultura se converteu em mercadoria, o outro com carências e impossibilidades evidenciadas ressalta o lado limitado que todos querem evitar para não sofrer exclusão e preconceito.

Não menos complexa é a inclusão das pessoas com paralisia cerebral quando se discute a educação inclusiva. É isso que mostra um estudo feito por Gomes e Barbosa (2006), para quem, apesar de cursos de capacitação, os professores ainda não se sentem aptos para atuar nessa realidade escolar, e muitos são contra essa atual política educacional. Segundo os autores da pesquisa, os resultados evidenciam a necessidade de serem revistas as posturas dos docentes, incluindo reflexões sobre valores, preconceito e crenças que pressupõem atitudes que não se desfazem apenas com cursos de capacitação. Faltam ainda, de acordo com os autores, experiências práticas, como o contato, nessas capacitações, com pessoas portadoras de necessidades especiais como a paralisia cerebral.

A questão da inclusão de portadores de deficiência e seus aspectos culturais, políticos, econômicos e sociais também foram estudados por Brumer, Pavei e Mocelin (2004), na cidade de Porto Alegre, em relação aos portadores de deficiência visual. Os preconceitos vivenciados por estas pessoas foram os mais variados possíveis. Como exemplo, uma mulher, candidata a vereadora da cidade, portadora

de deficiência visual, foi questionada quanto à sua capacidade para exercer o cargo, pois 'se pessoas normais não enxergavam o que faziam no governo, como ela, que nem visão<sup>5</sup> tinha, poderia fazer alguma coisa na política?'. Isso exemplifica que, apesar de leis que garantem ao portador de deficiência estudo, trabalho, entre outras tantas facilidades sociais a que tem direito, nem sempre este consegue ter acesso às oportunidades, e, mesmo quando consegue, estas não o protegem do preconceito.

A pesquisa de Albuquerque, Vasconcelos e Coelho (2004) sobre assentamentos foi realizada em Paraíba. O objetivo do estudo era avaliar a integração de assentados de um grupo do Movimento Sem Terra e de pequenos agricultores que pagaram por suas terras. Apesar de as pessoas, nesses grupos, terem histórias parecidas (pessoas de baixa renda, procurando um lugar para plantar e melhorar sua condição de vida) e residirem numa mesma região, não havia nenhum aspecto que pudesse uni-las em torno de objetivos comuns. O preconceito e os conflitos intergrupais estavam presentes nas comunidades envolvidas, principalmente, segundo os autores, por questões relacionadas à ausência de políticas públicas.

Seja como for, ambos os grupos apresentavam descontentamentos em relação ao outro. Para os assentados, os pequenos agricultores eram desorganizados, individualistas e acomodados por não lutarem mais por seus direitos. Já os pequenos agricultores consideravam os assentados baderneiros, invasores, desonestos, preguiçosos, privilegiados pelo governo e violentos.

---

<sup>5</sup> Visão, neste caso, está sendo relacionada à cegueira no sentido fisiológico da pessoa em questão.

O que podemos perceber nesses artigos, teses e dissertações, é que há diferentes aportes teóricos, metodológicos e epistemológicos sobre a questão do preconceito, podendo esta aparecer ora como fundo, ora como figura principal das pesquisas, circulando em vários lugares, sob vários tons, vários aspectos e contextualizações.

Tomadas como exemplos, essas produções trazem à tona algumas reflexões que fazem parte do nosso objeto de estudo. Pretendemos extrapolar questões sobre etnia, raça, sexualidade, ou qualquer outra característica que venha a demarcar um preconceito que consideremos ser adjetivado. Procuraremos o preconceito nos repertórios do dia-a-dia, ou seja, aquele que se faz presente em qualquer lugar. O desafio é pesquisar o preconceito em suas mais diferentes faces e formas de se apresentar no cotidiano, nas práticas discursivas que permeiam as interações humanas.

A tentativa será – diferentemente dos artigos e pesquisas até então encontrados – de alçar um vôo livre, em que os ventos dos discursos das pessoas poderão nos levar a diferentes paisagens dos preconceitos, independente do lugar do pouso. Não fugimos dos lugares demarcados, dos nichos de preconceitos. Apostamos, sem querer generalizar, que o preconceito está circulando nas práticas discursivas cotidianas de todos nós, podendo ou não atingir-nos, causando ou não sentimentos que mobilizem ou não ações ou reações a essa situação.

Mais do que histórias de vida, queremos compreender como as pessoas concebem e percebem o preconceito entendido como uma prática social. Para isso, iremos contactar diferentes personagens da vida cotidiana, sem estabelecer critérios de seleção, etnia, posição social, ou qualquer que seja o pré-requisito. Afinal, segundo Boaventura Santos (2005), há urgência em dar respostas a

perguntas aparentemente simples, pois por aí também se chega ao mais profundo da nossa perplexidade individual e social, para dar sentido até mesmo às nossas práticas como pesquisadores reconhecidos e fazedores da ciência.

Entendemos que Boaventura Santos coloca uma preocupação básica que é tácita e absolutamente impossível de ser descolada da vida acadêmica: não fazer de uma pesquisa mais um caderno grande encapado, empoeirado e enrijecido na prateleira de uma biblioteca, não só pelo tempo, mas pela teoria nele contida. Ou seja, que pelo caminho aparentemente óbvio de um assunto, se chegue a alguma mudança na prática e no comprometimento social, nem que seja para atingir somente o próprio pesquisador em sua postura de vida.

Sendo assim, procura-se o preconceito: o meu, o seu, o nosso preconceito do dia-a-dia.

## 1.2 O PRECONCEITO EM DIFERENTES OLHARES TEÓRICOS

Como já dissemos, nosso olhar sobre a questão teórica do preconceito, a exemplo dos artigos e teses pesquisados, por princípio terá que respeitar a diversidade de conceitos sobre o tema. Evidentemente, iremos nos ater às Ciências Sociais por uma questão de afinidade de campo de pesquisa e de entendimento de ser humano. Iniciaremos então por um conceito mais próximo daquilo que podemos chamar de senso comum, pois um dicionário está mais perto das mãos da população em geral do que os livros especializados.

Preconceito, então, segundo o dicionário Aurélio (1999, p.1.625), apresenta a seguinte definição:

Preconceito - (de pré + conceito) 1. Conceito ou opinião formados antecipadamente, sem maior ponderação ou conhecimento dos fatos; idéia preconcebida. 2. Julgamento ou opinião formada sem se levar em conta



o fato que os conteste; prejuízo. 3. P. ext. Superstição, credence; prejuízo. 4. P. ext. Suspeita, intolerância, ódio irracional ou aversão a outras raças, credos, religiões, etc.

Pensamos que tal definição é preciosa por nos aproximar de um entendimento mais próximo do cotidiano das pessoas. Acreditamos, no entanto, que, para uma discussão mais aprofundada, é necessário fazer uma imersão nas teorias existentes. Começaremos essa exposição com a trajetória histórica do interesse acadêmico pelo preconceito e, posteriormente, apresentaremos suas diferentes conceituações, a partir de variados lugares teóricos, pois entendemos que essa aproximação sem pré-conceitos se faz salutar e propicia uma visão mais ampla da temática.

### 1.2.1 O Preconceito como Tema de Interesse para as Ciências Sociais

O estudo sistemático do preconceito, segundo Lima e Pereira (2004), teve início apenas no século XX, tendo como principal autor G. W. Allport, que, na década de 1950, publicou o livro *A Natureza do Preconceito*, que se tornou inspiração não só para esse tema, como também para estudos sobre a discriminação e os estereótipos.

Na Psicologia, o tema aparece com ênfases que refletem as mudanças históricas e sociais, assim como as normas vigentes nas diferentes épocas. As evoluções tanto metodológicas quanto teóricas foram acontecendo, a saber: na década de 1920 o preconceito era visto como atitudes normais frente a grupos sociais considerados até então como 'inferiores'; nas décadas de 1940 e 1950, surgem as primeiras teorias sobre questões intra-individuais como frustração-agressão e personalidade autoritária; e, nas décadas de 1970-1990 apareceram teorias que enfatizavam relações intergrupais, trabalhando com temas como identidade social, conflito intergrupar e categorização social.

O que Lima e Pereira (2004) pontuam é que nos séculos XVIII e XIX, e até a primeira metade do século XX, não havia preocupação quanto à questão do preconceito, pois este era visto de certa forma como algo natural, decorrente das formas sociais hierárquicas da época. Foi apenas por volta das décadas de 1940-1960, com as críticas aos regimes nazi-fascistas que levaram à Declaração dos Direitos Humanos (1948) e aportes dos movimentos feministas, entre tantos outros movimentos sociais na Europa, EUA e África do Sul, que a questão do preconceito foi sendo revista.

Desses movimentos, talvez pelo seu pioneirismo e maior abrangência mundial, a Declaração Universal dos Direitos Humanos foi aprovada na Liga das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, atingindo, enquanto proposta de maior tolerância, quase todas as nações, visando maior respeito à vida humana. Formulada a partir do Conselho, com representantes de vários países, essa declaração, com 33 artigos, teve por objetivo pontuar valores humanos básicos, desde direitos de liberdade e igualdade, até questões de saúde, moradia e educação, além de livre expressão.

A tentativa, segundo Alencar (2002), era de atingir todos os povos e nações em torno de um ideal comum, em que o esforço maior seria colocar a generosidade e a solidariedade acima das diferenças que, à época, haviam levado muitos países a conflitos sangrentos. Era o consenso em torno da paz mundial almejada. Foi este o início de uma virada social, em que movimentos voltados aos direitos de minorias começaram a surgir, a exemplo das feministas.

No entanto, como o próprio autor afirma, esta Declaração também foi feita a partir de um contexto social e histórico, e, nos dias de hoje, mais de 50 anos depois, apresenta lacunas que deveriam ser discutidas com a máxima urgência.

Incluem-se aí questões ecológicas e dos direitos das mulheres, a regulação da exploração nas especulações econômicas e o direito à diversidade cultural e à diferença em cada país-membro.

Lacunas nas leis universais de Direitos Humanos; lacunas no direito de ter direitos, de ser e fazer diferente, de poder ir e vir, sair e entrar, aceitar ou negar. Lacunas sociais, econômicas, culturais, históricas... Não estaria aí um dos cerne da questão do preconceito?

De modo a investigar as teorias existentes sobre esse tema complexo, foi necessário fazer um exercício de classificação das abordagens teóricas citadas na literatura consultada para não cair num profundo poço sem fundo, e, por questões até mesmo de tempo e afinidade científica, o critério de escolha das teorias e dos autores que falam sobre o preconceito foi o de priorizar aqueles que mais se aproximavam da Psicologia Social. As escolas selecionadas foram: a perspectiva cognitiva social, a interacionista simbólica, e a perspectiva que chamaremos de processos de exclusão social.

Para uma melhor visualização do que iremos expor a seguir, apresentamos, no quadro abaixo, as abordagens e os respectivos autores que teorizaram sobre o preconceito:

TEÓRICOS E TEORIAS		
Cognição Social	Interacionista Simbólica	Exclusão Social
Allport Tajfel Moscovici Jodelet	Goffman Harré	Adorno Sawaia Baumman

A partir deste momento, apresentaremos as três escolas e suas respectivas teorias. Iremos tecer, após cada perspectiva, comentários sobre suas diferenças e

confluências e, ao final de todas elas, procuraremos dar uma visão geral sobre o tema. Esse exercício de revisão teórica tem por objetivo subsidiar a proposta desta pesquisa de compreender como o preconceito permeia a relação das pessoas no dia-a-dia.

### 1.2.2 Preconceito na Perspectiva da Cognição Social

Foi no ano de 1956 que Jerome Bruner e George Miller difundiram a idéia da cognição e propuseram um amplo debate no *Symposium on Information Theory*. Cognição é um termo com diferentes interpretações, mas duas merecem destaque: "informação ou conhecimento obtido pela experiência pessoal", e um sistema de "processos e conteúdos mentais interligados" mantendo relações de influência mútua com os demais estados. Na Psicologia Social, a conceituação mais utilizada, por ser considerada mais abrangente, é: "processos e conteúdos psicológicos individuais, estando presentes em tomadas de decisão, na seleção de comportamentos, na orientação da conduta e na organização da escala de valores" (KRÜGER, 2004, p.27).

Historicamente, a Cognição Social surgiu em 1970. Dentre vários autores que estudaram o assunto, foram Devine, Hamilton e Ostrom (1994, apud KRÜGER, 2004) os que mais se aproximaram de uma definição abrangente: "a cognição social refere a estruturas e processos psicológicos subjacentes a fenômenos psicossociais". Segundo esses autores, a cognição social seria uma teoria que pode analisar variáveis de "natureza interveniente, associadas à formação de impressões, percepção social, organização do *self*, inferência social, atribuição de causalidade, consonância cognitiva, formação e mudança de atitudes, valores, preconceitos e estereótipos sociais" (p.27).

Na Europa, os estudos de Henri Tajfel sobre identidade social e de Serge Moscovici sobre representações sociais, e a própria análise do discurso elaborada por vários autores, incorporaram aspectos relacionados à cognição social, pois tais tendências temáticas, metodológicas e teóricas da Psicologia Social de tradição europeia, segundo Krüger (2004, p.28), voltam-se "para tópicos como os das minorias sociais, relações interculturais, representações coletivas, estereótipos, formação e mudanças da identidade social e funções interpretativa e diretiva de sistemas ideológicos em processos políticos e socioculturais".

A cognição social apresenta seis pressupostos filosóficos, a saber: valorização da mente (tradição filosófica); realismo (lugar no mundo objetivo); cognoscibilidade (conhecimento de processos, conteúdos e cognição social por métodos e técnicas apropriados); admissão de inter-relações (considerando afetividade, comportamento, conduta etc.); possibilidade de suposições com orientação nomotética, e possibilidades de abordagem multidisciplinar.

A partir dessa breve apresentação do que vem a ser a Psicologia Social embasada na perspectiva da cognição social, entraremos agora na questão do preconceito propriamente dito, a partir de teóricos que pesquisaram este tema ou assuntos adjacentes.

Iniciaremos com a proposta de Gordon W. Allport, um importante pesquisador que estudou o preconceito. Sua obra, *La naturaleza del prejuicio*, escrita em 1954, inicia uma discussão sobre o tema que seria propulsora de tantas outras pesquisas sobre o assunto. Para o autor, o homem conseguiu grandes avanços no controle do sofrimento físico e da morte prematura, mas quanto às relações humanas é como se ainda vivesse na Idade da Pedra. Justifica essa afirmação argumentando que o homem, em tudo que faz em direção ao progresso, avança

também em direção contrária, pois acaba por provocar um outro lado prejudicial à própria existência, seja em questões econômicas, raciais, religiosas, mercadológicas ou ideológicas. Seriam antagonismos que caminham juntos desde o início da humanidade até os dias atuais. Para Allport (1971), é mais fácil destruir um átomo do que o preconceito. Por ser um processo complexo, histórico, cuja característica principal é sua não-singularidade, o preconceito não tem uma causa; ao contrário, pode apresentar causalidades múltiplas. Porém, em qualquer que seja a situação, o resultado será, segundo o autor, o mesmo: negativo.

A palavra 'prejuízo' deriva do latim '*praejudicium*' e passou por três transformações: 1) para os antigos, *praejudicium* queria dizer precedente, ou seja, juízo que se baseava em decisões e experiências prévias; 2) em inglês, mais tarde, significou juízo formado antes do devido exame e consideração, ou um juízo prematuro; 3) adquiriu mais recentemente um matiz emocional, em que o juízo prévio acompanha um estado favorável ou desfavorável. Pode-se dizer, então, que ter preconceito é pensar mal de outras pessoas sem motivo suficiente, ou ainda, estar seguro de algo que não se sabe. Allport (1971) pressupõe que esse falso julgamento pode acontecer devido à vida cotidiana ser muito rápida. As pessoas tendem a tomar para si verdades a respeito das coisas por não terem muito tempo para olhar mais de perto os assuntos cotidianos. Além disso, há certamente questões culturais, de valores, e históricas que vão se formando no decorrer do tempo. Por sua complexidade e causalidade múltipla, o preconceito deve ser tratado por vários ângulos e, como diz o autor, ecleticamente. Ele sugere alguns enfoques: histórico, sociocultural, situacional, psicodinâmico, e, ainda, um enfoque fenomenológico.

O preconceito acontece, segundo Allport (1971), a partir de alguns pressupostos: o endogrupo (família, grupos próximos como o religioso, de amigos etc.) traz fortes referenciais às pessoas e é vital para a sobrevivência pessoal. Em forma antagônica, o exogrupo contrasta tudo o que envolve valores, costumes etc. com o endogrupo. Assim, o exogrupo é um inimigo natural de tudo aquilo que uma pessoa acredita ser, mas que não faz parte do seu endogrupo, o que não significa que necessariamente precise ser exterminado, mas é julgado por ser diferente e não pertencer ao grupo.

A tendência à generalização, para Allport (1971), é um outro grande problema no que se refere ao preconceito, e a história já teve provas disso, a exemplo do holocausto. O povo alemão acreditou ser uma raça superior e buscou exterminar os judeus, julgados por eles como uma raça inferior da humanidade. O autor aponta que, no caso do preconceito, a hostilidade nas relações pessoais pode ser dirigida a uma pessoa ou a um grupo inteiro, e formar, a partir disto, uma postura irracional generalizada.

A discriminação, segundo o autor, é outra característica da prática do preconceito, por se tratar de ação de uma pessoa em face de outra pessoa ou grupo. A diferença da discriminação (que é uma ação) em relação ao preconceito (entendido como julgamento) é a questão das conseqüências, pois na discriminação estas ocorrem imediatamente. Allport (1971) postula cinco graus de ação negativa, com crescente hostilidade: 1) falar mal (pode não haver ação direta); 2) evitar o contato (ignorar o outro); 3) discriminação (ação excludente visível e palpável, levando à segregação – que é uma discriminação institucionalizada); 4) ataque físico (ataque de violência ou semiviolência); e 5) extermínio (linchamentos, matanças, genocídios, a exemplo do que ocorreu com os judeus) (p.29). Concluindo, para

esse autor o preconceito estaria intimamente associado ao poder, e geralmente apresenta-se como uma cegueira assustadoramente conformada com costumes sociais e históricos/culturais dominantes de uma dada sociedade.

Henri Tajfel (1981) também pesquisou o preconceito. Para ele, a identidade social passa pelo autoconceito do indivíduo, que se reconhecerá ou não como filiado a um ou vários grupos sociais, contemplando também o aspecto emocional e o valor atribuído a essa filiação (podendo ser este positivo ou negativo). A importância do pertencer a um grupo é inegável, pois é nessa rede de socialização que um indivíduo estabelece crenças, identidade social, proteção e pertença. É também no grupo que o indivíduo organizará seu ambiente e formulará esquemas classificatórios, separando pessoas e objetos, e assim fará categorizações relacionadas diretamente com valores. Será, então, a divisão entre o nós e eles. Esse processo de filiação grupal está associado a processos emocionais e cognitivos, ou seja, ao reconhecimento de pertencer a um grupo diferente de outro.

A noção de identidade social, para Tajfel (1981), é aquela parte do "autoconceito do indivíduo que se deriva do reconhecimento de filiação a um (ou vários) grupo social, juntamente com o significado emocional e de valor associado àquela filiação" (p.63). São estas algumas consequências desse reconhecimento de pertencer a um grupo: a) o indivíduo busca um novo grupo se este contribuir para melhorar os aspectos positivos de sua identidade social; b) deixa o grupo que não contribuiu positivamente para a sua identidade, a menos que isto seja impossível; e, c) na impossibilidade de abandonar o grupo, pode reinterpretar os atributos deste, tornando-os mais aceitáveis, ou esforçar-se para melhorar a posição que o grupo ocupa na sociedade. Esses movimentos acabam por estimular a



comparação com outros grupos, podendo impulsionar atitudes e ações discriminatórias em relação a eles.

O conceito de *Estrutura de Crença e de Mobilidade Social* é importante para Tajfel (1981), pois significa que é possível que grupos possam tanto ser flexíveis e mutáveis, como o oposto disso: imutáveis e rígidos. Tais regras ocorrem por meio de leis, normas, regras e sanções, para preservar, no caso da sociedade, o *status* e lugar elevado de um grupo em relação a outros, desfavorecidos e sem prestígio. Essa situação pode ser modificada, caso haja consenso dos grupos quando ambos estiverem lutando por um objetivo em comum.

Como pesquisador, Tajfel procurou compreender o que levava uma pessoa a emitir diferentes julgamentos nas mais variadas situações. Para ele, a forma como as pessoas percebem as diferentes categorias sociais não é fruto de um processo universal, mas um produto da assimilação de valores e normas sociais da cultura à qual pertencem. As avaliações positivas ou negativas que fazemos dos grupos sociais é fruto da aprendizagem e transmissão por meio de um processo de assimilação desde a infância. Esse pesquisador estudou a questão dos estereótipos sociais e, segundo ele, haveria quatro principais funções para eles acontecerem: a cognitiva (similar à da categorização), a preservação do sistema de valores, a ideologia e a diferenciação em relação aos outros grupos. Teriam também o objetivo de diminuir a diferença entre as pessoas pertencentes ao mesmo grupo, sendo o inverso também proporcional. Sua grande contribuição, no que concerne às questões do preconceito e do estereótipo, foi ter demonstrado, em suas pesquisas, que a categorização afeta tanto a inclusão quanto a exclusão das pessoas nos grupos sociais (ESTRAMIANA, 2006).

Apesar de Serge Moscovici não pesquisar diretamente a questão do preconceito, sua teoria sobre as Representações Sociais conduziu a um novo modo de olhar a Psicologia Social, sugerindo um estreito laço entre as Ciências Psicológicas e as Ciências Sociais. No Brasil, a Teoria das Representações Sociais surgiu na década de 1970, em estreita relação com o desenvolvimento da Psicologia Social crítica brasileira, na época em que algumas instituições de ensino começaram a ter uma postura crítica, tanto em relação à Psicologia americana quanto ao papel servil da ciência em relação às questões de ordem social, em especial a macrosocial (SPINK, 1996 apud OLIVEIRA; WERBA, 1998).

Para Moscovici (2003), a não definição fechada e engessada desta teoria é seu marco diferencial. Uma das possibilidades de entendimento do conceito de representações sociais é que estas seriam formas de conhecimento socialmente elaboradas e partilhadas, cujo propósito seria transformar algo não familiar em familiar, expressando uma mediação entre o sujeito psíquico e a realidade social. A representação é uma ação simbólica de um sujeito em relação ao mundo, mas seu processo de produção é social. Jodelet (apud SÁ, 1993) complementa essa definição conceituando representação social como segue:

O conceito de Representação Social designa uma forma específica de conhecimento, o saber do senso comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos generativos e funcionais socialmente marcados. Mais amplamente, designa uma forma de pensamento social. As Representações Sociais são modalidades de pensamento prático orientadas para a comunicação, a compreensão e o domínio do ambiente social, material e ideal (SÁ, 1993, p.32).

As representações sociais são sistemas de interpretação da realidade e têm caráter histórico; não constituem, portanto, uma construção definitiva, pois apresentam certa plasticidade. Podemos apresentar quatro pontos cruciais da Teoria

das Representações Sociais: 1) concebe a racionalidade, crenças coletivas, ideologias, senso comum e saberes populares como sistemas coerentes de signos; 2) repulsa o dualismo indivíduo-mundo social: não existe sujeito sem sistema nem sistema sem sujeito, e nada é estático, pois há um conflito entre os dois e com isso se dá o movimento; 3) é uma teoria elástica e complexa para entender a diversidade dos problemas e dos fenômenos novos, ao procurar descrever ou explicar; e, 4) sua metodologia de pesquisa é polissêmica, sem apego a metodologias quanti-quali-específicas (MOSCOVISCI, 2003, p.11).

A Teoria das Representações Sociais vê o sujeito como um ser que, com sua atividade e relação com o objeto-mundo, constrói tanto o mundo como a si próprio. Sua base está na realidade e envolve a dimensão cognitiva, a afetiva e a social. É na vida, ou na convivência com os outros, que pensamentos, sentimentos e motivações humanas se desenvolvem. É nas negociações com o outro, ou com outros indivíduos e grupos, que temos consciência de que os processos se desenvolvem. Daí a importância da representação para esta teoria.

A partir dessa perspectiva, anos mais tarde surge um conceito que pode vir a ser incorporado como possibilidade de compreensão a respeito do preconceito no cotidiano. Trata-se do estudo sobre alteridade, na Psicologia. A principal pesquisadora desse tema, na perspectiva da Teoria das Representações Sociais, é Denise Jodelet (1998). Esta autora escreve que

[...] ao designar o caráter do que é outro, a noção de alteridade é sempre colocada em contraponto: "não eu" de um "eu", "outro" de um "mesmo"... é um produto de duplo processo de construção e de exclusão social que, indissoluvelmente ligados como os dois lados duma mesma folha, mantém sua unidade por meio dum sistema de representações (JODELET, 1998, p.47-48).

Essa compreensão tem que se dar tanto no nível interpessoal como no intergrupar, e supõe-se que a passagem do próximo ao *alter* traz consigo o social por meio da pertença a um grupo, sustentando assim os processos simbólicos e materiais da produção da alteridade. Desse modo, a alteridade pode também ser entendida como produto do duplo processo de construção e de exclusão social, podendo até gerar mais esta última.

Na Psicologia Social, o termo *produção da alteridade* se refere ao processo de elaboração da diferença em relação a um *outro*, sendo orientada para o interior do próprio grupo em termos de proteção, e para o exterior em termos de desvalorização do diferente, associando, num mesmo movimento, a construção da identidade e a exclusão da diferença. Já o 'objeto alteridade' acha-se situado no plano do vínculo social, em que a relação entre um ego e um *alter* implicará apenas esse plano, quaisquer que sejam os contextos de inclusão. Será um substantivo elaborado no seio de uma relação social e em torno de uma diferença. Jodelet (1998) diz ainda que, para entender a elaboração da diferença na alteridade,

convém voltar-se para as relações sociais engendradas pela organização e funcionamento social, mostrando que a produção da alteridade associa, num mesmo movimento, uma construção e uma exclusão. É levando em conta os processos simbólicos e práticos de marginalização que se pode estudar a alteridade como forma específica de relação social, superando a sua definição puramente negativa de que o outro não é o mesmo (JODELET, 1998, p.52).

Joffe (apud ARRUDA, 1999), discorrendo sobre alteridade, traz o conceito de "outro" como algo amplamente empregado na teoria feminista e cultural, e geralmente aplicado aos que estão excluídos, subordinados a grupos de pessoas que se consideram donas das idéias dominantes. Ela cita Said (1978), que postula que ser o "outro" é ser objeto de fabricações de alguém diferente e, com isso,

deixa de ser um sujeito com poder e voz, podendo ser depreciado, como no caso dos judeus, sob o pretexto de serem diferentes.

Jovchelovitch (1999) também discute a questão da alteridade, e postula que "a consciência do outro em sua alteridade, ou seja, a consciência da diferença, é um problema de proporções históricas e de contínua importância na vida de grupos e comunidades" (p.69). Ela cita Sartre, dizendo que, na perspectiva a partir da qual esse filósofo compreendeu o mundo, a alteridade seria um inferno, uma vez que a presença de outros envolve um sistema de diferenças e distinções que é impossível de ser evitado. Mesmo não concordando com este olhar sartriano, ela aponta que cada um de nós é inter-subjetivo, e "o reconhecimento de que a alteridade atravessa o que somos tem consequências não apenas para o que fazemos, mas para o modo como fazemos o que fazemos". O incômodo que o *outro* oferece é o de uma vida onde a onipotência do desejo do sujeito é um sonho em vão, pois estará "limitado pelo desejo do *outro*, pelo seu olhar, seu gesto e reconhecimento" (JOVCHELOVITCH, 1999, p.74). Esse olhar limitador do outro pode conter a:

onipotência dum olhar autocontido, um olhar certo de si mesmo e da verdade que impunha. Para este olhar, o *outro* não existe, e com seu desaparecimento simbólico, comunidades são destruídas, direitos individuais são postos em questão, saberes sociais tornam-se uma ameaça, e o viver, de fato, pode tornar-se um inferno. Contra essa sombria visão, nossa única alternativa e esperança seria a resistência ativa deste *outro* (JOVCHELOVITCH, 1999, p.75).

Dentro desta perspectiva, o que podemos afirmar, resumidamente, é que: a questão do preconceito, sob o olhar da Cognição Social, fez-se presente a partir da reflexão de Allport (1971), que indicou que as pessoas estão sendo o tempo todo expostas a conceitos, valores etc. pelo meio cultural e histórico, podendo ser

aceitas ou afastadas, dependendo do contexto no qual estejam inseridas. Tajfel (1978) disse que o indivíduo busca sua identidade social através de sua inserção num grupo social, e assim reconhecerá 'o nós e o eles', podendo iniciar atitudes de comparações e ações discriminatórias ou não. Para ele, os conceitos e normas sociais são aprendidos na infância, com grande influência cultural. A Teoria das Representações Sociais considera o senso comum como um sistema de representação da realidade, com suas ideologias, crenças coletivas, entre outros, onde tanto o sujeito quanto o sistema social estão em constante mudança. A questão da alteridade aparece nesta linha de pensamento, sendo tema aprofundado pelos estudos de Jodelet (1999), onde o mesmo é compreendido como um processo de exclusão e inclusão nas relações sociais, em que a diferença poderá aproximar ou refratar o outro, dependendo do que este vier a representar: algo positivo ou negativo para a harmonia do grupo, ocorrendo aí relações de poder.

### 1.2.3 Preconceito na Perspectiva do Interacionismo Simbólico

O Interacionismo Simbólico tem sua história demarcada por dois pesquisadores que participaram da era conhecida como "a Escola de Chicago": George Mead e Erving Goffman. De todos os representantes da Escola de Chicago, foi Mead quem exerceu maior influência na Psicologia Social e no seu desenvolvimento como ciência. Para ele, o conhecimento deveria estar vinculado à ação (ÁLVARO; GARRIDO, 2006).

Foi na Escola de Chicago que a pesquisa empírica, com temas urbanos relacionados a problemas sociais emergentes (imigração, europeus instalados na cidade, criminalidade, delinqüência) e com o emprego de novos métodos qualitativos de pesquisa (diversas fontes documentais, documentos pessoais e trabalho de

campo), começou a ser valorizada. Para Mead, a conduta individual e as regularidades dos grupos sociais não poderiam constituir entidades isoladas e independentes. Ele valorizou não apenas o trabalho de campo (observação, entrevista, testemunho, observação participativa), mas também a utilização de documentos pessoais, como autobiografias, diários e relatos feitos pelos próprios indivíduos. Ou seja, escolheu metodologias múltiplas para seu trabalho (PORTUGAL, 2006).

Mead postulava não haver dicotomias tais como: mente-corpo, indivíduo-sociedade, biológico-cultural. Ele acreditava numa perspectiva processual; por exemplo, para ele a linguagem "surge e reside dentro do campo da relação entre o gesto de um organismo humano e sua subsequente conduta na medida em que é indicada ao outro organismo por este gesto" (PORTUGAL, 2006, p.114). É na linguagem que ocorre a evolução da pessoa, e é na forma desse gesto vocal que acontece a interação simbólica (ÁLVARO; GARRIDO, 2006).

Postulou, também, que a significação é construída objetivamente como relação entre certas fases do ato social, num processo relacional que envolve o gesto de um organismo, sendo o ato social já incluso neste gesto, assim como a reação do outro a essa ação (PORTUGAL, 2006).

Já o indivíduo, para Mead, é concebido como um efeito da experiência e não como seu produtor; indivíduo e sociedade seriam, então, produtos de um mesmo processo pré e extra-individual, histórico e contextual. O ato social envolveria sempre o outro (uma relação), sendo simultaneamente agente e objeto neste processo. A mente não é um produto espontâneo de um indivíduo, mas a expressão de formas organizadas de experiências sociais. A pessoa emerge no processo social organizado na medida em que se torna objeto para si; ou seja, além da consciência dos objetos percebidos haveria a consciência de si (PORTUGAL,

2006). Conseqüentemente, o indivíduo estaria sempre numa posição de agente ativo diante das influências do meio (ÁLVARO; GARRIDO, 2006).

Esses, entre outros pressupostos teóricos de Mead, fizeram dele um inaugurador de idéias controversas e pouco aceitas na época, pois era o positivismo quantitativista que vingava nas academias, onde o que fosse mensurável era o que se considerava como ciência.

Goffman fez do seu trabalho uma reflexão sobre delinqüência, doença mental e processos de estigmatização. Trabalhou com observações, privilegiou análises etnográficas sobre as relações entre as instituições sociais e as categorias subjetivas e pesquisou, entre outros temas, a construção da carreira de doente e do "eu" na vida cotidiana. Suas observações são ricas do ponto de vista metodológico, pois ele usou a análise qualitativa a partir de situações sociais reais não controladas. Ele considerava que a metáfora da estrutura é essencial para a compreensão da vida social – e por estruturas queria dizer o conjunto de percepções construídas socialmente que formam o contexto de qualquer interação específica (PORTUGAL, 2006).

Um dos temas pesquisados por esse autor é o estigma. Para Goffman (1975), estigma é tudo aquilo que é diferente do que o grupo social considera como "normal". A pessoa estigmatizada é aquela que está inabilitada para a aceitação social plena. Em nosso entendimento, isso reforça a questão da aproximação entre o preconceito e o estigma, uma vez que um poderá gerar o outro.

O estigma não é algo novo ou mesmo contemporâneo. Sabe-se, pela história, que o termo foi criado na Grécia clássica, época em que as pessoas eram marcadas com sinais no corpo; o sinal significava que essa pessoa não era bem-vinda na convivência social entre pessoas que se julgavam normais e



absorvendo os valores da época (GOFFMAN, 1975). Para esse autor, a sociedade que se autodenomina normal trata a "diferença" como se esse outro diferente não fosse humano; assim, a discriminação e o medo do perigo que este "estranho" representa levam-no a ter menores chances de sobrevivência social, pois provavelmente ficará excluído e distante das relações sociais cotidianas.

Se a pessoa é considerada inabilitada para a convivência social plena, a sociedade estabelece meios de categorizá-la limitando-a ou mesmo impedindo-a de cumprir seus papéis sociais. Esse é um processo de julgamento, pois impomos a outra pessoa nossas expectativas e o que pensamos que ela deveria ser (a partir de nossas demandas pessoais e sociais). Buscamos uma identidade social virtual (expectativas sobre o que o outro possa ser) e nos deparamos com a identidade social real (atributos reais que a pessoa de fato possui). É justamente nessa discrepância entre o que esse indivíduo é (real) e o que achamos que ele seja (virtual) que ocorre o julgamento, logo, o estigma. Assim, surge no estigmatizado a sensação de não saber o que os outros estão pensando dele (GOFFMAN, 1975).

Freqüentemente, a pessoa estigmatizada tenta se aproximar dos que a julgam, procurando adaptar-se, para não ser diferente do outro que lhe imputa valores. A condição para ser aceito pelo que se considera normal exige do estigmatizado enfrentar situações difíceis para manter uma convivência harmônica:

Quando uma pessoa estigmatizada adota essa posição de bom ajuste, diz-se com freqüência que ela tem um caráter forte e uma profunda filosofia de vida talvez porque nós normais desejamos encontrar uma explicação para a sua força de vontade e a sua habilidade de agir assim (GOFFMAN, 1975, p.132).

Para esse autor, "O normal e o estigmatizado não são pessoas, e sim perspectivas que são geradas em situações sociais durante os contatos mistos,

em virtude de normas não cumpridas que provavelmente atuam sobre o encontro" (GOFFMAN, 1975, p.149).

Esse pesquisador, segundo Giddens (2003), foi um importante e persistente estudioso das rotinas da vida cotidiana, oferecendo importantes esclarecimentos a respeito do caráter da integração social, estando elas presentes ou ausentes, com importantes contribuições para a "exploração das relações entre a consciência discursiva e a consciência prática nos contextos de encontros" (GOFFMAN, 1975, p.81).

Goffman propõe uma análise microsociológica da interação social que, entretanto, não possui um caráter individualista. Para ele,

os papéis que representamos e as máscaras que utilizamos para realizar nossa representação/apresentação diante dos outros estão prescritos socialmente, ao mesmo tempo em que são produtos dos acordos aos quais chegamos no decorrer da interação

e, embora existam normas sociais, essas não regulam necessariamente a ação das pessoas (ÁLVARO; GARRIDO, 2006, p.210).

Outro autor que, a nosso ver, dialoga com a perspectiva interacionista é Rom Harré. Dentre seus estudos importantes, um deles foi sobre a noção de regras. Para ele, essas devem ser entendidas a partir da Psicologia Social, pois são "normas locais sobre o que é conduta apropriada ou inapropriada, e as ações das pessoas, e o que dizem a respeito delas, devem ser tratadas em relação ao conjunto de regras que guiam a ação social" (ÁLVARO; GARRIDO, 2006, p.329).

As teorizações de Davies e Harré (1990) sobre posicionamento são particularmente relevantes para pensar o preconceito no cotidiano. Esse conceito apresenta-se muito mais dinâmico do que, por exemplo, a identidade, que nos dá a noção de algo mais estrutural ou mesmo fixo. Já o posicionamento, segundo os autores, é fluido e contextual, em que pessoas ocupam posições, conscientemente

ou não, como parte do processo de interação. Ou seja, são as diversas maneiras como as pessoas, pelas práticas discursivas, irão produzir suas realidades psicológicas e sociais.

Desta forma, a conversação é tida como uma ação conjunta para a produção de atos de fala e o 'posicionamento' é um fenômeno da ordem da conversação. A conversação se desenrola por meio da "ação conjunta de todos os participantes na medida em que eles fazem (ou procuram fazer) as ações, suas e dos outros, socialmente categóricas (determinante)" (DAVIES; HARRÉ, 1990, p.2). O 'significado social' do que foi dito depende do posicionamento dos interlocutores, pois estes são, por si mesmos, produto das forças sociais.

Essa institucionalização da linguagem pode ser disciplinar, política, cultural ou de pequenos grupos; pode competir entre si e criar versões diferentes da realidade e, ainda no que diz respeito ao conhecimento, esse conhecer alguma coisa é sempre em termos de um ou mais discursos. Nessa teoria social, o discurso possui um papel semelhante ao dos 'esquemas conceituais' (compreendido como discurso, processo público multifacetado por meio do qual os sentidos são alcançados de forma progressiva e dinâmica). É por meio das práticas discursivas que o sujeito vê o mundo e se posiciona em relação ao outro nas relações sociais. "Um indivíduo emerge dos processos de interação social não como um produto final fixo, mas como um que é constituído e reconstituído através das várias práticas discursivas nas quais participa." (DAVIES; HARRÉ, 1990, p.3). Logo, quem somos sempre será um leque de possibilidades, uma pergunta aberta, pois dependerá de nossas práticas discursivas cotidianas, bem como das dos outros, além das histórias que farão sentido para ambos.

Os autores também conceituaram o que seria a multiplicidade do *self*. Para eles, nossos sentidos pessoais e de como o mundo deve ser interpretado na perspectiva de quem achamos que somos envolvem os seguintes pressupostos: 1) há a aprendizagem das categorias (as pessoas são incluídas e excluídas); 2) quando ocorrem as práticas discursivas, as categorias anteriormente citadas ganham sentidos, incluindo aí a história de vida de cada um e, assim, ocorrem diferentes elaborações das posições das pessoas; 3) há o posicionamento do *self* em relação às categorias (como pertencer a uma destas); e 4) quando uma pessoa se auto-reconhece como membro de uma categoria de classe, ocorre um desenvolvimento da forma de ver e de pertencer ao mundo, fazendo-nos posicionar e nos comprometer moral e emocionalmente com relação a este grupo por conta do sentimento de pertença.

Quanto à dinâmica, mesmo não sendo intencional, o posicionamento funciona por meio de um processo discursivo em que os *se/ves* são situados nas conversações como participantes, sempre coerentes com as histórias conjuntamente construídas. Pode haver posicionamento interativo (situação onde uma pessoa diz algo e posiciona a outra) e posicionamento reflexivo (quando nos autoposicionamos). Essa flexibilidade deriva do fato de que as pessoas, como locutores, apesar das crenças sobre si mesmas, estarão sempre em mudança, seja na forma de pensar ou de agir, à medida que as práticas discursivas interagem e mudam e, conseqüentemente, elas assumem posições nas mais variadas linhas de história. Isso acontece porque esses *se/ves* podem ser contraditórios.

Sendo assim, diferentemente do conceito de papéis, em que a pessoa pode ser separada do papel que ela assume, a questão da posição aparece como um "conceito organizador central para analisar como as pessoas fazem o ser

pessoa, nós nos deslocamos para uma concepção diferente da relação entre pessoas e suas conversações" (DAVIES; HARRÉ 1990, p.14). Davies e Harré apontam ainda que:

Com o posicionamento, o foco está na maneira como as práticas discursivas constituem os locutores e ouvintes podem negociar novas posições. Uma posição de sujeito é uma possibilidade dentro de formas conhecidas de falas; a posição é o que é criado na e por meio da fala à medida que locutores e ouvintes assumem-se como pessoas. Esta forma de pensar explica as descontinuidades na produção do *self* a partir das múltiplas e contraditórias práticas discursivas e das interpretações destas práticas que podem ser trazidas por locutores ouvintes para a situação, ao se engajarem em conversações (p.14-15).

Spink (1999) afirma que posicionar-se é como que navegar "pelas múltiplas narrativas com que entramos em contato e que se articulam nas práticas discursivas". Para a autora, a questão do posicionamento é onde acontece o processo de interanimação dialógica, no qual os *se/ves* serão "situados nas conversações como participantes observáveis e subjetivamente coerentes", especialmente se pensados em termos das suas histórias, pois, embora realizadas em conjunto, haverá sempre uma "linha de história" produzida em determinados contextos.

A abordagem interacionista simbólica muito contribuiu para a Psicologia Social contemporânea. Num breve destaque temos Mead, para quem todo conhecimento deve estar relacionado à ação, sendo a linguagem um fator importante na evolução da pessoa e na interação simbólica; Goffman, que privilegiou o trabalho com observações da vida cotidiana, utilizando metodologias qualitativas diversas, e estudou pessoas estigmatizadas usando a análise microssociológica da interação social; Davies e Harré, que, em suas teorizações sobre posicionamento, nos apontam que é nas conversações, ou seja, nas práticas discursivas, que os

posicionamentos sociais ocorrem, ou seja, é na interação social que o indivíduo é constituído e reconstituído enquanto ser histórico.

#### 1.2.4 Preconceito na Perspectiva dos Processos da Exclusão Social

Os teóricos da Escola de Frankfurt, Adorno, Benjamin, Marcuse, Horkheimer, entre outros, tiveram como ponto comum tentar compreender a modernidade como uma totalidade. Como princípios básicos e norteadores da Teoria Crítica temos: 1) a noção de crítica consistiria em examinar e colocar em suspenso qualquer juízo sobre o mundo para sua própria interrogação; 2) a crítica ao positivismo nas ciências humanas, diferente do positivismo, que anula o homem como ser, a Teoria Crítica inspirada em Kant, considerava o homem como um ator autônomo e responsável que sabe o quê e porque faz, como ser social em interação com outros seres sociais que agem num contexto sociocultural determinado, numa dinâmica regida por um conjunto complexo de regras, cujos significados interpreta e decide seguir ou não. As estruturas sociais aparecem como uma oportunidade, cuja dinâmica se constrói permanentemente, atravessada pelas motivações e razões dos seus atores; 3) a abordagem "micrológica", modelo de pesquisa calcado na escolha do detalhe, do particular, mas que vislumbra o todo. Não se trata de método, mas de um contramétodo, um antídoto às metodologias lógicas derivadas de estruturas engessadas; 4) as tentativas de aproximações teóricas entre Freud e Marx. Para os frankfurtianos, a teoria proposta por Marx não dava conta da complexidade do mundo da modernidade, especialmente se pensada em termos do exemplo nazista, que mobilizou a nação alemã num movimento de preconceito generalizado contra os judeus. Sendo assim, a teoria psicanalítica, ao reconhecer a oposição entre desejo e razão, oferece uma linha de fuga teórica

considerada desde então fundamental como possibilidade de examinar a dinâmica social (SOARES, 2006).

Em relação ao preconceito, Adorno, Levinson, Sanford e Frenkel-Bruswik (1950) publicaram um estudo sobre a personalidade autoritária, que teve por objetivo verificar a relação entre a adesão a tipos de ideologias político-econômica, liberal ou conservadora e configurações de personalidade, predispostas ou não ao fascismo. Eram estudiosos da sociedade, e entendiam que tanto a ideologia quanto as personalidades eram mediadas socialmente, não podendo ser entendidas em si mesmas, mas pela configuração social (CROCHIK, 2005).

Sobre preconceitos e estereótipos, esses pesquisadores postulavam que, na constituição da personalidade, poderia haver influência das regras, valores e costumes sociais, dependendo da configuração social.

Crochik (1997), a partir de autores como Adorno e Freud, tece algumas reflexões, segundo as quais ninguém está imune ao preconceito. O autor traz algumas contribuições sobre o tema. Para ele, o preconceito é uma reação individual, assim como o estereótipo é um produto cultural, aparecendo sempre como uma realidade deturpada.

O preconceito seria um fenômeno que aponta para duas dimensões: a do indivíduo e a da sociedade. Para que uma pessoa se torne preconceituosa, segundo o autor, além da questão psicológica há também implicações quanto ao processo de socialização, pois é como fruto da cultura e da história que esse sujeito se transforma e se forma como indivíduo. A pessoa com preconceito desenvolverá esse comportamento em relação a diversos objetos: negros, judeus, pobres, entre outros. Essa postura preconceituosa sobre o objeto surge a partir da cultura. Sendo o sujeito produto da cultura, apesar de sua singularidade e mesmo com a

experiência, não consegue refletir o suficiente para desfazer seus objetos de preconceito, pois está imerso nesses valores.

Diz Crochik (1997, p.13): "a onipotência – manifestada ou velada – pela qual o preconceituoso julga-se superior ao seu objeto corresponde à impotência que sente para lidar com os sofrimentos provenientes da realidade". Desta forma, o indivíduo reagiria a um perigo real ou imaginário, podendo tanto atacar quanto ignorar o outro.

Como elementos que fazem parte do preconceito o autor aponta: 1) o estereótipo, que é produto cultural para o controle social e padronização, de modo a garantir o *status quo*, justificando assim a dominação e naturalizando uma situação de opressão; 2) a dominação, em que ocorre a subjugação real e imaginária que se faz presente quando há necessidade de julgar o outro, compensando a própria fragilidade sentida e não admitida. O autor afirma que "numa cultura que privilegia a força, o preconceito prepara a ação da exclusão do mais frágil por aqueles que não podem viver a sua própria fragilidade" (CROCHIK, 1997, p.23).

O antídoto para que haja uma possibilidade de mudança quanto ao preconceito seria a reflexão sobre si mesmo dos juízos formados através da experiência. No entanto, o preconceituoso não é susceptível à argumentação racional e, em muitos casos, nem mesmo à experiência, apresentando argumentações lógicas para não refletir.

Para Crochik, conceituar preconceito é complexo, por sua gênese e formação social, e, também, porque se situa como resultante de conflitos dentro de cada uma das dimensões da realidade social e individual: no social, dá-se na luta contra a natureza necessária para a autoconservação e na regulamentação para o convívio social e, no individual, entre os desejos do indivíduo e a possibilidade



de sua realização. O preconceito seria uma regressão social e individual, pois, apesar de todos os recursos que a civilização oferece nos dias atuais, o homem ainda necessita de confrontos com outros homens para garantir sua sobrevivência.

Para Heller (2000, p.43), "o preconceito é a categoria do pensamento e do comportamento cotidianos". Segundo ela, a compreensão dos preconceitos deve partir da esfera da cotidianidade, pois, em se tratando de preconceito, pensamento e comportamento têm a mesma implicação.

A ultrageneralização, inevitável na vida cotidiana, é uma estratégia aprendida pelas pessoas por meio das experiências ou das tradições. É característica de nosso pensamento e comportamento, e acontece quando assumimos estereótipos, analogias e esquemas já elaborados, transmitidos pelo meio em que crescemos (sendo que muitas vezes não se tem noção crítica dessa 'herança'). Preconceito seria, então, um tipo particular de juízo provisório, o que significa dizer que nem todo juízo é preconceito. A ciência não está neutra quanto a praticar juízos provisórios e preconceitos, quando refuta argumentos que possam trazer experiências novas, mas que não entram nos esquemas já estabelecidos das chamadas verdades científicas.

O que provocaria o preconceito, segundo a autora, seriam as interações sociais nas quais vivem os homens, especialmente pela diferença de classes sociais. Há muitos tipos de preconceito: preconceitos-tópicos (homens bons e maus), preconceitos morais, científicos e políticos, preconceitos de grupo, nacionais, religiosos, raciais etc. Quaisquer que sejam, contudo, sua esfera é sempre a vida cotidiana. Heller (2000, p.57) destaca que:

o homem predisposto ao preconceito rotula o que tem diante de si e o enquadra numa estereotipia de grupo. Ao fazer isso, habitualmente passa por cima das propriedades do indivíduo que não coincidem com as do grupo... há duas coisas que o homem predisposto nunca é capaz de fazer: corrigir o juízo provisório que formulou sobre um grupo baseando-se

em sua experiência posterior, e investigar acerca da profundidade da integração dos indivíduos em seus respectivos grupos. [...] O homem predisposto não se deixa impressionar sequer pelas qualidades éticas do indivíduo.

Como vemos, segundo a autora, o preconceito social, dependendo de sua generalização ou dominação, poderá apresentar ou não estereótipos. Outra característica importante é que a maioria dos preconceitos é produto da classe dominante, uma vez que esta deseja alimentar seu *status* de dominância. Em relação ao "outro", o desprezo, a antipatia, a indiferença sempre estiveram presentes, e são tão antigos quanto a própria humanidade. O homem com predisposição ao preconceito rotula o que tem diante de si e o enquadra numa estereotipia de grupo, passando por cima do "outro", desqualificando-o e, segundo Heller (2000), nunca estando disposto a corrigir seu juízo provisório, desconsiderando até qualidades éticas que esse "outro" possa apresentar.

É na estrutura antropológica permanente do preconceito que o movimento individual – particular – ocorre, dado o pragmatismo das relações sociais. Quando os grupos se sentem ameaçados, produzem constantemente preconceitos sociais, e assim satisfazem suas "demandas" do particular-individual. Todo preconceito é sempre considerado moralmente negativo "porque todo preconceito impede a autonomia do homem, ou seja, diminui sua liberdade relativa diante do ato de escolha, ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo" (HELLER, 2000, p.59). Esse círculo vicioso do preconceito, seja individual ou social, se perpetuará se cada um que é responsável pelo seu próprio julgamento não conseguir buscar o que a autora chama de "alternativa" para que haja uma libertação das escolhas que nos são mais conhecidas e, por conseqüência, acabam por recair nos mesmos juízos prévios do "outro".

Heller (1988) também se preocupou, em seus estudos sobre o "outro", com o sentido da moral: o que ela chama de "teoria da responsabilidade". Ela escreve: "importe-se com os outros seres humanos, bem como na sua formulação negativa: não prejudique nenhum ser humano intencionalmente" (HELLER, 1998, p.19). Alguns princípios são importantes para o evitamento do preconceito: 1) considerar a vulnerabilidade das pessoas, não ofendendo a elas ou aqueles que elas amam. Não desprezá-las, não envergonhá-las. Além disso, expressar amor, amizade e respeito pelas pessoas; 2) respeitar a autonomia das outras pessoas. Não violar-lhes o corpo ou a alma, não tutelá-las; 3) valorizar o mérito moral dos outros; 4) tentar diminuir o sofrimento dos outros.

Há outros autores que se debruçam sobre questões relacionadas a sofrimentos e sentimentos associados ao preconceito. Cabe citar Bader Sawaia (1999), que reflete a respeito da exclusão. Exclusão, segundo a autora, é um processo sócio-histórico que se configura pelos recalcamientos em todas as esferas da vida social e é vivido como necessidade do eu na forma de sentimentos, significados e ações. Segundo a autora, há diferentes qualidades e dimensões da exclusão, daí sua complexidade multifacetada, com configurações de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. Trata-se de processo sutil e dialético, uma vez que só existe em relação à inclusão, como parte constitutiva dela. Não é uma coisa ou um estado, mas um processo que envolve o homem por inteiro em suas relações com os outros. A exclusão não tem uma única forma e nem é falha do sistema: ela é produto do funcionamento do sistema.

Ao pesquisar o assunto, a autora opta pelo caminho da afetividade, por acreditar que o conceito de sofrimento ético-político deve incorporar a ética, a felicidade e o humano como critérios que se entrelaçam com o econômico e o

político quando se pensa o processo de inclusão perversa. Estudar a exclusão pelas emoções das pessoas que vivem esse processo é refletir sobre o cuidado que o Estado tem, ou não, com seus cidadãos: "Elas são indicadoras do (des)compromisso com o sofrimento do homem, tanto por parte do aparelho estatal quanto da sociedade civil e do próprio indivíduo" (SAWAIA, 1999, p.99).

As argumentações teóricas da autora, para compreender a questão da exclusão sob esta perspectiva, estão embasadas em autores como Heller, Espinosa e Vigotsky, por entender que eles concebem a emoção positivamente, como constitutiva do pensamento e da ação, coletivos ou individuais, bons ou ruins, como fenômenos objetivos e subjetivos que constituem, segundo essa visão, a matéria-prima da condição humana. Referindo-se ao conceito de dor, a autora reporta-se a Heller, que a postula como sendo própria da vida humana, logo, um aspecto inevitável. Seria algo que emana do indivíduo, das afecções do seu corpo nos encontros com outros corpos. Diz respeito, portanto, à sua capacidade de sentir. Logo, o sofrimento é a dor mediada pelas injustiças sociais.

O sofrimento de estar submetido à fome e à opressão pode não ser sentido como dor por todos; mas, quem vive essa situação da exclusão sente dor. Sentimentos morais também fazem parte dessa discussão. Vergonha e culpa seriam exemplos desses sentimentos, com características degenerativas ou ideologizadas, mas com a função de manter a ordem social excludente. De uma forma ou outra, as emoções são apontadas como fenômenos históricos, e podem servir de estratégias de controle social. Um breve exemplo: na época dos escravos, estes sofriam de uma doença conhecida como banzo. Sawaia (1994) aponta que a humilhação por ações legitimadas pela política de exploração e dominação econômica da época é

que gerava essa situação de sofrimento do povo escravo, levando muitos deles, inclusive, à morte física.

Como o sofrimento ético-político abrange múltiplas e diferentes formas de mutilação de corpos e almas, é salutar, segundo a autora, o conhecimento dessas formas de exclusão e, dialeticamente, entendê-las como a outra face de uma mesma moeda, de inclusão. Esta última pode servir de pretexto para a disciplinarização dos excluídos, e, portanto, ser uma forma de controle e manutenção das desigualdades, injustiças e exploração social.

Outro autor que aborda a exclusão é Bauman. A partir de um exemplo histórico de sofrimento humano, o holocausto, propôs uma nova leitura dos acontecimentos à luz das Ciências Humanas, especialmente da Sociologia. Em uma postura crítica pessoal, o autor questiona o papel da falta de posição da ciência e de todo o resto da humanidade diante dos fatos ocorridos. Sua profunda indignação, como pessoa e profissional, vai sendo aos poucos revelada. Bauman (1998), já nas primeiras páginas de seu livro, situa a barbárie do holocausto como sendo o teste da modernidade. Para ele, uma outra face do ser humano apareceu como sendo constituinte de uma mesma pessoa. Exemplifica essa afirmação ao mostrar que, em meio a situações diversas dessa época, maridos, esposas, entre outros exemplos, só se importavam em salvar a própria pele, esquecendo-se do outro, mesmo sendo este um ente próximo.

Apesar do avanço civilizatório, como as tecnologias, o lado humano ficou como que esquecido, se pensado pelo olhar do que significou o holocausto, em que a razão não demonstrou senão o que ele chamou de "fracasso da civilização". Para explicar por que o extermínio em massa ocorreu de forma tão brutal, Bauman (1998) aponta alguns princípios: 1) a violência autorizada, ou seja, práticas

governadas por normas e papéis especificados; 2) as vítimas da violência foram desumanizadas por definições ou doutrinações ideológicas.

É no silêncio da ética e da moralidade que se tornam possíveis várias atrocidades humanas (individuais e sociais). A modernidade tornou possível não só o holocausto, mas também a questão do racismo como um todo, dado o poder estatal, a tecnologia moderna, a concepção de mundo e o avanço da ciência moderna.

Para ele, o racismo que se manifestou contra o povo judeu pode acontecer em relação a qualquer outro povo, uma vez que isola certas categorias de pessoas e lhes retira todas as chances de melhorar de vida, sendo, sem dúvida, uma das formas de a sociedade moderna perpetuar as diferenças. São elementos como a invisibilidade, o racismo, o distanciamento como razão prática da burocracia, entre outros, que levaram – e levam – ao genocídio moderno.

A ação burocrática que gera a desumanização, a distância psicológica e física que as novas tecnologias promovem (especialmente a informática), acabam por obliterar a humanidade dos seus objetos humanos, separando pessoas em suas interações e condições reais de proximidade, num ritmo sem precedente. Sugere com isso que a desumanidade é uma questão de relacionamentos sociais. Na mesma proporção em que estes são racionalizados e tecnicamente aperfeiçoados, também o são sem sua capacidade e eficiência de produção social da desumanidade. Para Bauman, fica claro que a produção social do comportamento humano se faz pela indiferença e deslegitimação dos preceitos morais.

Bauman (1998) acredita na capacidade de juízo individual, o que seria, então, a responsabilidade moral de resistir à socialização, a exemplo inclusive de vários alemães que colocaram suas vidas em jogo para proteger judeus. Essa capacidade de distinguir o certo do errado deve ser adquirida além da consciência

coletiva, tornando-se, assim, útil. A capacidade moral seria a capacidade de resistir, escapar e sobreviver no processo de socialização, de forma que, no fim do dia, a autoridade e a responsabilidade pelas opções morais repousem onde sempre deveriam repousar: na pessoa.

Assim, a questão da moralidade deve ser re-situada, da problemática da socialização aos processos humanizadores da educação e civilização, buscando, desse modo, a questão da moral na esfera social.

Ele cita Dostoievski, que escreveu o seguinte: "somos todos responsáveis por todos, por todos os homens perante todos, e eu mais que os outros". Estar com os outros é ser responsável por este outro. Para Bauman (1998), a responsabilidade é a estrutura fundamental, essencial e primária da subjetividade. Logo, torno-me responsável ao me constituir como sujeito. Torno-me responsável pelo outro mesmo que não haja reciprocidade.

Se a responsabilidade é o modo de existência do sujeito humano, a moralidade é a estrutura primária da relação intersubjetiva na sua forma mais cristalina, que precede ou está acima de todo interesse. A moralidade não é um produto da sociedade, é algo que a sociedade manipula, explora, redireciona, espreme. Por outro lado, o comportamento imoral não é um problema societário, e requer investigação da administração social da intersubjetividade. Bauman (1998, p.212) escreve: "A responsabilidade, tijolo constitutivo de todo comportamento moral, surge da proximidade do outro, e proximidade significa responsabilidade e responsabilidade é proximidade".

Infelizmente, há um distanciamento dessa proximidade e, conseqüentemente, da responsabilidade para com o outro. A esse processo dá-se o nome de separação.

Essa separação pode causar indiferença. A indiferença ao outro provoca o que temos assistido no cotidiano de nossa sociedade.

A importância dessa discussão, segundo o autor, é a de rever posturas, principalmente quanto à questão da moralidade. A moralidade não está na questão societária, mas na capacidade pessoal de discernimento. O dever moral tem que contar puramente com sua fonte: a responsabilidade humana essencial pelo outro.

A lição do holocausto para a humanidade está em perceber como é fácil, para a maioria das pessoas, arranjar justificativas para escapar ao dever moral, e adotar preceitos de interesse racional e de autopreservação. Em um sistema em que a racionalidade e a ética apontam em sentidos opostos, o grande perdedor é a humanidade. Mas, para Bauman (1998), se a primeira lição é um alerta, a segunda é uma esperança. Colocar a autopreservação acima de qualquer noção de moralidade não é necessariamente solução possível diante das dificuldades da vida, pois, apesar das pressões, não somos forçados a isso. Independente de quantos optaram pela autopreservação, o que importa é que houve um outro caminho de escolha: preservar a vida do outro. Pode-se, sim, resistir às pressões, inclusive a da autopreservação – trata-se da ESCOLHA. O lado mais cruel da crueldade é que ela desumaniza suas vítimas antes de destruí-las. E a mais dura das lutas, afirma o autor, é "continuar humano em condições inumanas" (BAUMAN, 1998, p.237).

Como vimos nesses textos acima, a questão do preconceito toma outros rumos, não menos importantes que os outros, mas diferenciados quanto ao seu olhar. Bauman, Sawaia, Crochik e Heller trazem, nessas discussões, a noção da humanidade e da interação humana e suas relações sociais como aspectos importantes para sua própria sobrevivência. Relações de poder, exclusão e inclusão,



cultura e história são diretamente constituintes da formação do indivíduo inserido na sociedade, formatando seus direitos e responsabilidades, suas possibilidades de reflexão e mudança, seja no pensamento ou na ação. A não neutralidade, tanto científica quanto política e social, diante do sofrimento e desumanização do outro, é um assunto que permeou este último contexto de discussão a respeito de nosso interesse de pesquisa.

Negligência, indiferença, intolerância são palavras que não surgiram nos textos no sentido específico do termo, mas ao mesmo tempo parecem presentes e sinônimos quando nos deparamos com esses quadros teóricos, desde a primeira até a última abordagem por nós considerada, estando presentes em cada autor em sua descrição do que vem a ser – diretamente apontado ou não – o preconceito. Cada uma traz em suas reflexões uma faceta que não só se diferencia, mas sugere um universo de possibilidades de compreensão de como o preconceito nasce e circula nas relações interpessoais e nas mais variadas práticas sociais.

Mais do que um levantamento e aprofundamento bibliográfico sobre a questão do preconceito, nosso objetivo foi o de confirmar aquilo que já havíamos imaginado: a complexidade do tema provavelmente não nos permitirá reduzir o olhar a uma única cor desse prisma, mas aproveitar cada cor que nos é apresentada e, a partir do empírico, ou seja, das entrevistas, tentar compreender, no presente, os repertórios sobre o preconceito que circulam nas falas, nas idéias e nas relações do dia-a-dia das pessoas.

## CAPÍTULO II

### O PRECONCEITO COMO LINGUAGEM SOCIAL

No capítulo anterior discutimos o tema central de nossa tese, o preconceito, nas perspectivas das discussões teóricas e circulação de trabalhos científicos. Buscando contextualizar historicamente as teorizações sobre preconceito nas Ciências Sociais, pesquisamos todas as escolas que, de algum modo, conceituaram ou discutiram a respeito deste tema, iniciando com as contribuições de Allport e passando pelas perspectivas da Cognição Social, do Interacionismo Simbólico e da Exclusão Social.

O objetivo deste capítulo é fazer uma ponte entre as teorizações existentes e a nossa proposta de pesquisar o preconceito como prática corriqueira do cotidiano de todos nós. Nosso enquadre, portanto, é o da linguagem em ação, e nossa maneira de conduzir esta pesquisa está ancorada numa perspectiva de Análise de Discurso, que vem sendo desenvolvida no Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas Discursivas e Produção de Sentidos (NPDPS), coordenado pela professora doutora Mary Jane P. Spink, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Assim, estruturamos o capítulo de modo a contemplar três aspectos centrais à abordagem que utilizaremos nesta pesquisa: a questão da linguagem em ação, a noção de cotidiano que sustentará nossas análises, e os principais aspectos da abordagem de análise de práticas discursivas que vem sendo utilizada no Núcleo.

## 2.1 DAS POSSIBILIDADES DE CONCEBER A LINGUAGEM COMO AÇÃO: O GIRO LINGÜÍSTICO

O foco desta tese é a linguagem em ação. Para compreender melhor as implicações desta maneira de trabalhar com a linguagem é preciso falar um pouco do que vem a ser o Giro Lingüístico. Esta expressão foi introduzida nas décadas de 1970 e 1980 para designar mudanças quanto ao papel da linguagem nas Ciências Humanas e Sociais, introduzindo novos conceitos sobre a natureza do conhecimento, assim como propor novas estratégias para se compreender a realidade social e cultural.

Iniciado na Filosofia, esse movimento teve como precursores Ferdinand de Saussure, que introduziu a lingüística moderna, Bertrand Russel e Gottlob Frege, que inauguraram a Filosofia analítica, sendo a partir dos estudos destes dois filósofos que os enunciados lingüísticos tomaram grande impulso para o giro lingüístico anglo-saxão (IÑIGUEZ, 2004). No entanto, devemos deixar claro que, segundo Iñiguez, o giro lingüístico não se fez a partir de apenas um processo, tendo passado por progressivas articulações no meio nas Ciências Humanas e Sociais, ficando assim com várias configurações.

Essa nova maneira de entender a linguagem foi foco de teorizações de diversos pensadores em diferentes épocas, como, por exemplo, Chomsky, Heidegger, Foucault, Rorty, Austin, entre outros, que contribuíram, cada um a seu modo, para se compreender e fazer ciência. O que todos eles tinham em comum era um novo e diferente olhar sobre as estratégias sociais, mais precisamente em relação a compreender que a linguagem desempenha um papel crucial na formação daquilo que entendemos por realidade, além de ser um instrumento para exercitar nossos pensamentos e constituir nossas idéias. Passamos, assim, da posição clássica da

Filosofia da Consciência de representação da realidade para o papel de co-construção como membros ativos de uma dada formação social.

Foram os filósofos de Oxford e sua corrente analítica centrada na linguagem que mais contribuíram para a grande reviravolta metodológica das Ciências Sociais e Humanas, havendo quatro grandes principais influências neste percurso. A primeira questionou as verdades consideradas irrefutáveis desde a época de Descartes, a partir de duras críticas de vários filósofos quanto à natureza do conhecimento científico e ordinário, dentre eles Richard Rorty (1994). A segunda influência foi promover a discussão a respeito do papel da linguagem como "atividade". Particularmente, essa linha de pensamento influenciou as correntes construcionistas, nas quais estudiosos como John Austin deram grande impulso ao caráter performativo da linguagem, onde "dizer é, também e sempre, fazer". Segundo esta influência: "a linguagem não só nos diz como é o mundo, ela também o institui; e não se limita a refletir as coisas do mundo, também atua sobre elas, participando de sua constituição" (IÑIGUEZ, 2004, p.39).

Na Psicologia Social, Kennet Gergen, John Shotter, Michel Billing, Ian Parker e Johnathan Potter são alguns dos expoentes desta perspectiva que toma a linguagem como ação, desenvolvendo a vertente teórico-metodológica da análise do discurso.

A terceira influência provém de reflexões em que a linguagem não é tomada apenas como ação "sobre o mundo", mas também "sobre os demais", resgatando a retórica como artifício para criar realidades diversas. Bruno Latour é um dos exemplos de pesquisadores que investigam os procedimentos retóricos na constituição dos próprios "fatos" científicos (IÑIGUEZ, 2004).

A quarta e última influência provém da Sociologia, incluindo aí a Etnometodologia, com suas análises minuciosas de conversas, até as Sociologias qualitativas e interpretativas. Isso se deve ao fato de a linguagem ser compreendida como constitutiva da realidade, servindo assim como um instrumento de possibilidade de atuação sobre o mundo e também sobre os semelhantes.

Iñiguez (2004) conclui que, com essas quatro influências, houve uma gama de novas possibilidades a partir do giro lingüístico, em que a linguagem, como um importante e fundamental elemento de análise, pode ser estudada por diferentes metodologias que muito enriqueceram as Ciências Sociais e Humanas.

Enquanto movimento, o giro lingüístico rompeu com tradições seculares dos estudos do "mundo das idéias" interiorizado e privado, lançando a linguagem para fora, como que desnudada, em forma de pensamento e ação, onde, para compreender o mundo, é necessário compreender o discurso como instrumento para fazer coisas e não somente para representar coisas. A linguagem, portanto, fica compreendida, a partir deste giro lingüístico, não como algo estático, mas como um instrumento que pode produzir, formar e transformar realidades.

## 2.2 SOBRE O COTIDIANO: APROXIMAÇÕES TEÓRICAS

Segundo o historiador Michel de Certeau (1997), o cotidiano é aquilo que nos é dado a cada dia, ou o que pelo menos nos cabe em partilha. É tudo o que nos pressiona, dia após dia. Cotidiano seria, enfim, todos os dias, aquilo que assumimos ao despertar.

A partir do olhar da Sociologia do Conhecimento, e mais especificamente das teorizações de Berger e Luckmann (2004), a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens, subjetivamente dotada de sentido, na

medida em que forma um mundo diferente. O cotidiano é onipresente nas vidas das pessoas e tem sua origem no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo firmado como real por eles, não requerendo maior verificação, por se apresentar como facticidade evidente. Essa realidade está embebida de tempo, espaço, localização e historicidade. É, portanto, por meio da linguagem que o cotidiano pode ser compreendido e, assim, adquirir sentido.

Para Heller (2000), a vida cotidiana é a vida de todo homem, pois todos a estão vivendo, independentemente do trabalho intelectual ou físico, ou de qualquer outro tipo de habilidade, sentimentos, idéias ou ideologias. É a vida do homem inteiro, ou seja, com sua personalidade e individualidade. O homem, segundo a autora, já nasce inserido nessa cotidianidade, e seu amadurecimento ocorre à medida que vai adquirindo habilidades imprescindíveis para a vida em sociedade e, assim, para viver por si mesmo essa cotidianidade.

Será nos grupos, nas relações face a face, que, através do que a autora denomina de mediação, os costumes, as normas, os valores e outros elementos da sociedade serão apreendidos pelo homem. A vida cotidiana faz parte do processo histórico, trazendo para este cotidiano coisas do passado e do presente. Sendo assim, o homem é, ao mesmo tempo, genérico e particular. É na espontaneidade da vida cotidiana, característica marcante do cotidiano, que as coisas acontecem: daí a impossibilidade de previsão, mesmo para a ciência, das conseqüências possíveis de uma ação. Elas podem encaixar-se em probabilidades, mas não em certezas. Fé, confiança, economicismo, juízo provisório, entre outras características, fazem parte da vida cotidiana. Resumindo, é na condução da vida cotidiana, levando em consideração a história, os tempos presentes, as condições sociais, econômicas etc. que se supõe que cada um deva apropriar-se, a seu modo, da

realidade e impor a ela a marca de sua personalidade, mesmo mantendo a estrutura da cotidianidade.

Embora não tenha discutido a questão do cotidiano, as teorizações de Goffman, segundo Giddens (1989), basearam-se persistentemente na análise das rotinas da vida cotidiana, buscando esclarecer o caráter da integração social, nas ausências e presenças dessas interações. São muitas as possibilidades apresentadas por este autor, refletindo o que ele chamou de consciência dos discursos e das práticas nos contextos dos encontros, fio condutor da interação social no ciclo diário de atividades. É na linguagem, ou seja, na conversação cotidiana que os encontros são sustentados. Sobre o cotidiano, Giddens (1989), citando vários autores, aponta alguns elementos que estão aí presentes: serialidade (fenômenos seqüenciados, interpolados, incluindo aí a monitoração reflexiva do corpo e gesto), a fala, a reflexividade e o posicionamento (entendido aqui como uma questão de identidade social).

Parece-nos que essas teorias sobre o que é o cotidiano e sobre o que se pode abstrair no cotidiano para uma pesquisa, como no caso específico de Goffman, estão afinadas em alguns pontos que, a nosso ver, somam-se, complementando o que, embora tão conhecido e presentificado em nossas vidas, torna-se, por outro lado, complexo.

Seja o cotidiano aquilo que nos é dado a cada dia, ou uma realidade interpretada historicamente, ou, ainda, a vida de todo homem, um fio condutor da interação social no ciclo diário de atividades, há um ponto em comum e inegável a todas as explicações: todos se iniciam e terminam no ser humano. Ser humano este historicamente localizado, posicionado, convivendo com seus pares, interagindo socialmente, ou seja, vivendo e convivendo com sua cotidianidade. Sendo então, este ser humano, o protagonista do cotidiano, parece-nos plausível, como pesqui-

sadores, preocuparmo-nos não com o tipo de cotidiano que estamos tratando, mas com as pessoas que estão inseridas no mesmo em suas relações sociais e práticas discursivas.

Trata-se de uma postura diferenciada, quando pensamos principalmente no compartilhamento dessas interações, principalmente em relação a um assunto tão conhecido, mas tão delicado, como a questão do preconceito. Estamos tomando como pressuposto que conhecer o cotidiano é compatível com aquilo que Spink (2007) apontou como uma forma construcionista de pesquisar, em que pesquisador e pesquisado fazem parte de uma mesma comunidade. Logo, estamos com isso reafirmando a tese de que o preconceito e seus sentidos acontecem no dia-a-dia, não importando, portanto, o tipo de cotidiano, mas, sim, como acontecem essas práticas discursivas em relação a esta temática.

### 2.3 A ABORDAGEM DE ANÁLISE DE PRÁTICAS DISCURSIVAS UTILIZADAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE PRÁTICAS DISCURSIVAS E PRODUÇÃO DE SENTIDOS (NPDPS)

Se estamos propondo que focalizar o preconceito no dia-a-dia é falar das práticas discursivas e da produção de sentidos pelas pessoas em suas dialogias e interações sociais, é necessário situar o que entendemos por práticas discursivas. Compreendemos práticas discursivas como sendo linguagens sociais, com enunciados e vozes presentes nas conversações que Bakhtin (1994) denomina de interanimação dialógica. Práticas discursivas, desse modo, são as linguagens em ação em que pessoas produzem sentidos e se posicionam em suas relações sociais cotidianas (SPINK; MELDRADO, 1999). A pessoa não existe isoladamente, uma vez que, estando na presença do outro, a linguagem que se processará entre



ambos será sempre uma linguagem social, produzindo ações, e conseqüências a partir destas.

A abordagem voltada à compreensão das práticas discursivas que vem sendo elaborada no NPDPS está assentada em três principais pilares: um deles versa sobre a natureza do conhecimento e se alia à perspectiva construcionista; o segundo toma as práticas sociais como relações de poder e tem em Michel Foucault seu principal suporte; e o terceiro, voltado ao suporte teórico propriamente dito, focaliza os processos de interanimação dialógica.

Para localizar e contextualizar esta postura metodológico-epistemológica, iniciaremos situando a perspectiva epistemológica do construcionismo e as questões teóricas do estudo das práticas discursivas.

### 2.3.1 Sobre a Perspectiva Construcionista

O Construcionismo surgiu a partir de movimentos questionadores das formulações representacionistas enquanto descontentamento com relação à produção de conhecimento. Na ciência, temos alguns exemplos deste abalo inconformista na Biologia, na Física, na Antropologia, entre outros. Na Filosofia, iniciou-se com a reação ao representacionismo; na Sociologia do Conhecimento, com a desconstrução da retórica da verdade, atingindo a Psicologia, inclusive a Psicologia Social. Eram movimentos amplos, reconfigurando inclusive visões de mundo próprias de cada época. Na Sociologia em especial, a inquietação construcionista se fez presente em autores como Garfinkel e Berger e Luckman.

Reflexões sobre a realidade ser socialmente construída e, portanto, ser um produto humano, aparecem como temáticas centrais. Nessas teorizações, o ser humano é visto como um produto social em constante transformação e ressignificação.

Rupturas, desfamiliarização, entre outros termos, levam o Construcionismo a se diferenciar de outras formas de ciência, enquanto maneira de pesquisar e examinar convenções, entendê-las, localizá-las histórica e socialmente, e reconhecer a linguagem como prática social, ou como linguagem em uso.

Também historicamente construídos enquanto movimento de descontentamento, foram vários os caminhos para se chegar aos constructos teóricos que, ainda hoje, encontram-se em amadurecimento sobre como fazer ciência, para tentar se posicionar como tentativa de um novo olhar diante da realidade social. Talvez o maior deles foi o descontentamento com o modelo positivista-empirista, até então majoritário, dominador e avalista de tudo quanto era considerado ciência (GERGEN,1985).

Ibañez (2001), em seu livro *Municiones para disidentes*, afirma que, para se ter uma postura construcionista, é preciso aceitar que os objetos não são independentes de nós. Logo, o conhecimento que temos da realidade depende de nossas práticas sociais. Sendo assim, a concepção do mundo, bem como a dos fenômenos sociais, devem ser histórica e culturalmente localizadas, o que significa dizer que o conhecimento se torna uma construção coletiva a partir das práticas sociais, sendo, estas também, socialmente localizadas.

Se antes discuti minha trajetória de vida, como profissional e pesquisadora, para justificar o porquê da escolha do tema desta pesquisa, agora é preciso falar das opções teórico-metodológicas.

É preciso dizer que, a partir do momento em que comecei a freqüentar, como doutoranda, o Núcleo de Estudos e de Pesquisa em Práticas Discursivas e Produção dos Sentidos, minha visão de possibilidades de pesquisa foi sendo ressignificada à medida que a perspectiva construcionista ia sendo incorporada

em minha história enquanto aluna. Outras lentes foram colocadas em meu olhar, e é deste lugar que falo agora.

É importante salientar que toda e qualquer produção, acadêmica ou não, parte de uma visão de mundo. Nossa perspectiva, neste sentido, será a partir da Psicologia Social, pautada na Psicologia Discursiva sob o enfoque construcionista, o qual tem por foco as práticas discursivas no cotidiano, bem como suas interações sociais, entendendo estas como produções humanas, contextualizadas na história e na cultura de cada sociedade (SPINK, 1999).

Rompe-se desta forma com a questão da verdade absoluta e universal, objeto tão proclamado e buscado pelas ciências em geral. Se o conhecimento é situado e historicamente demarcado e produzido, a generalização do mesmo torna-se no mínimo duvidosa ou questionável, uma vez que o próprio conhecimento ocorre devido à produção humana, sendo esta resultante, também, de processos históricos (GERGEN, 1985; IBÁÑEZ, 1994).

A partir disto, o Construcionismo vem se firmando como uma perspectiva epistemológica e sua escolha visa à prática de uma ciência responsável e compromissada, nos mais diferentes aspectos – sociais, econômicos, culturais e históricos –, preocupando-se com a maneira como as pessoas lidam com os fenômenos cotidianos. É assim que se constrói hoje, na perspectiva construcionista, a ciência. É assim que também acontece no Núcleo de Práticas Discursivas e Produção dos Sentidos, e é também desta forma que deverá ocorrer a formatação desta tese.

### 2.3.2 Sobre Práticas Discursivas

Para se ter uma noção do são práticas discursivas, precisamos primeiro entender o que vem a ser sentido. São as práticas discursivas que servirão como instrumento de aproximação à produção de sentidos no cotidiano, entendendo sentido como uma construção social, ou seja, como empreendimento coletivo-interativo onde pessoas constroem os termos a partir dos quais entendem e lidam com situações e fenômenos em sua volta.

Enquanto abordagem teórico-metodológica, faz interlocução com uma diversidade de autores, entre eles Foucault, Ibáñez, Gergen, Rorty. A produção de sentidos é um fenômeno sociolingüístico, uma vez que o uso da linguagem sustenta as práticas sociais geradoras de sentido. É uma prática social e dialógica, que implica linguagem em uso ou linguagem em ação.

Segundo Davies e Harre (1990), as práticas discursivas diferem dos discursos pois estes possuem regularidades lingüísticas, uso institucionalizado e sistemas de sinais, que lhes dão o *status*, por exemplo, de discurso oficial em diferentes grupos ou organizações sociais; tendem, também, a permanecer no tempo. Aproximam-se da noção de linguagem social de Bakhtin, se vistos como discursos peculiares a um estrato específico da sociedade, num contexto e momento histórico onde os gêneros de linguagem moldam a forma e o estilo das enunciações e aparecem como regras, nas práticas cotidianas das pessoas.

O olhar da análise a partir das práticas discursivas procura compreender as linguagens em uso em sua totalidade, as não regularidades e a polissemia (diversidade), buscando assim as rupturas com o habitual, de modo a dar mais visibilidade às produções de sentido na vida cotidiana das pessoas. É por meio

destas, ou seja, das linguagens em ação, que as pessoas se posicionam e produzem sentidos cotidianamente.

### 2.3.3 Sobre os Processos de Interanimação Dialógica

Nosso ponto de partida para compreender o processo de interanimação dialógica será Bakhtin (1994). Para este autor, a dinâmica e os enunciados orientados por vozes caminham juntos: ambos descrevem o processo de interanimação dialógica que se processa numa conversação. O enunciado de uma pessoa estará sempre em contato com, ou será endereçado a uma ou mais pessoas, havendo sempre a interanimação, mesmo na situação de diálogo interno. Esta é a unidade básica da comunicação, sendo ponto de partida para a dialogia, entendida como expressões, palavras e sentenças articuladas em ações situadas. O pensamento também pode ser dialógico, uma vez que nele habitam falantes e ouvintes que se interanimam e orientam enunciados e produção de sentidos. Ao produzir um enunciado o falante utiliza um sistema de linguagem e de enunciações preexistentes, implicando presença de interlocutores, presentes, passados e futuros, havendo sempre, assim, um endereçamento, sendo a presença do outro presentificada ou não.

As vozes, segundo Bakhtin (1994), incluem os interlocutores ou pessoas presentes ou presentificados, podendo estar espacialmente ou temporalmente distanciados nos diálogos. São negociações que se processam na produção de um enunciado, em que o próprio falante é respondente de várias vozes passadas ou presentes. A partir, então, da noção de vozes e enunciado, fica claro que, na visão desse autor, não tem como falar de uma autoria falada ou escrita isolada, pois a dialogicidade remete sempre a autorias múltiplas.

Sendo assim, a linguagem é uma ação que tem conseqüências, não necessariamente intencionais, mas sempre presentes na interlocução, produzindo um jogo de posicionamentos entre os falantes. É na linguagem falada ou escrita que aparecem também os repertórios interpretativos, unidades de construção das práticas discursivas, demarcando possibilidades de construções discursivas, levando em conta o contexto e os estilos gramaticais e a polissemia da linguagem como possibilidade de transitar por diferentes contextos e situações. Para Potter e Wetherell (apud SPINK, 1999), os repertórios interpretativos são fundamentais para o estudo das práticas discursivas por tornarem possível "entender tanto a estabilidade como dinâmica e a variabilidade das produções linguísticas humanas" (SPINK, 1999, p.48).

Devemos também compreender a problemática dos contextos de produção de sentidos, onde, segundo Bakhtin (1994), não há nem primeira nem última palavra porque não há limite temporal nas cadeias de interanimação dialógica, e os sentidos, mesmo os passados, não estão estanques no tempo e nem mortos. Podem ser retomados e ressignificados no momento presente. Cabe às análises discursivas enfrentar o tempo e a história destes discursos, e apresentar um modelo de compreensão dentro de três possíveis e necessárias interfaces, que são:

- 1) tempo longo: marca o domínio da construção social dos conteúdos culturais que formam os discursos de uma dada época. É neste tempo histórico que se pode apreender os repertórios disponíveis que serão moldados pelas contingências sociais da época e se apresentam agora como fragmentos de vozes de outrora que povoam nossos enunciados. Constituem, ainda, espaços de conhecimentos produzidos e reinterpretados por diferentes domínios de saber, antecedendo a vivência das pessoas, fazendo-se presentes por meio de instituições,

convenções, normas etc. como reprodução social. Permeiam nossas práticas discursivas através, por exemplo, dos museus, pinturas de família, entre outros; são produções ressignificadas ao longo do tempo que alimentam, ampliam e definem novos repertórios de que dispomos para produzir sentido;

- 2) tempo vivido: trata-se do processo de ressignificação desses conteúdos históricos a partir dos processos de socialização, remetendo também às experiências da pessoa no curso da sua história pessoal, a exemplo das linguagens aprendidas nos processos de socialização. Trata-se da aprendizagem no tempo de vida de cada pessoa, com diferentes linguagens sociais de cada classe, profissão, faixa etária etc., tornando-se vozes situadas povoando nossas práticas discursivas. Aqui também é onde se situam o afeto, as narrativas pessoais e identitárias, bem como a memória;
- 3) tempo curto: é o tempo dos acontecimentos e dos processos dialógicos. É neste tempo que entendemos a dinâmica da produção dos sentidos, podendo compreender a comunicação e a construção discursiva das pessoas. É o momento concreto da vida social. É aqui, também, que encontramos as vozes, ativadas pela memória cultural do tempo longo ou pela memória afetiva de tempo vivido. São as interações sociais face a face, em que os interlocutores se comunicam diretamente, e em que encontramos também a polissemia e a contradição, processualidade e produção de repertórios.

Quanto à história, esta encontra-se diretamente associada à compreensão das diversidades e permanências das construções lingüísticas dotadas

de sentido a partir do tempo longo, vivido e curto. É um empreendimento sócio-histórico e merece ser considerada a partir do contexto cultural e social para compreendermos a dialogia das práticas discursivas. Já a pessoa, deve ser compreendida como um ser situado em jogos de relações sociais, em constante processo de negociação e trocas simbólicas; um espaço de intersubjetividade e/ou interpessoalidade, posicionando-se e produzindo sentidos a partir das práticas discursivas, incorporando também repertórios interpretativos e posicionamentos identitários.

Somando a essas conceituações sobre o que vêm a ser práticas discursivas, temos ainda alguns autores que se fazem presentes na abordagem do NPDPS, como Davies e Harré, e Potter.

Davies e Harré (1990) conceituam práticas discursivas como sendo todas as maneiras como as pessoas se posicionam por meio de seus discursos. Para Harré (1993), a construção do mundo se dá pela atividade conversacional conjunta das pessoas, em que sentimentos e projetos individuais também se incluem.

Cabe aqui resgatar um pouco sobre o que já escrevemos no capítulo primeiro a respeito do posicionamento, apenas para elucidar o uso desta noção na análise de práticas discursivas. Posicionamento é um fenômeno da ordem da conversação, podendo ser: dinâmico; interativo, quando eu sou posicionado a partir da fala do outro; e, também, reflexivo, quando me posiciono a partir da posição do outro.



Para Davies & Harré (1990, p.52):

Posicionar-se, ou posicionamento do sujeito, possibilita pensar-nos como sujeitos com escolhas, localizando-nos nas conversações de acordo com as formas de narrativas com que temos familiaridade e trazendo para estas narrativas nossas histórias subjetivamente vividas a partir das quais aprendemos metáforas, imagens, personagens e enredo (DAVIES; HARRÉ, 1990, p.52).

Em outras palavras, nesses processos de interação social, um indivíduo é constituído e reconstituído por meio das práticas discursivas e, com isso, com possibilidades sempre abertas de ressignificar, a partir das posições e sentidos, sua vida e a dos outros (DAVIES; HARRÉ, 1990).

Nas práticas discursivas, a questão do posicionamento faz com que o foco esteja tanto nos locutores quanto nos ouvintes, podendo, ambos, negociar suas posições. Sendo assim, a partir dessa perspectiva, podemos compreender que uma pessoa pode posicionar-se e ser posicionada de variadas formas durante a interanimação dialógica (DAVIES; HARRÉ, 1990).

Não podemos encerrar este capítulo sem mencionarmos a questão dos repertórios interpretativos, que vêm de uma vertente da psicologia discursiva e têm como um dos principais pesquisadores Jonathan Potter. Este modelo interpretativo traz o foco, em sua essência, "nas orientações para a ação que se faz presente nas falas ou escritos e, portanto, examina as construções discursivas no contexto de sua ocorrência", bem como nas construções de fatos (SPINK; SPINK, 2007, p.580).

Os repertórios interpretativos são o conjunto de figuras de linguagem, termos, descrições e lugares comuns que constroem estilos gramaticais próprios, e essa construção de discursos abre possibilidades de construções discursivas, tendo a prática discursiva e os '*speech genres*' por parâmetros. A partir destas noções, podemos sintetizar definindo práticas discursivas como as "maneiras a

partir das quais as pessoas produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas", tendo como elementos básicos constitutivos: a dinâmica (enunciados orientados por vozes), as formas (*speech genres*) e os conteúdos (repertórios interpretativos) (SPINK; MEDRADO, 1999). Em outras palavras, pode-se também compreendê-las como sendo todas as maneiras como as pessoas, por meio de seus discursos, produzem realidades sociais e psicológicas (DAVIES; HARRÉ, 1990).

#### 2.4 CONSEQÜÊNCIAS DA POSTURA CONSTRUCIONISTA PARA A PESQUISA ADOTADA NO NÚCLEO DE PRÁTICAS DISCURSIVAS E PRODUTOS DOS SENTIDOS

A partir da perspectiva adotada no NPDPS, podemos resumir que fazer pesquisa científica é adotar uma postura crítica e reflexiva tomando-a como uma prática social, incorporando o conceito de que a produção de conhecimento é permeada por decisões, inclusive no que concerne ao uso dos instrumentos para coleta de informação, e é determinada pelas relações sociais, valores e sistemas de crenças científicas. Sendo assim, é impossível negar que o próprio fazer ciência está atravessado por relações de poder e posicionamento políticos.

Enquanto epistemologia, a perspectiva construcionista postula que tanto objeto quanto sujeito são construções sócio-históricas, e a realidade não existe independentemente do nosso modo de acessá-la. Somos produtos/produtores de nossas épocas e de nossos contextos sociais, sem perder as vozes do passado. O conhecimento é algo que as pessoas fazem em constante construção (e co-construção): ver o mundo é ver também a si próprio. Compreender as convenções que permeiam as regras socialmente situadas é algo inerente a esta perspectiva.

Como metodologia, o rigor e a objetividade são pensados a partir de três dimensões: 1) a indexabilidade (vinculação com o contexto), que é re-conceituada como possibilidade de busca de métodos que possam complementar-se e, assim, possibilitar maior visão e abrangência na busca dos fenômenos pesquisados; 2) a inconclusividade, a qual está relacionada à complexidade e impossibilidade de controlar todas as variáveis, mas não deve ser empecilho para que o pesquisador tente explorar todas as possibilidades e processos de produção sentidos do fenômeno estudado; e 3) a reflexibilidade, que rejeita a pretensa neutralidade – a subjetividade do pesquisador na pesquisa torna-se um recurso a mais para a possibilidade de análise.

Finalmente, há que se considerar também a ética na pesquisa. Se olharmos para o cenário das ciências de uma forma geral, identificamos que há várias formas de interpretar a ética, que pode, assim, ter diferentes sentidos. Novaes (1992) diz que se comparássemos o significado de ética nos tempos antigos com a noção tal como é entendida nos tempos modernos, as definições não seriam apenas radicalmente diferentes, mas também contraditórias.

Para que não haja dúvidas, recorremos ao dicionário eletrônico Houaiss (2006), que, entre outras definições, conceitua a ética como sendo investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano; ou ainda, o estudo de fatores concretos (afetivos, sociais etc.) que determinam a conduta humana em geral. O que mais nos chamou atenção é o que o dicionário chama de derivação, ou extensão de sentido: o "conjunto de regras e preceitos de ordem valorativa e moral de um indivíduo, de um grupo social ou de uma sociedade".

Além de uma conceituação – mesmo porque percebemos que esta tem uma gama de possibilidades –, a ética na perspectiva construcionista parte de alguns princípios que regem mais a postura do pesquisador do que a ordem valorativa de uma moral social, pois quando se fala em ética, no Construcionismo, fala-se em prática crítica.

Mais do que normas de conduta, como a visibilidade dos procedimentos de coleta e análise dos dados e a aceitação da dialogia pesquisador-pesquisado, a ética construcionista nos obriga a pensar a pesquisa como uma prática social reflexiva. Esta postura ética, como prática crítica, não se restringe à coleta de dados. Faz-se presente em cada passo, não só da pesquisa, mas da postura de pesquisador, como o compromisso de respeitar as diferenças, mesmo teóricas.

Sendo assim, podemos situar a questão da ética na vertente construcionista a partir dos seguintes aspectos: 1) pensar a pesquisa como prática social reflexiva; 2) garantir a visibilidade dos procedimentos de coleta e análise dos dados; 3) aceitar a dialogia pesquisador-pesquisado; 4) tomar o consentimento informado como acordo para a transparência quanto aos procedimentos bem como aos direitos e deveres dos envolvidos na pesquisa; 5) resguardar-se de relações de poder abusivas (garantindo a não-resposta e revelação velada); e 6) garantir o anonimato.

Uma vez situadas as possibilidades de compreender o preconceito como linguagem em ação a partir das práticas discursivas cotidianas, e apresentados os alicerces da pesquisa na vertente teórico-metodológica do construcionismo, no próximo capítulo apresentaremos os passos que utilizamos para realizar as entrevistas e analisar os dados.

## CAPÍTULO III

### OBJETIVOS E PROCEDIMENTOS

#### 3.1 OBJETIVOS E HIPÓTESES

##### 3.1.1 Objetivo Principal

Entender como o preconceito, enquanto linguagem em ação, permeia as práticas discursivas e a produção de sentidos no cotidiano das pessoas envolvidas nesta pesquisa.

##### 3.1.2 Objetivos Específicos

- entender como as pessoas definem preconceito;
- compreender como as pessoas vivenciam preconceitos em suas vidas, seja como ato preconceituoso em relação ao outro, seja como experiência própria;
- pesquisar os sentimentos gerados pelas situações de preconceito em sua história de vida.

Antes de definir o campo empírico desta pesquisa, cabe esclarecer o que entendia ser o meu lugar como pesquisadora. Spink P. (2003) nos convida à seguinte reflexão: seja qual for a pesquisa, temos o compromisso de perguntar para quê e por quê estamos levantando informações; qual a finalidade e a contribuição da pesquisa a que nos propomos e, sobretudo, se ela será útil.

Acreditamos que a questão do preconceito é multifacetada, tanto teoricamente quanto no cotidiano das pessoas. Foi por este motivo que nos preocupamos em explorar os diferentes olhares teóricos a respeito dessa questão. E foi nessa perspectiva que optamos por trabalhar com a fluidez das interações cotidianas.

Entendemos o campo de pesquisa como espaço construído por argumentos e encontros efêmeros, podendo acontecer em lugares diferentes, os quais, segundo Peter Spink (2003), é onde interações sociais, trocas lingüísticas e práticas discursivas ocorrem.

### 3.2 PROCEDIMENTOS PARA A COLETA DE INFORMAÇÕES

Buscando lugares e pessoas diferentes, tomamos a aleatoriedade como princípio para a definição de entrevistas e do perfil dos entrevistados. Não houve lugar nem hora marcados para nosso encontro. Nossa escolha de entrevistados não foi pautada por características físicas, sociais, de cor, idade, ocupação/profissão, ou mesmo escolaridade. Nossa postura, neste sentido, visou justamente não cair na armadilha que detectamos quando fizemos o levantamento de artigos e teses: a de adjetivar o preconceito a partir de categorias de pessoas, como negros, mulheres, homossexuais, deficientes etc.

Nosso objetivo foi pesquisar como o preconceito circula no cotidiano das pessoas através dos discursos e dos processos de produção de sentidos. Para alcançarmos nossa meta, norteamos nossos encontros dialógicos a partir de três questões principais: 1) o que você entende por preconceito?; 2) você já sofreu

preconceito?; 3) você já se flagrou tendo preconceito?<sup>6</sup> As entrevistas não foram fechadas; ao contrário, à medida que a pessoa respondia e a conversa ia fluindo, outras possibilidades de diálogo iam acontecendo, sempre em torno do eixo norteador, ou seja, o preconceito e seus desdobramentos na vida da pessoa.

Pode parecer estranho o uso concomitante dos termos "entrevista" e "conversa". No referencial adotado, contudo, não nos parece nem confuso, nem impossível. Se considerarmos a estrutura das perguntas relacionadas aos objetivos a serem alcançados (MINAYO, 2000), fizemos entrevistas. Mas, no enquadre da Psicologia Discursiva, podemos considerar que também foram conversas, pois buscamos entender a linguagem em uso em encontros casuais e fortuitos, ou as práticas discursivas como linguagem em ação. Ou seja, centramo-nos no que dizem essas pessoas em relação ao preconceito e nas formas pelas quais elas produzem sentidos sobre as experiências relativas a este tema.

A pesquisa foi feita em duas cidades. A primeira foi Curitiba, no Paraná, no primeiro semestre de 2005, onde conversamos com 14 pessoas. A maioria delas encontrava-se no prédio da Universidade Federal do Paraná. Algumas faziam atividades relacionadas a canto-coral, outras a trabalho voluntário. A abordagem aconteceu da seguinte forma: em primeiro lugar, me apresentava como pesquisadora. Falava da pesquisa que pretendia fazer para obtenção do doutorado,

---

<sup>6</sup> Nem todas as pessoas responderam a esta questão, pois ela não constava do roteiro, ao realizar as entrevistas em Curitiba. Como uma pessoa deliberadamente contou um evento de comportamento preconceituoso, achei que seria importante introduzir esta pergunta na segunda leva de entrevistas, realizadas em Belo Horizonte durante o congresso nacional da ABRAPSO (Associação Brasileira de Psicologia Social), e inclui esta pergunta aos entrevistados.

explicando os objetivos da tese, e como seriam usadas as informações, caso me concedessem a entrevista. A partir do aceite da pessoa, o consentimento era formalizado verbalmente pela mesma ao afirmar que se prontificava a responder às perguntas. Portava um gravador pequeno, que apresentava à pessoa, perguntando se ela permitiria o uso do aparelho durante a conversa. Se houvesse consentimento<sup>7</sup>, ligava o aparelho e dava início à entrevista. É importante ressaltar que, durante a apresentação dos objetivos e solicitação de consentimento do uso da entrevista na tese, esclareci a postura ética da pesquisa e o compromisso de minha parte, como pesquisadora, de não explicitar nome, sobrenome, ou algum dado que pudesse identificar a pessoa em sua instituição de trabalho, ou alguma outra particularidade que revelasse sua identidade pessoal. Após todos os esclarecimentos e o aceite do entrevistado, iniciava a entrevista com as três perguntas norteadoras.

A segunda rodada de entrevistas foi feita na cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, por ocasião do XIII Encontro da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO), no segundo semestre de 2005. Nesta ocasião, foram entrevistadas 11 pessoas, seguindo os procedimentos usados na cidade de Curitiba: aleatoriedade de escolha, tipo de abordagem, questões éticas, consentimento verbal do entrevistado, e a conversa propriamente dita. As entrevistas foram feitas no *campus* da Universidade, tanto na praça de eventos artísticos, como nos prédios onde aconteciam os cursos e palestras. Como resultado das entrevistas, tivemos então:

---

<sup>7</sup> Nenhuma das 25 pessoas que convidei a participar da pesquisa se recusou a gravá-la.



CIDADE	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
Curitiba	11	03	14
Belo Horizonte	08	03	11
TOTAL GERAL	19	06	25

QUADRO 2 - NÚMEROS DE PARTICIPANTES POR CIDADE

Pude observar, no desenrolar das entrevistas, que a maioria das pessoas entrevistadas foi trazendo histórias de suas vidas, além de suas noções sobre preconceito, o que enriqueceu muito o material de pesquisa. A intenção era justamente esta: deixar a pessoa com liberdade para expressar suas vivências cotidianas em relação ao tema da pesquisa, dando vazão aos seus sentimentos a esse respeito.

Fiz a transcrição das entrevistas, levando em conta as expressões orais exatamente como foram emitidas. Não excluí conteúdos nem fiz correção ortográfica nas falas. Essa preocupação de minha parte foi devida à diversidade de pessoas que entrevistei: de serventes de pedreiro a professores universitários.

Para se ter uma visualização, ainda que resumida, do que estamos dizendo sobre a aleatoriedade, apresentamos, no quadro 3, o panorama geral das pessoas entrevistadas, com sua idade, gênero, ocupação, lugar de origem e local da entrevista.

Esse quadro possibilita entender a aleatoriedade da escolha de participantes nesta pesquisa. Por uma questão de oportunidade, houve menos homens entrevistados do que mulheres, mas não entendemos isso como algo preocupante, uma vez que não tínhamos a preocupação com a questão de gênero. A faixa etária variou de 19 a 56 anos. As ocupações – que também refletem a escolaridade de cada um dos participantes da pesquisa – também são diversas, incluindo desde assistente de jardineiro a pessoas da área jurídica.

NOMES (fictícios)	IDADE	SEXO	OCUPAÇÃO	ESTADO DE ORIGEM	CIDADE ONDE SE DEU A ENTREVISTA
1. Zélia	42	fem.	Estudante de Psicologia e técnica de enfermagem	Minas Gerais	Belo Horizonte
2. Selma	40	fem.	Psicóloga e professora	Minas Gerais	Belo Horizonte
3. Ceumar	51	fem.	Psicóloga e professora	São Paulo	Belo Horizonte
4. João	48	masc.	Pedreiro	Minas Gerais	Belo Horizonte
5. Simone	40	fem.	Faxineira/serviços gerais	Minas Gerais	Belo Horizonte
6. Mônica	45	fem.	Faxineira/serviços gerais	Minas Gerais	Belo Horizonte
7. Gal	19	fem.	Estudante de Psicologia	Santa Catarina	Belo Horizonte
8. Ivan	23	masc.	Recém formado Psicologia	Rio de Janeiro	Belo Horizonte
9. Ivete	43	fem.	Do lar: trabalho temporário de serviços gerais para o Congresso	Minas Gerais	Belo Horizonte
10. Marisa	39	fem.	Do lar: trabalho temporário de serviços gerais para o Congresso	Minas Gerais	Belo Horizonte
11. Vinícius	26	masc.	Auxiliar de jardineiro	Minas Gerais	Belo Horizonte
12. Djavan	33	masc.	Assistente administrativo	Paraná	Curitiba
13. Leandro	23	masc.	Vendedor e músico	Paraná	Curitiba
14. Nana	30	fem.	Comerciante	Paraná	Curitiba
15. Leila	22	fem.	Farmacêutica	Paraná	Curitiba
16. Sueli	37	fem.	Agrônoma	Paraná	Curitiba
17. Roberta	44	fem.	Secretária	Paraná	Curitiba
18. Rolando	46	masc.	Desenhista industrial/projetista	Paraná	Curitiba
19. Rita	26	fem.	Bióloga	Paraná	Curitiba
20. Cecília	24	fem.	Estudante de Arquitetura	Paraná	Curitiba
21. Cida	56	fem.	Aposentada (área jurídica)	Paraná	Curitiba
22. Ana	41	fem.	Aposentada (tribunal)	Paraná	Curitiba
23. Cora	38	fem.	Dentista	Paraná	Curitiba
24. Marina	43	fem.	Arte-educadora	Paraná	Curitiba
25. Daúde	45	fem.	Professora/maestrina	Paraná	Curitiba

QUADRO 3 - PANORAMA GERAL DAS PESSOAS ENTREVISTADAS

A aleatoriedade, como já dissemos anteriormente, foi importante para fugir daquilo que chamamos de preconceito adjetivado, relacionado a questões de gênero, raça, sexualidade etc. Desta forma, nossa preocupação era justamente não sair a campo com o propósito de encontrar pessoas com características previamente escolhidas. Fizemos isso porque buscamos o preconceito não nas pessoas, mas nos repertórios discursivos que permeiam as relações sociais cotidianas e suas produções de sentidos.

### 3.3 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

Como já mencionado, conceituamos a linguagem como práticas discursivas e buscamos entender a forma como as pessoas, por meio da linguagem, produzem sentidos e se posicionam em suas relações sociais. Desta forma, não estamos procurando estruturas ou formas usuais de linguagem, mas, sim, conteúdos que se associam a determinados contextos, e estes a outros contextos, compreendendo os sentidos, desse modo, como tendo fluidez e contextualização (SPINK, 1999).

A partir do olhar da epistemologia construcionista, utilizaremos autores como Mary Jane Spink e Rom Harré, entre outros. Assim, pretendemos atingir nosso objetivo, ou seja, como o preconceito permeia as relações cotidianas, tomando como princípio os processos de produção de sentidos. Iremos analisar cada conversa no contexto em que os discursos foram apresentados, a fim de dar visibilidade aos repertórios utilizados, logo, às produções de sentidos associadas ao preconceito, bem como às interpretações das vivências particulares de cada pessoa entrevistada em relação a este assunto.

A análise das práticas discursivas sobre a questão do preconceito e de como ele é compreendido no cotidiano das 25 pessoas que foram entrevistadas seguirá os passos abaixo:

- 1) Contextualizar cada entrevista individualmente e colocá-la na forma de *mapas dialógicos*, respeitando as perguntas norteadoras e incluindo mais duas categorias relacionadas à explicação dada ao preconceito e aos sentidos por ele suscitados, conforme Apêndice B deste estudo. Os *mapas dialógicos* são formas de analisar sistematicamente o processo de interanimação dialógica, a fim de compreender tanto os repertórios lingüísticos quanto a construção da dialogia na produção

de sentidos, em que pesquisador e pesquisado são protagonistas. Trata-se de uma estratégia analítica peculiar e usual do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Práticas Discursivas e Produção de Sentidos da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP).

- 2) Sintetizar o conjunto das entrevistas, destacando os principais termos, expressões e repertórios que haviam sido identificados nos mapas individuais. A síntese para as leituras reduzidas dos diferentes dias e locais (Curitiba e Belo Horizonte) encontram-se no Apêndice A.
- 3) Analisar, a partir da organização dos passos anteriores, o material empírico. A análise propriamente dita focalizou três dimensões de expressão do preconceito:
  - definição de preconceito;
  - o contexto em que o preconceito aconteceu e quais os motivos da sua ocorrência;
  - os sentimentos associados ao preconceito.

A partir do exposto, apresentaremos, no quarto capítulo, as análises realizadas.

## CAPÍTULO IV

### AS PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE O PRECONCEITO

*...e defendo que a ciência, em geral, depois de ter rompido com o senso comum, deve transformar-se num novo e mais esclarecido senso comum.*

Boaventura Sousa Santos

Como já dissemos anteriormente, debruçamo-nos sobre as histórias dos entrevistados com o compromisso maior de trazer à tona não apenas palavras e discursos, mas também experiências vivenciadas, em situações em que nossos entrevistados se depararam com alguma forma de preconceito.

Não se trata de uma forma diferente de fazer análise, mas de nos responsabilizarmos, como pesquisadores, por denunciar, algumas vezes, a dor, em outras a indignação ou no mínimo o riso desconcertado, como que fora do lugar – reações que todas as pessoas entrevistadas tiveram ao falar sobre este tema.

Desta forma, nossa pesquisa tentará compreender a questão do preconceito por meio deste pequenino recorte da sociedade contemporânea, ocidental e brasileira, sem a mínima pretensão de generalização de nossos resultados, enquanto verdade absoluta. Nosso objetivo é buscar entender os usos e, por que não dizer, abusos que o tema provoca, assim como suas conseqüências na vida de quem experiencia o preconceito em sua vida cotidiana.

Mais do que objetivos a serem alcançados, o que está em pauta é também um inconformismo meu como pesquisadora e uma tentativa de provocação a partir da vivência profissional e pessoal cotidiana, na qual, invariavelmente, quase sempre deparei-me com a questão do preconceito, em diferentes contextos.

Seguirei, para tanto, os passos já explicitados no capítulo anterior, sobre os procedimentos e as fases da análise, e, para assegurar o anonimato dos entrevistados, utilizo apenas a primeira letra de seus nomes e substituo pelo prenome de cantores de nossa música popular brasileira, ou ainda de escritores nacionais, não só por achar simpático e, assim, dar um pouco de leveza à tese, mas também por fazer parte de meu estilo particular de gosto pela música e poesia.

#### 4.1 DEFINIÇÕES DE PRECONCEITO NA ÓTICA DOS ENTREVISTADOS

Para analisar como as pessoas entrevistadas definem o preconceito, percorri os seguintes passos:

- 1) reli todas as entrevistas em seu estado bruto, ou seja, todas as falas que foram transcritas a partir da gravação;
- 2) feita essa releitura, destaquei as frases, termos e expressões que, de alguma forma, pudessem resumir a conceituação de preconceito;
- 3) a partir desse momento, voltei ao capítulo teórico sobre as diferentes concepções de preconceito, norteando assim a análise em categorias compatíveis com as três abordagens ali discutidas. Assim, fez-se a junção de termos próximos não só em seu aspecto formal de linguagem, mas também em seus sentidos, sempre contextualizados pela situação de entrevista e pelas características de cada entrevistado. As categorias escolhidas foram:
  - aspectos cognitivos;
  - exclusão/discriminação, incluindo aí as relações de poder e dominação;
  - sinais físicos, incluindo especialmente a questão do estigma.

A figura 1, a seguir, permite visualizar todas as definições de preconceito a partir das verbalizações dos entrevistados, já em sua forma categorizada; ou seja, cada expressão se faz acompanhar por um número que permite situá-la nas categorias anteriormente citadas. A partir desta síntese, aprofundaremos nossa análise tendo como norte as teorizações sobre preconceito discutidas no capítulo 1.

Se o preconceito é "a categoria do pensamento e do comportamento cotidianos", como propõe Heller (2000), o que podemos abstrair dessas diferentes conceituações é que, nas três categorias utilizadas nesta primeira aproximação de análise, todas as pessoas, de uma forma ou de outra, conseguem dizer como entendem o preconceito. Não houve nenhuma pessoa entrevistada que não pudesse, mesmo que através de exemplos cotidianos, nos dar uma definição sobre o tema. Alguns aspectos dessas definições merecem destaque.

Primeiro, em todas as conceituações, não houve nenhum momento em que as diferenças de gênero pudessem se fazer presentes propiciando um entendimento diferenciado de preconceito. Por exemplo, tanto Djavan como Nana colocam o preconceito como um pré-conceito formado:

Isabela: *Djavan, você poderia me dizer o que entende por preconceito?*

Djavan: *É um **conceito pré-formado**, com várias formas de conceitos pré-formados, contra homossexual, HIV, racismo... geralmente acaba em discriminação ou excluindo uma pessoa.*

Djavan, 33 anos, masc., assistente administrativo, 2.º grau completo

Isabela: *Nana, como você conceituaria o que é preconceito?*

Nana: *É quando você tem dificuldade em lidar com uma... um conceito, na verdade, você não aceita um conceito, então é... o preconceito é um **conceito formado antes do conhecimento**... Eu tenho preconceito porque eu não sei lidar com determinados conceitos... eu julgue uma pessoa pelo que é ela ou deixa de ser... dificuldades de aceitação, eu acho que o preconceito é quando você não aceita a pessoa como ela é.*

Nana, 30 anos, fem., comerciante, 3.º grau completo

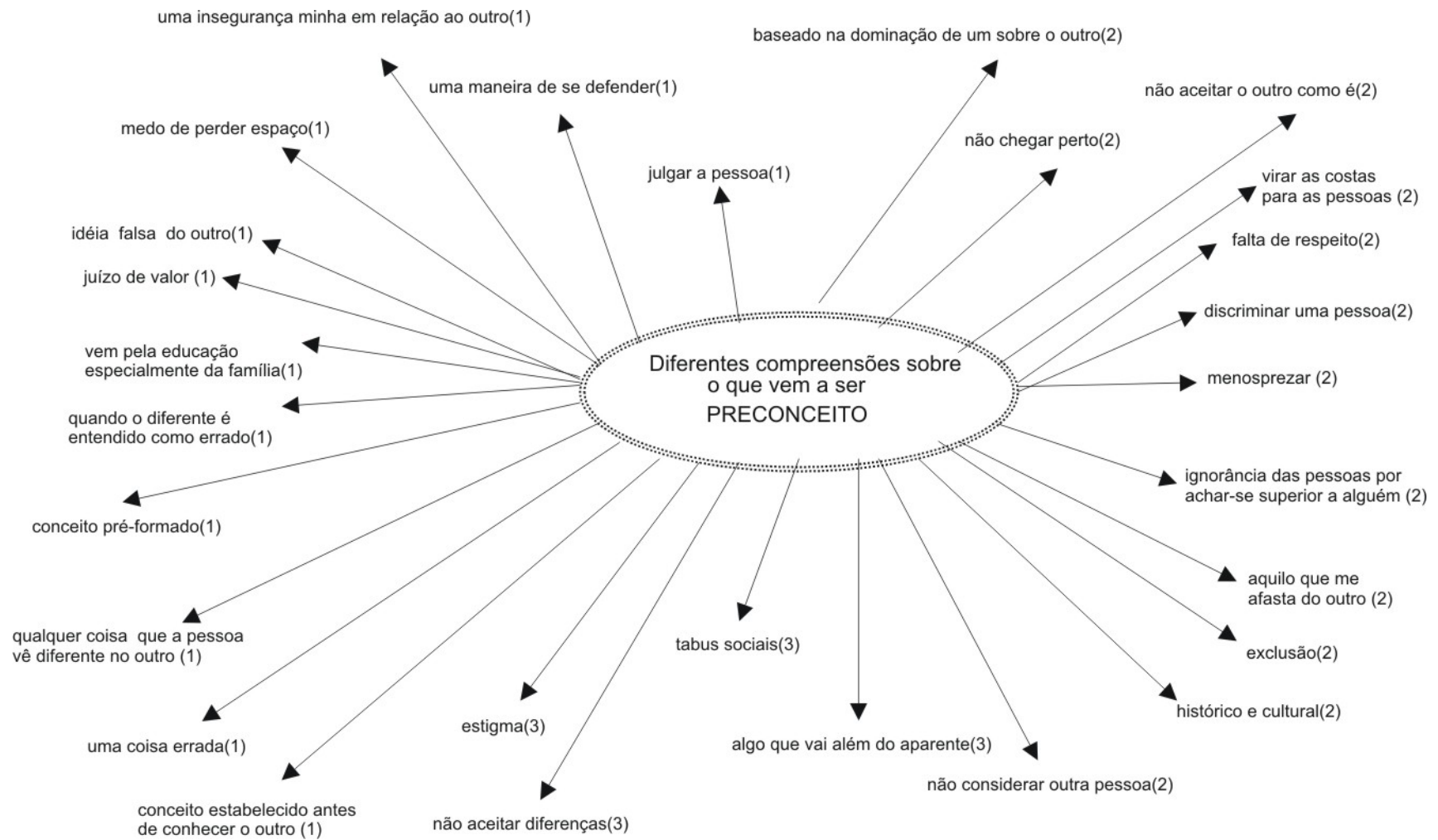


FIGURA 1 - DEFINIÇÕES DE PRECONCEITO A PARTIR DOS ENTREVISTADOS

NOTA: (1) Aspectos Cognitivos; (2) Exclusão/discriminação/poder e relações de domínio; (3) Estigma, sinais físicos.



Em segundo lugar, também a classe social ou mesmo o grau de educação não trouxeram diferenças na maneira como as pessoas falaram do assunto. Temos, por exemplo, João, que não completou o primeiro grau, e Sueli, que possui doutorado, apresentando o preconceito como sendo qualquer coisa que a pessoa vê de diferente no outro:

Isabela: *Seu João, se o senhor fosse falar, assim, explicar para alguém a partir do que o senhor acha, o que é preconceito, seu José?*

João: *A pessoa é... o preconceito o que eu acho é igual ao que você vê... **qualquer coisa que a pessoa vê diferente nos outros** ela acha que é... né... que se sente melhor do que o outro, pra mim já é preconceito, entendeu?*

João, 48 anos, masc., carpinteiro, 1.º grau completo

Isabela: *O que é preconceito para você?*

Sueli: *É você não considerar uma outra pessoa com a mesma capacidade que você tem de fazer as coisas... **é diferenciar as pessoas por algum motivo** qualquer...*

Sueli, 37 anos, fem., agrônoma, pós-graduada (doutorado)

Essas formas semelhantes de conceituar o preconceito nos levam a acreditar que este tema circula entre as pessoas como algo que já está incorporado em suas vidas cotidianas, seja como conceituação, seja como experiência, assunto que retomaremos mais adiante.

Em terceiro lugar, a maioria dos entrevistados, ao conceituar preconceito, referiu-se a situações cotidianas de preconceito explícito, como, por exemplo, em assuntos relacionados a doenças (Aids principalmente), etnia, homossexualidade, fator econômico-social, entre outros. Vejamos alguns exemplos:

## Exemplo 1:

Isabela: *Simone, o que você acha que é preconceito?*

Simone: *Olha...peraí, deixa eu pensá... é quando a pessoa... você, né, vamo pôr, né, **igual à Aids, né, que é HIV, né, soropositivo...** você se afasta, né, ou às vezes você não conversa, né...*

Simone, 40 anos, fem., serviços gerais, 1.º grau completo

## Exemplo 2:

Isabela: *Ivete, o que é preconceito para você?*

Ivete: *...essa pessoa passa, tem aquele preconceito: "Ah, não vou chegar perto", é **aquele preconceito, né, do negro, da pessoa deficiente físico, né, da pessoa doente, do idoso, né, e...** eu acho que é isso.*

Ivete, 43 anos, fem., serviços gerais, 1.º grau completo

## Exemplo 3:

Isabela: *Para você, o que significa preconceito?*

Leila: *É não aceitar as diferenças, pra mim é isso... **essa parte de homossexualismo**, eu sou homossexual... quando eu descobri, eu mesma senti preconceito.*

Leila, 22 anos, fem., farmacêutica, 3.º grau completo

Mas, afinal, o que vem a ser o preconceito? Quais das respostas seriam as mais assertivas; seriam aquelas cuja definição contemplaria todas as demais ou, mesmo, pudesse ser apresentada como sendo a verdadeira ou a legítima? Vejamos o que cada uma das respostas de nossos entrevistados nos diz à luz das três escolas teóricas que apresentamos.

#### 4.1.1 Para mim preconceito é... Perspectiva da Cognição Social

Conforme ilustrado na figura 1, há várias respostas que identificamos como estando associadas às perspectivas cognitivistas. São respostas que nos falam de causalidades múltiplas num primeiro olhar, mas que têm um teor negativo, como aponta Allport (1971). Quando temos respostas que tomam o preconceito como "uma maneira de se defender" ou de "julgar a pessoa", ou mesmo "quando o diferente é entendido como errado". Estes conceitos nos remetem ao que este autor escreveu sobre a questão do *endogrupo*, que julga e expelle tudo aquilo que considera ser diferente do que acredita e vivencia, valores estes que, como disse uma das pessoas entrevistadas, "vêm da educação, especialmente familiar".

Isabela: *Para você, o que significa preconceito?*

Roberta: *...é sempre uma maneira de se defender, entendeu?, **preconceito é sempre uma maneira de se defender...***

Roberta, 44 anos, fem., secretária, 3.º grau completo

Isabela: *Como você conceitua ou define o preconceito?*

Rita Lee: *Acho que é bem do nome, né, conceito prévio sem se colocar no lugar, **é o diferente ser entendido como errado**, acho que talvez um resumo seja isso, não conseguir entender que tem diferenças...*

Rita Lee, 26 anos, fem., bióloga, 3.º grau completo

Isabela: *Para você, o que significa preconceito?*

Cora: *É uma coisa já pré-estabelecida, né, então é um conceito que você já conhece, **é uma coisa que vem pela educação, principalmente da familiar, mesmo, então é um conceito que eu aprendi...** um pré-conceito que eu já tenho da questão em si...*

Cora, 38 anos, fem., odontologista, 3.º grau completo

Ainda nessa perspectiva, Tajfel (1981) traz a questão da rede de socialização, onde as pessoas buscam, através de valores e crenças, identidades individuais e sociais que acabam por fazê-las pertencer a um determinado grupo, e isso faz com que vejam o outro, não pertencente a este meio, quase que como um intruso. Definições que falam do preconceito como "uma insegurança minha em relação ao outro", ou "uma forma de se defender", ou ainda "medo de perder espaço", fazem sentido quando olhamos a partir dessa perspectiva. Ou seja, muitas vezes o preconceito pode acontecer por conta de algumas pessoas estarem localizadas em ambientes confortavelmente organizados e estruturados e, assim, terem a tendência de emitir julgamentos de valor em relação àqueles que queiram invadir esse círculo de harmonia, a fim de preservar o grupo em questão. Isso geralmente acontece em ambientes de trabalho.

Isabela: *Para você, o que significa preconceito?*

Roberta: *...é uma insegurança da parte da pessoa em relação ao outro... então a pessoa se sente insegura, e daí pra ela se sentir melhor que os outros ela começa a construir mitos de que ela é melhor, que ela é mais rica, que ela é melhor porque ela descende de determinada raça, **é uma maneira dela conseguir se firmar, conseguir vencer sua própria insegurança... e o preconceito também é o medo de perder espaço...***

Roberta, 44 anos, fem., secretária, 3.º grau completo

De uma forma ou outra, o que fica claro aqui nesta categoria cognitiva de conceituação é que o preconceito pode aparecer como resultado da exposição a crenças e valores que são socialmente arraigados, tanto culturalmente quanto historicamente. Não há, portanto, como descolar essas afirmações dos contextos sócio-históricos, como se tivessem surgido num passe de mágica. Nossos entrevistados também são protagonistas nessa circulação de idéias e experiências.

#### 4.1.2 Para mim preconceito é... Perspectiva da Escola Exclusiva e de Poder

Encontramos várias falas de nossos entrevistados que podem ser entendidas na perspectiva da escola que tem por foco os processos de exclusão ou, ainda, de relações de poder e dominação. Quando dizem que o preconceito é "menosprezar", "não chegar perto" ou ainda "virar as costas para uma pessoa", isso nos remete ao desprezo por motivos associados ao que Crochick (1997) apontou como sendo uma necessidade de diminuir o outro para que o mesmo não veja minhas fragilidades.

Isabela: *Para você, o que significa preconceito?*

Cida: *...preconceito, penso eu numa maneira bem rude a palavra, quer dizer isso, **você julgar ou menosprezar** ou supervalorizar alguma coisa sem saber o que você está falando ou valorizando, né... a questão da raça é a mesma coisa, religião... enfim, está dentro de nós.*

Cida, 56 anos, juíza de alçada aposentada, fem., 3.º grau completo

Isabela: *Para você, o que significa preconceito?*

Simone: *...quando a pessoa chega perto de você, **você se afasta**, né, ou às vezes você assim, **você não conversa**, né... é **você virar as costas pra pessoa**... é, seria isso pra mim.*

Simone, 40 anos, fem., serviços gerais, 1.º grau completo

Como podemos perceber a partir das falas, o preconceito, para algumas pessoas, surge como algo que me faz "ignorar o outro por me achar superior". Para Heller (1998), essa maneira de tratar o outro seria uma forma de rotular e garantir que minha verdade prevaleça e, assim, o meu "eu preconceituoso" continue no poder ou na dominação.

Isabela: *Ana Carolina, você poderia definir pra mim o que vem a ser preconceito?*

Ana: *Antes de tentar definir, acho que o preconceito, pra começar, é uma ignorância das pessoas porque... todos nós erramos, todos nós temos defeitos, ninguém é perfeito aqui... preconceito infelizmente eu acredito que é alguém que acha que sabe mais, **acredita que é superior a alguém** em determinada ocasião ou determinado momento.*

Ana, 41 anos, fem., funcionária pública aposentada, 3.º grau completo

Definições nas quais o preconceito aparece como sendo uma "exclusão", ou "discriminar uma pessoa", também aparecem nas falas de nossos entrevistados:

Isabela: *Marina, o que é preconceito pra você?*

Marina: **Exclusão** pra mim é isso, é você não gostar por qualquer motivo e excluir uma pessoa do seu relacionamento, até do seu pensamento.

Marina, 43 anos, fem., arte-educadora, 3.º grau completo

Isabela: *Bem, Gal, você talvez já tenha lido sobre isso, ou estudado, mas eu gostaria de saber de você, Gal, falando sobre o que é preconceito.*

Gal: *Preconceito? Ah, eu não sei o que que é... acho tipo... tipo você **discriminar** uma pessoa por alguma coisa que ela tem, né, pode ser preconceito por ter Aids, né, por qualquer coisa...*

Gal, 19 anos, fem., estudante de psicologia

Ao definirem preconceito como "falta de respeito" ou como "não considerar outra pessoa", nossos entrevistados se aproximam das reflexões de Bauman (1998) sobre o holocausto, em que ele afirma que é na desumanização do outro que eu consigo não só não enxergar, mas também me afastar sem nenhuma culpa do sofrimento pelo qual o próximo possa estar passando. Sendo assim, na justificativa de minha sobrevivência, posso desconsiderar valores morais e éticos da forma

como entender melhor, pois no afã de autopreservação torno-me indiferente ao outro, podendo não só julgar, mas excluir e afastar sem nenhum remorso ou sentimento.

Isabela: *O que é preconceito pra você?*

Sueli: *...é diferenciar as pessoas por algum motivo qualquer... essa diferenciação que as pessoas fazem entre elas próprias, quer dizer, **não considerar outra pessoa igual a você**, é diferenciar as pessoas.*

Sueli, 37 anos, fem., agrônoma, pós-graduada (doutorado)

Isabela: *Rolando, você poderia me dizer o que você entende por preconceito?*

Rolando: *É a discriminação que as pessoas têm... **é uma falta de respeito**... e que vai contra as ideologias de outras pessoas e elas não aceitam...*

Rolando, 46 anos, masc., desenhista industrial, 3.º grau completo

#### 4.1.3 Para mim preconceito é... Perspectiva a partir do Estigma

O preconceito enquanto definição aparece como conceito pela vertente do estigma, que é nossa terceira categoria, onde estão incluídas expressões como: "algo que vai além do aparente", "tabu social", ou ainda, mais diretamente, "é um estigma". Goffman (1975) aponta, em seu conceito sobre estigma, que não respeitar a diferença, especialmente física ou mesmo relacionada a alguma outra limitação do outro, é sequer perceber a existência desta pessoa. Assim, o estigmatizado poderá nem mesmo ter a chance de mostrar suas capacidades, qualquer que seja o contexto.

Isso ocorre, segundo o autor, porque a sociedade cria uma expectativa sobre as pessoas, sobretudo em relação aos padrões de normalidade, em que tudo o que é diferente passa a ser estigmatizado e, muitas vezes, invalidado e

depreciado. Sendo assim, o aparente ou a possibilidade de algo além das aparências figuram em nossas entrevistas como uma forma de conceituar o preconceito:

Isabela: *Zélia, em suas palavras, o que você entende ou como você conceituaria preconceito?*

Zélia: *Preconceito... quando você já tem **um estigma** formado anteriormente antes de deparar com a situação.*

Zélia, 42 anos, fem., técnica em enfermagem, estudante de Psicologia

Isabela: *Selma, em suas palavras, o que você entende ou como você conceituaria o preconceito?*

Selma: *Hum... nossa... preconceito é... você precisa me dar um tempo pra eu formular aqui porque ele é... é **algo que vai muito além do aparente**, né...*

Selma, 40 anos, fem., psicóloga e professora de Psicologia

Até este momento procuramos elucidar, à luz das escolas teóricas e do nosso material empírico, o que vem a ser preconceito para nossos entrevistados. No entanto, embora, em sua maioria, os exemplos utilizados tenham sido trazidos por pessoas diferentes, isso não foi uma regra, pois houve momentos em que algumas pessoas, pela maneira de conceituar o tema, contemplaram mais de uma categoria teórica. Ou seja, em nossa análise houve momentos em que, nas falas, apareceram mais de duas interpretações. Houve, até mesmo, um caso em que a definição fornecida por uma das entrevistadas contemplou as três categorias teóricas sobre preconceito. Por exemplo, estas três vertentes – a cognitiva, a que nos diz dos processos de exclusão/discriminação, e aquela que contempla o estigma – estão presentes na definição dada por Cida, uma juíza de Direito aposentada:



*[...] são certos **tabus sociais**, como o preconceito contra a mulher em determinadas funções, preconceito de religião... se a gente pegar a palavra é um pré-conceito, ou seja, é fazer um **juízo de valor** sobre uma coisa sem conhecer... é você menosprezar ou supervalorizar alguma coisa sem saber o que você está falando.*

O que isso nos mostra, confirmando o que dizem vários autores, é que quando tratamos da questão do preconceito, fica muito claro que a sua complexidade e a multiplicidade de fatores que fazem com que ele ocorra tornam quase impossível estudar ou tentar compreender esse fenômeno por um ângulo apenas. Isso se comprovou, ao nosso ver, a partir das definições de nossos entrevistados, que, em sua maioria, trouxeram para nossa conversa uma grande riqueza, não só quanto à conceituação, mas em termos de exemplos e de vivências, como veremos nas discussões a seguir.

De qualquer forma, tendo em vista que não dispomos de uma teoria consensual e completa a respeito do preconceito, torna-se necessário levar em consideração o conjunto de perspectivas existentes até o momento. Essa perspectiva multiteórica faz ainda mais sentido se pensarmos, a partir das considerações de Davies e Harré (1990), que todas as relações sociais são práticas discursivas em que, no fluxo da produção de sentidos no dia-a-dia, há a possibilidade de ressignificar sentidos através de uma simples palavra.

Então, enquanto houver a possibilidade de reescrever a história, a partir da vida de cada um de nós, e enquanto houver tempo, poderemos refletir sobre variadas formas de viver e reinventar projetos, sonhos e ações, até mesmo na questão do preconceito.

Se o preconceito não tem um conceito que possa dar conta de sua complexidade, seria sua prática algo diferente? Em outras palavras, haveria data, local, ou qualquer outra forma de acontecer o preconceito, como se pudesse

haver um perfil de pré-disposição para que ele se apresente, ou este fenômeno acontece em variados contextos nas práticas sociais?

O próximo eixo de análise volta-se justamente a investigar as situações em que o preconceito ocorreu, uma vez que o roteiro da entrevista incluía uma pergunta sobre situações de preconceitos vivenciadas pelos entrevistados, seja na perspectiva de ter sido alvo de preconceito, seja na de ter sido o agente de uma atitude preconceituosa.

#### 4.2 O PRECONCEITO SITUADO/CONTEXTUALIZADO NAS PRÁTICAS SOCIAIS E DISCURSIVAS

As diferentes conceituações de preconceito nos levam a uma gama variada de possibilidades para sua compreensão. Entretanto, também no que diz respeito às práticas sociais preconceituosas ele pode se manifestar em uma diversidade de situações e contextos do convívio social cotidiano. Assim, nas entrevistas, além de perguntar qual o entendimento sobre o preconceito, também buscamos investigar se as pessoas já haviam sofrido algum tipo de preconceito ou haviam sido preconceituosas.

O que pudemos detectar é que, em sua grande maioria, houve algum momento de suas vidas em que alguma experiência de preconceito se fez presente. Para uma primeira aproximação a esta questão, elaboramos uma síntese, apresentada na figura 2, que possibilita uma visão geral das situações em que se deu o preconceito.

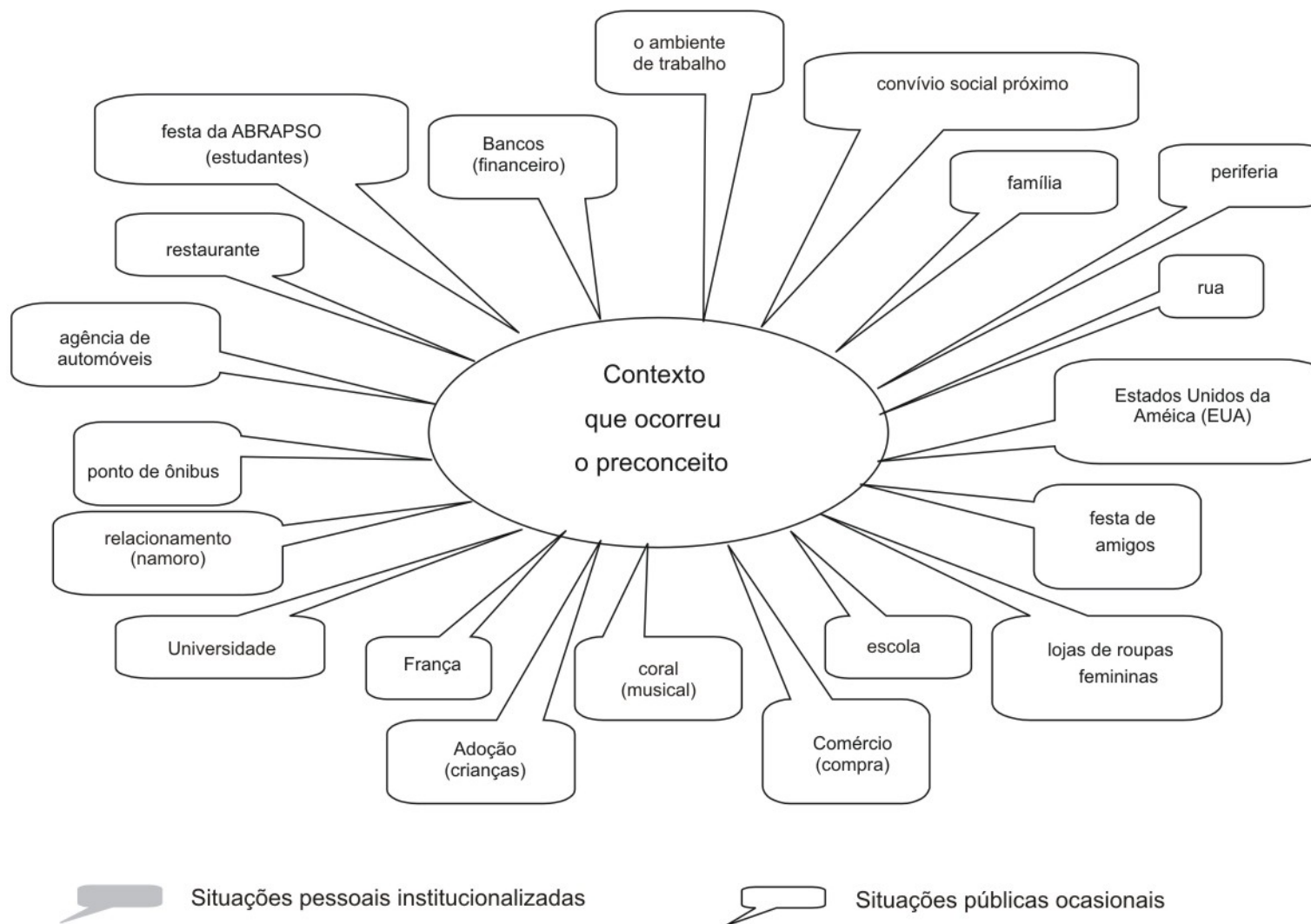


FIGURA 2 - CIRCULAÇÃO DOS AMBIENTES ONDE OCORRERAM AS SITUAÇÕES DE PRECONCEITO

Como podemos perceber, o preconceito aconteceu na vida dessas pessoas em diferentes circunstâncias e, por que não dizer, lugares e épocas. Para caracterizar a diversidade de situações encontradas, as classificamos em duas categorias: aquelas que ocorreram em situações públicas ocasionais e as que ocorreram em contextos institucionalizados, como no âmbito das interações familiares ou de trabalho.

Discorreremos a seguir sobre as diferentes formas da manifestação do preconceito, a partir das falas das pessoas por nós entrevistadas.

#### 4.2.1 Situações Públicas Ocasionais

Consideraremos as situações públicas ocasionais em duas circunstâncias distintas: a primeira se dá no anonimato, ou seja, situações em que não houve verbalização por parte dos integrantes, mas houve a presença sentida do preconceito; a segunda concerne a interações face a face, embora em contextos fugazes de interações sociais.

#### **Situações públicas ocasionais onde o anonimato se fez presente**

As narrativas que se seguem trazem como exemplo a questão do preconceito vivenciado a partir de uma situação pública ocasional no contexto do anonimato:

Isabela: *Seu João, o senhor já sentiu preconceito em relação ao senhor, assim, uma pessoa em relação ao senhor?*

João: *Já, sim, eu é... talvez seja **conforme o estabelecimento** que a gente vai, né... é... **tem lugar que eu não entro...** então isso aí é um preconceito que já tá na cara... **a pessoa já fica visando a gente**, né, entendeu? Por causa assim da gente trabalhar em obra o preconceito já tá aí.*

João, 48 anos, masc., carpinteiro-pedreiro, 1.º grau completo

Isabela: *Simone, na tua vida, em relação a você, já sentiu algum preconceito? Em que situação?*

Simone: *Já, já senti sim, principalmente nessa situação, nessa... da gente ser faxineira é que as pessoas têm preconceito... mas quando você, **em todos os lugares** quando você... se você tiver bem vestida, você é tratado bem agora se você não tiver... de chinelinha havaiana cê pode sabê, minha filha, nossa!, infelizmente o Brasil é desse jeito, não só o Brasil né...*

Simone, 40 anos, fem., serviços gerais, 1.º completo

Isabela: *Mônica, na tua vida, em relação a você, já sentiu algum preconceito? Em que situação?*

Mônica: *Sim, tipo assim, é tipo assim, se você entra **num banco** com a... o uniforme de faxineira, aí o povo começa a olhar... é se você vai mexer no caixa, aí as pessoas já começa a olhar, ficar de olho em você, o que cê tá fazendo, então o preconceito...*

Mônica, 45 anos, fem., serviços gerais, 1.º completo

Gal: *...passei por preconceito aqui neste Congresso [ABRAPSO]...*

Isabela: *Você então já sofreu preconceito, é isso? Como é que foi?...*

Gal: *...pelo fato de eu ser do sul e aqui ter bastante gente negra, né, e daí tipo eu tenho a pele meia clara, meia, né, porque eu também tenho negro no sangue, só que o pessoal não, não nota isso, né, porque minha pela é clara, então "hã, ah, essa loira burra do sul", isso pra mim é preconceito... eu ouvi isso... **foi caminhando por aqui...***

Gal, 19 anos, fem., estudante de Psicologia

Isabela: *Em algum momento de sua vida, você já sentiu preconceito em relação a sua pessoa?*

Ceumar: *Então, eu já senti é... uma vez assim claramente, mas não foi no Brasil, né, **foi fora do Brasil...** era uma coisa, assim, de... é... **nos Estados Unidos**, dos latinos, né, uma coisa assim de menos... e que senti exatamente isso, uma coisa que me afastava do... do... de alguém, né, do outro, é... claro que tava na cara que eu era estrangeira... era uma coisa assim do tipo físico, da... da cor de pele e que me caracterizava lá no... no grupo dos latinos, é... e aí o grupo dos latinos tem todo lá um significado.*

Ceumar, 51 anos, fem., psicóloga e professora

Esses exemplos nos trazem situações em que as pessoas se sentiram alvos de preconceitos de outras pessoas, mesmo sem haver qualquer troca de

comunicação direta entre as partes. Um olhar provavelmente discriminatório já era suficiente para que a pessoa se sentisse incomodada e, de alguma forma, sendo julgada. Além disso, não podemos esquecer que, pela própria condição econômica e social objetivada na vestimenta típica de uma dada ocupação (como pedreiro e faxineira), é inferida uma posição social inferior segundo os padrões da sociedade ocidental.

Se houve ou não de fato esse olhar julgador não há como aferir, mas, sem dúvida, essas pessoas se sentiram tratadas de modo diferente, o que nos leva a pressupor a existência da exclusão, pois, em todas essas falas, há um sentimento de não se sentir parte do lugar, como os bancos, onde o dinheiro é o símbolo das relações de poder e de dominação.

Esse tipo de preconceito nos remete a Allport (1971), para quem uma das formas de sua atuação é um tipo de poder intimamente relacionado às formas de dominação de uma dada época, em que os valores, costumes e culturas tendem a uma insistente cegueira social para que não haja perigo de mudança no *status quo*.

### **Situações públicas ocasionais onde há interação face a face**

Como já dissemos, o preconceito pode acontecer em situações públicas ocasionais, nas quais se dá uma segunda face desta moeda: interação face a face, como nos exemplos a seguir.

Isabela: *Em relação a você, Roberta, já sentiu preconceito?*

Roberta: *...já me senti mal **em lojas, fui mal atendida** porque eu ando de uma maneira bem simples, assim, e entrei numa loja assim meio um pouquinho acima das minhas possibilidades financeiras, e **essa vendedora deixou assim muito claro**, sabe, não com palavras, mas gestos, **que eu não estava no ambiente certo**, né...*

Roberta, 44 anos, fem., secretária, 3.º grau completo

Isabela: *Em relação à sua pessoa, já sentiu preconceito?*

Daúde: *Acho que... eu não sei se é preconceito isso, mas eu já senti alguma discriminação **em atendimento** em relação ao nível social, **um lugar muito fino e tal** e eu provavelmente não estava bem vestida, **e o atendimento não foi como deveria**, e me senti mal...*

Daúde, 45 anos, fem., professora e maestrina, pós-graduada (mestrado)

Isabela: *Ivan, já sentiu preconceito em relação a você?*

Ivan: *Já teve várias... uma marcante foi... a primeira acho... eu era bem pequeno e tava com minha família... **numa churrascaria** que fica na Barra de Tijuca, que é um bairro nobre lá da cidade do Rio... o meu pai tem uma cor bem mais escura que a minha mãe, é... é o que as pessoas chama de branca, aqui no Brasil, e quando a gente tava comendo... eu percebi... eu tinha 7 anos... mas foi uma coisa nítida, **os garçons se posicionando ao redor da nossa mesa** tipo assim a uma certa distância, e na hora de pagar meu pai puxou o American Express, que na época ninguém tinha, né,... e **aí o garçom se assustou... os outros garçons se desarmaram**, ah, as costas sabe...*

Ivan, 23 anos, masc., psicólogo, 3.º grau completo

Isabela: *Ivete, já sentiu preconceito em relação à sua pessoa?*

Ivete: *...uma vez assim... excluído, né, é... há uns três anos atrás... **a gente foi comprar um carro** e chegando lá **a pessoa viu a aparência da gente e eu senti aquele preconceito**. Ela pra mim **ela pensou: "esse pessoal não tem dinheiro, não vai comprar carro, né, não tem condições"**, e **deixou a gente parado ali num canto** com aquele preconceito, e **foi atender outra pessoa** mais, né, que a gente diz assim mais graduado, mais aparência, mais bonita...*

Ivete, 43 anos, fem., serviços gerais, 1.º grau completo

Como podemos perceber, em todas essas narrativas o preconceito extrapola qualquer tipificação ou característica que pudesse justificar esta ou aquela categoria de pessoa ou mesmo de *status* social. Temos de profissionais pós-graduados a atendentes de serviços gerais que passaram por situações de preconceito explícitas, mesmo quando não verbalizadas pela outra pessoa.

O que apreendemos, quanto às manifestações do preconceito, é que esses casos remetem às reflexões de Joffe (apud ARRUDA, 1999), que discorre sobre a questão da alteridade, em que o outro, ao ser discriminado, acaba se expondo a diferentes situações, como esperar em uma loja até ser atendido, deixando de ser alguém com voz e, desta forma, podendo ser esquecido ou invisibilizado.

#### 4.2.2 Situações Públicas Institucionalizadas

Entendemos como institucionalizadas todas as situações em que haja uma mínima normalização, costume, cultura ou regra de convivência, como ocorre nas relações familiares e no trabalho. Pode também ser uma vivência com um tempo determinado, como no caso de um grupo coral ou escola. Nesse contexto, em nossa análise, o que está sendo considerado é o preconceito que ocorre em qualquer relação duradoura e mais próxima, em contraponto com a situação anterior, em que as interações eram meramente ocasionais. Essas situações podem estar relacionadas à raça, sexualidade, classe social e relações de gênero. Como exemplo dessas vivências, temos as seguintes narrativas:

Em relação à raça:

Isabela: *Você já sentiu preconceito em relação à sua pessoa? Em que situação?*

Zélia: *Já, tem várias... por exemplo, não ir a uma festa que não tenho roupa apropriada... em relação à cor também... toda a família do meu pai é toda loira, é de olhos verdes, azuis, aí chegava na minha casa, minha irmã é clara de olhos claros, falavam: "ai, que menina linda!", aí olhavam pra mim: "**você também é bonitinha**", isso é **preconceito... da própria família**, essa situação, né, te comparar com outra pessoa que não é igual a você, e que **a outra é melhor por ser da pele clara... ou é mais inteligente ou é mais bonita ou só porque é branca...** acho que não é por aí.*

Zélia, 42 anos, técnica em Enfermagem e estudante de Psicologia



## Quanto à classe social:

Isabela: *Em relação a sua vida, Selma, em algum momento da sua vida você já sentiu algum preconceito em relação a você?*

Selma: *Em relação a mim? Eu acho que na adolescência, né... na infância...*

Isabela: *Poderia me dar um exemplo?*

Selma: **Por ser pobre**, em primeiro momento, né, na minha infância... **eu tinha que estudar numa escola municipal** então aquilo fazia com que eu: "pôxa, não tô valendo nada, né, nada..." na adolescência por não ter, né... as condições, as mesmas oportunidades que os meninos da minha idade tinham, aí: "pôxa, mas eu sou menina, eu tenho 14,15 anos, o que vai ser de mim?..."

Selma, 40 anos, fem., psicóloga e professora de Psicologia

Isabela: *Em relação a você, Roberta, já sentiu preconceito?*

Roberta: *Sim, senti várias vezes já... antes de eu ter faculdade existia muito preconceito em relação ao fato **de eu só ter 2.º grau**, e uma pessoa uma vez chegou a confessar pra mim que ela se sentia superior em relação a mim porque ela tinha faculdade e eu não tinha...*

Roberta, 44 anos, fem., secretária, 3.º grau completo

Isabela: *Rita, já sentiu preconceito em relação a você?*

Rita: *Sim, eu tinha 14, não, 12 anos, eu estudava num colégio de freira supertradicional e minha família era fora do padrão normal, né, porque meus pais eram novos... e eram liberais, né... **a escola inteira era super, supertradicional, elite, e a gente não era**, a gente tava lá meio por acaso, e quando meus pais se separaram eu sofri bastante porque passei a ser a diferente da escola... ninguém acreditava quando eu tava chorando na escola porque meus pais tinham separado... porque no mundo deles não existia, então passei a ser isolada de alguns grupos...*

Rita, 26 anos, fem., bióloga

### Em relação à orientação sexual:

Isabela: *Em relação a sua pessoa, já sentiu algum tipo de preconceito?*

Cora: *Senti, eu senti vários preconceitos pra comigo mesma, **em relação à opção sexual** é... assim, principalmente quando as pessoas do ambiente familiar ou no ambiente de trabalho sabem e fazem comentário a respeito de uma pessoa, assim, e você está ali incógnita... e em algumas ocasiões eu sinto este preconceito.*

Cora, 38 anos, fem., odontologista, 3.º grau completo

Isabela: *Em relação a sua pessoa, já sentiu preconceito?*

Rolando: *Já, **eu senti preconceito com relação a minha pessoa em relação a minha sexualidade**, é... e também com relação ao nível social... numa questão de trabalho eu tava fazendo um projeto de interiores pra minha prima... e daí meu tio chegou pra minha prima... eu fiquei sabendo disso pelo filho da minha prima... o meu tio perguntou pra minha prima como que é... ela tinha deixado... como que ela tinha **contratado uma bichona pra fazer o projeto da casa** dela, nestes termos, ele usou assim...*

Rolando, 46 anos, masc., desenhista industrial, 3.º grau completo

### No que concerne às relações de gênero:

Isabela: *E você, já sentiu algum tipo de preconceito em relação a sua pessoa?*

Sueli: *Um pouco sim, já senti, **já senti em relação a ser mulher trabalhando na área de agronomia**... é uma área muito mais masculina... por dois anos eu fiquei numa cidade trabalhando sozinha como agrônomo, e o pessoal ficava meio assim, não queria falar comigo... chegavam no escritório e falavam: "cadê o agrônomo?" Aí eu falava: não tem agrônomo, tem agrônoma...*

Sueli, 37 anos, fem., agrônoma, pós-graduada (doutorado)

Essas experiências cabem perfeitamente naquilo que havíamos denominado de "preconceito adjetivado". Trata-se de conseqüências de posicionamentos sociais que, segundo a literatura, predispõem a atitudes preconceituosas. Entretanto, nossos

entrevistados trouxeram outras situações que fogem a esta regra: concernem a expectativas de comportamento por causa da pertença a camadas sociais mais privilegiadas ou, então, pela discrepância ideológica em um mesmo extrato social.

Isabela: *Em algum momento já sentiu preconceito em relação a você?*

Cecília: *Sinto preconceito porque no meu caso é porque **meus pais são arquitetos, também**, e quando as pessoas sabem disso, que nem... **eu estudo arquitetura, existe esse preconceito por eu ser filha de arquitetos** e talvez ter alguma ajuda na escola... já senti preconceito foi disso... filha de arquiteta deveria saber mais ou deveria saber menos, isso em relação aos professores e aos colegas... quando não me conhecem geralmente dizem: "ah, é filha de arquiteta, é por isso..".*

Cecília, 24 anos, fem., estudante de arquitetura

Isabela: *Em relação a sua pessoa, já sentiu algum tipo de preconceito?*

Ana: *...só aconteceu numa única situação **em um grupo musical**, eu entrei e uma das pessoas que estavam ali há mais tempo **me olhava como se eu tivesse cantando errado**, me ignorava quando eu perguntava alguma coisa no sentido de procurar ajuda, e de um modo geral ela evitava de ficar perto de mim, ou de cantar junto... era pessoal mesmo.*

Ana, 41 anos, fem., funcionária pública aposentada, 3.º grau completo

O que podemos observar é que, nessas experiências preconceituosas, não houve nenhuma categoria especial de classe social, idade, ou situação que pudesse eximir as pessoas de passarem por estas situações vividas. Ou seja, não houve uma padronização nas formas do preconceito. Isso talvez se deva às variadas faces do preconceito. Heller (2000) aponta que as pessoas sempre estão predispostas a rotular o que têm diante de si, enquadrando o outro numa estereotipia, passando, assim, por cima das características singulares de cada um de nós, que podem não coincidir com as do grupo ao qual pertencem.

Embora as três formas de preconceito aqui relatadas – públicos ocasionais no anonimato ou face a face, e as situações institucionalizadas – estejam em

patamares de envolvimento pessoal diferentes no que concerne à aproximação física, social e emocional, o que chama atenção é que, mediante um gesto ou uma verbalização direta, em todos os casos as pessoas se sentiram desvalorizadas em relação às demais.

#### 4.2.3 O Lado B: Eu fui preconceituoso quando...

Faz-se necessário, neste momento, trazer para esta discussão a questão do preconceito para com o outro, pois as narrativas de nossos entrevistados colocam-nos como pessoas que também emitiram algum juízo de valor em relação a outrem em diferentes situações cotidianas.

Após perguntarmos para as pessoas se elas haviam sentido alguma forma de preconceito em sua vida, viramos sua perspectiva pelo avesso, e questionamos se já haviam se flagrado em situações nas quais teriam sido elas as preconceituosas.

Nas narrativas que apresentamos a seguir, pudemos perceber que a maioria das manifestações de preconceito ocorreu em situações públicas institucionalizadas, embora em algumas delas o interlocutor seja um anônimo, membro de uma categoria genérica. Por exemplo:

Isabela: *E você, já se percebeu tendo preconceito com alguém? Poderia me relatar?*

Zélia: *Às vezes... eu trabalho com Saúde Pública e, de vez em quando, **a pessoa vem sem tomar banho, vem... vem suja, né**, e eu conheço a casa, falo com ela: "tem que tomar banho antes de vir pro médico", né... aí às vezes eu dou uma puxada no freio, assim... isso não é legal...*

Zélia, 42 anos, fem., técnica de enfermagem, estudante de psicologia

Foram mais comuns os relatos em que ocorreram encontros face a face:

Isabela: *E você, já se flagrou tendo preconceito em alguma situação ou com alguma pessoa?...*

Simone: *Infelizmente, foi... olha, eu sinto até vergonha, sabe, foi um... um senhor, tadinho, que tava, sabe, com ferida, sabe, aí chegô, sabe, ô, meu Deus, eu senti, sabe, eu fiquei com vergonha, aí ele me pediu um dinheiro, alguma coisa, **aí eu olhei assim, sabe**, eu dei, mas eu fiquei, sabe, eu senti, sabe, mas daí depois eu pensei: "ô, meu Deus, mas eu não podia ter feito isso".*

Simone, 40 anos, fem., serviços gerais, 1.º grau completo

Isabela: *E você, já se flagrou tendo preconceito em alguma situação ou com alguma pessoa?...*

Mônica: *Já, foi até aqui, ó, um dia saindo daqui da escola, da faculdade, da UFMG, eu fui pegar o ônibus ali em baixo, aí um cara chegou e começou a pedir dinheiro pra gente, né, mas só que da maneira que ele falava **a gente não dava pra acreditar no que ele falava não... aí eu pensei, pensei: "ah, eu vô não, mexe com isso não"** ...aí ele tornô chegar perto de mim, tornô a pedir e eu disse "infelizmente eu não tenho"... Pra mim era mais conversa fiada dele, eu achei ele... era mentira...*

Mônica, 45 anos, fem., trabalho, serviços gerais, 1.º grau completo

Embora menos freqüentes, as narrativas envolveram, também, situações públicas ocasionais e no anonimato:

Isabela: *Você já se flagrou tendo preconceito em alguma situação que você parou e pensou: "nossa!, fui preconceituosa agora"?*

Gal: *Já, já, algumas vezes...*

Isabela: *Pode me relatar?*

Gal: *De classe social, só que não classe social baixa, classe social alta, eu já... algumas vezes assim eu tipo não, ai num, **num me bate muito, sabe, ah, é "pat"**, sabe, é chamar os outros de "pat" é tipo um preconceito...*

Gal, 19 anos, fem., estudante de Psicologia

Isabela: *E você, Ivan, você já se flagrou tendo preconceito em alguma situação, poderia me dizer?*

Ivan: *Ah, já, já... pô!, foram algumas, pô!, foi, a primeira vez que eu me flagrei também, flagrante de preconceito, foi na minha adolescência ainda e um amigo meu foi apresentar, foi me apresentar um amigo dele que ele tava fazendo aniversário, bebemos pra caramba coisa e tal... era tipo uma confraternização... aí daqui a pouquinho chega um outro cara na sala, aí **os dois se beijam, caraca meu, aí eu descobri que eu era preconceituoso...** também nesse dia, que foi uma cena...*

Isabela: *Mas o que você sentiu? o que quer dizer esse tipo "caraca"?...*

Ivan: **Caraca, foi... foi nojeira, nojeira, eu "caramba, o que que é isso?..."**

Ivan, 23 anos, masc., psicólogo

Isabela: *E você, já se flagrou tendo preconceito com alguém? Pode me dar um exemplo?*

Selma: *Olha o que... eu fui... que aquele meu comportamento de... é... é... preconceituoso... isso **em relação às... aos moradores periféricos mesmo**, que tem a ver comigo, que têm a ver com minha infância, né, que até hoje a gente vê, então em relação com... com a periferia, né, "mas aqui é muito perigoso"... eu me vi assim momentos pensando...*

Selma, 40 anos, fem., psicóloga e professora de Psicologia

Isabela: *E você, em relação ao outro, você já se flagrou...*

Ceumar: *Tendo preconceito? Claro, já, já... é, quer dizer, sempre dentro desta coisa que me afasta do outro, né, é... tem um... tem um episódio que eu num... não esqueço, que eu tava andando sozinha pela rua, e vi um rapaz é... tava frio... e **tinha um rapaz vindo na minha direção com uma jaqueta e um gorro enterrado na cabeça e fiquei com medo dele... eu achei mesmo é... como um tipo suspeito, já alguém que pudesse me assaltar**, e quando eu fui chegando perto... continuei lá no meu caminho, mas com medo... e quando cheguei perto eu reconheci... era o rapaz... chapeiro da lanchonete da faculdade... eu convivia, eu sabia o nome e tal... eu fiquei muito envergonhada... eu nunca falei isso, tô falando agora aí pra você... eu fiquei muito envergonhada...*

Ceumar, 51 anos, fem., psicóloga e professora de Psicologia

- Isabela: *Você quer falar mais alguma coisa [a respeito do preconceito]?*
- Rita: *Eu tive [preconceito] **quando eu fui pra Europa. É, eu tava na França** e tem muitos negros que são de colônias é africanas e são negros azulões né, e eu me vi em várias vezes assim com medo de tá passando pela rua e tá vindo um negro, e eu que sou assim, me considero totalmente sem preconceito; converso com pessoas na rua que pedem dinheiro, e de repente num lugar desconhecido eu não sabia se aquela pessoa representava um perigo ou não, **na primeira vista pra mim um negro representou perigo**, eu me senti supermal depois de ter tomado isso pro consciente...*

Rita, 26 anos, fem., bióloga

Estas narrativas nos permitem visualizar a diversidade de práticas cotidianas do preconceito, tendo como fundo os valores, os costumes históricos e sociais da sociedade ocidental atual e as diferentes formas de compreender o mundo. Permitem entender os variados motivos que, como mola propulsora, podem servir para que eu julgue o outro como sendo diferente do que aceito como norma, e assim, acabe por praticar a intolerância em forma de preconceito para com o outro.

A figura 3, elaborada como síntese da discussão sobre as experiências envolvendo preconceito, permite visualizar a diversidade de motivos que, de um lado, levou nossos entrevistados a serem preconceituosos e, de outro, os fez se sentirem alvos de preconceito. As situações e os motivos que levam ao preconceito, nessas entrevistas, trazem para o palco um outro elemento, que confere conotações especiais a essas experiências: os sentimentos por elas suscitados, assunto do próximo passo de nossa análise.

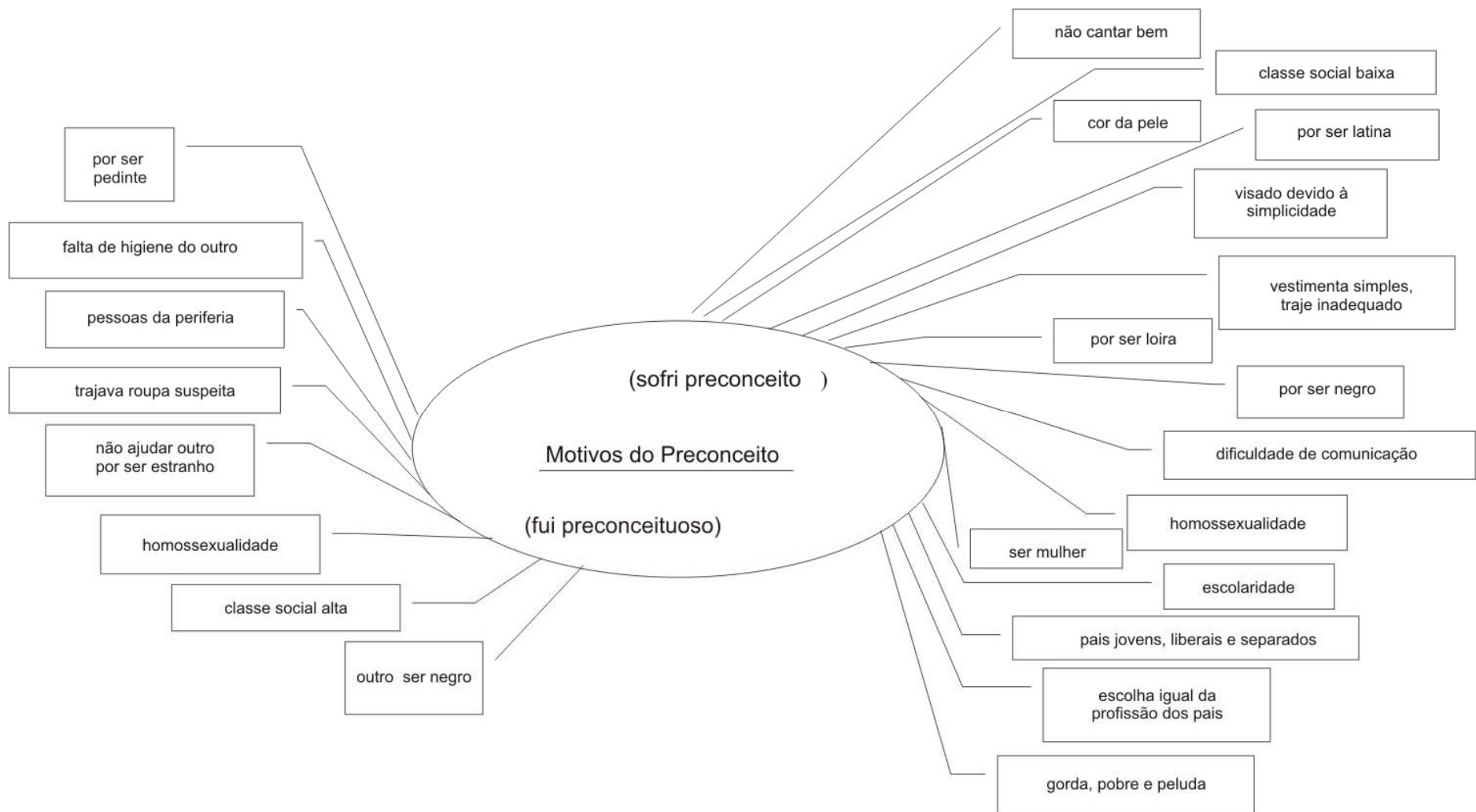


FIGURA 3 - MOTIVOS DO PRECONCEITO



### 4.3 O PRECONCEITO QUE ME FAZ SENTIR...

*Há pessoas que nos falam e nem escutam;  
Há pessoas que nos ferem e nem  
cicatrices deixam.  
Mas há pessoas que, simplesmente,  
aparecem em nossa vida...  
E que marcam para sempre...*

Cecília Meireles

Esta análise fecha o círculo do nosso objetivo de tese: a compreensão do preconceito como linguagem em ação, presente nas práticas discursivas do dia-a-dia das pessoas entrevistadas.

Iniciamos a análise das informações coletadas nas entrevistas com o que cada um deles, a partir de sua história de vida, compreende por preconceito. Depois, focalizamos os momentos e os contextos sociais em que se sentiram alvos de preconceito, e, paralelamente, os momentos e contextos em que tiveram reações preconceituosas, incluindo aí o motivos e explicações para tais ocorrências. Agora, nosso objetivo é buscar compreender quais os sentimentos que essas experiências suscitaram.

Este tema não poderia estar descolado das experiências vividas de nossos participantes da pesquisa, pois freqüentemente, sem que houvésemos perguntado sobre como ele ou ela havia se sentido ao perceber que estava sendo atingido pelo preconceito de alguém, eles expressavam algum tipo de emoção a esse respeito. Como Heller (1970) comenta, a emoção é elemento constituinte do pensamento e da ação dos seres humanos, e, assim, torna-se fenômeno inevitável.

A figura 4 permite visualizar a gama de sentimentos que emergiram nas entrevistas.

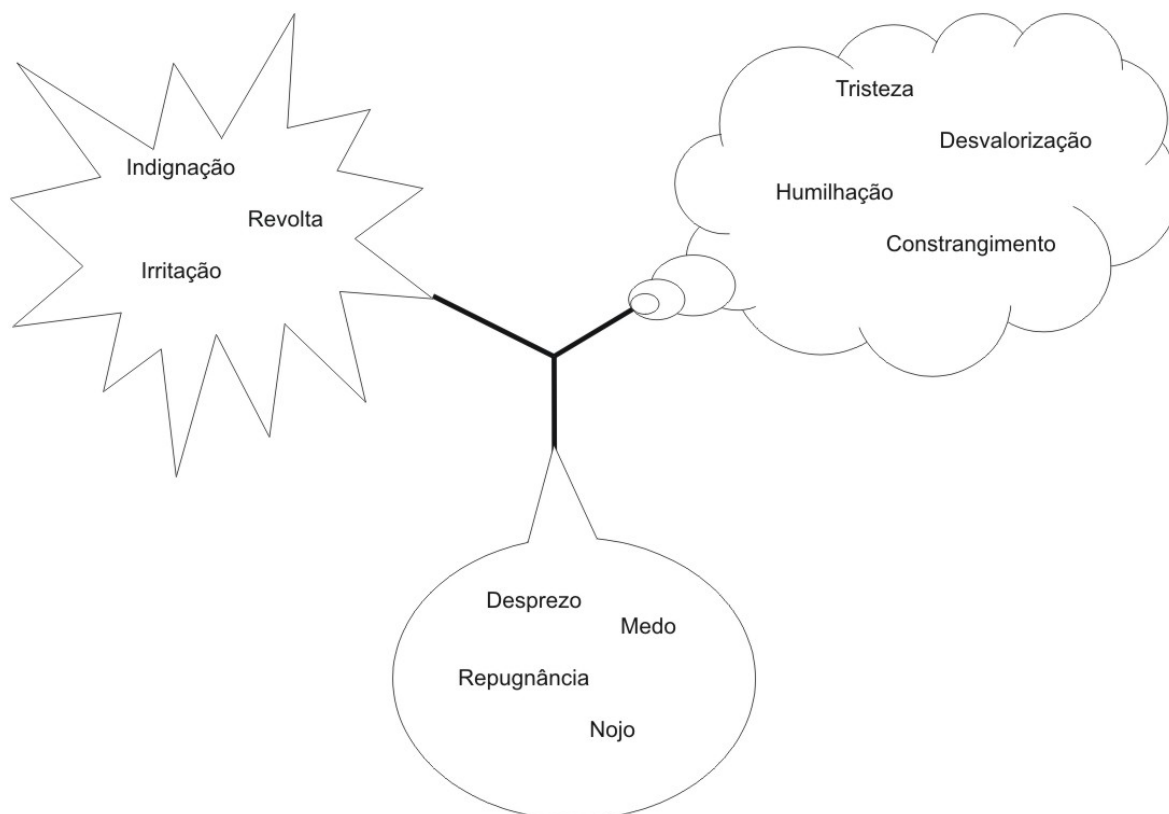


FIGURA 4 - PRECONCEITO E SENTIMENTOS

NOTA: Estes e outros sentimentos foram apontados como reação ao preconceito em três diferentes momentos:



Sentimentos do entrevistado quando outra pessoa apresentou algum tipo de preconceito para com ele;



Sentimentos do entrevistado quando sentiu-se de alguma forma depreciado por outra pessoa quando este mostrou algum tipo de preconceito para com ele;



Sentimentos dos entrevistado ao perceber que foi preconceituoso para com outra pessoa.

Os sentimentos em relação ao preconceito emergiram de diferentes formas durante as entrevistas: houve pessoas que, ao relatar sua experiência vivida por ter passado pela situação de preconceito, já falaram das emoções sentidas, tendo estas, em sua grande maioria, um teor depreciativo; foram raras as pessoas que se sentiram indignadas ou explicitamente revoltadas. Outros poucos, por não se lembrarem de alguma situação vivida, ao serem perguntados como uma outra pessoa se sentiria nesta situação também evocaram sentimentos com teor de

humilhação. Vamos aos exemplos das narrativas de nossos entrevistados, iniciando pelos sentimentos associados à vivência de preconceito.

### **Tristeza, humilhação...**

Muitas das emoções presentes nas narrativas têm um teor negativo; de forma geral, retratam sentimentos de tristeza, humilhação, muitas vezes com um tom desolador:

Isabela: *Em relação a essa tua vivência, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?*

Zélia: *Essa situação, né, te comparar com outra pessoa que não é igual a você, e que a outra é melhor por ser da pele clara ou por ter dinheiro, ou é mais bonita, ou só porque é branca, é mais inteligente, só porque tem dinheiro, acho que não é por aí, é **horrível!***

Zélia, 42 anos, fem., técnica em enfermagem e estudante de Psicologia

Isabela: *E esse preconceito que você sentiu, só voltando um pouquinho, se você pudesse falar rapidamente, quando você estava nos EUA.*

Selma: *Ah, que eu senti... ah, é **horrível** né, é uma coisa de **humilhação**, de... de... **desprezo**, de **menor**... de menos, né, **de menos**, **de pior**, né, uma coisa assim.*

Selma, 40 anos, fem., psicóloga e professora de Psicologia

Isabela: *E como é que é sentir este preconceito, senhor. João?*

João: *Ah, é **triste**, né, porque eu acho que a gente, todo mundo são iguais né, mas a gente, como se diz, a gente é assim, assim tem que ser, né, o preconceito não vai acabar mesmo, não tem como acabar com o preconceito, então fazê o quê? A gente se sente muito **triste**, muito, a gente **se sente muito pobre**, porque a gente trabalha dia a dia todo... a gente tá trabalhando, ainda o preconceito em cima da gente fica muito **triste**, vai fazer o quê?...*

João, 48 anos, masc., carpinteiro-pedreiro, 1.º grau completo

Isabela: *Em relação a este sentimento, quando você sentiu este preconceito em relação a você o que você sentiu com isso, o que te passou, o que te ficou?*

Simone: *Sinceridade eu fiquei **chateada**, porque eu acho que todo mundo é igual, sabe, num... raça, cor, sabe, e o que você, a função que você exerce, sabe, eu fiquei **chateada** sim, me deu um sentimento, sabe, mas depois, sabe, passou, toca a vida pra frente, ué!...*

Simone, 40 anos, fem., serviços gerais, 1.º grau completo

Isabela: *Em relação a este sentimento, quando você sentiu este preconceito em relação a você o que você sentiu com isso, o que te passou, o que te ficou?*

Mônica: *Ah, eu sei lá, eu sinto assim meia... fica... a gente fica **meia pra baixo**, né, mas depois a gente pensa bem e fala assim: ah, deixa pra lá porque a profissão da gente é essa mesmo", então a gente tem que... bola pra frente... num preocupa muito com esse tipo de coisa porque senão a gente acaba **sofrendo** mais, né, a gente acaba **sofrendo** mais...*

Mônica, 45 anos, fem., serviços gerais, 1.º grau completo

Isabela: *E, Ivete, o que você sentiu quando isso aconteceu?*

Ivete: *Eu senti assim **pequena**, né, pô!, eu sou igual aquela pessoa outra lá, que tá toda bonita, que tá toda aparência bonita, né, e... eu senti assim bem... você sente **arrasada**, **chateada** vontade de não voltar ali mais, né, é isso que eu senti, senti muito **chateada**.*

Ivete, 43 anos, fem., serviços gerais, 1.º grau completo

Rolando: *...eu me senti supermal, superconstrangido e eu não toquei no assunto, mas foi uma coisa assim muito ruim, assim...*

Isabela: *Então você acha que as pessoas que passam por preconceito sentem...*

Rolando: *Eu acho que rola é... por mais que a pessoa queira passar por cima, no fundo no fundo isso marca, eu acho que toca a pessoa porque é como **levar um tapa na cara**, ou você dá o outro lado ou você revida, né, eu acho que a questão da... a situação do preconceito é uma assim, ou você engole, ou você respira e continua a sua vida, ou você vai ficar lá batendo, né...*

Rolando, 46 anos, masc., desenhista industrial, 3.º grau completo

Isabela: *Você relata que vivenciou, então, a questão do preconceito... você sentiu alguma coisa nessa situação?*

Sueli: *Sente assim justamente esse **isolamento, essa separação**, né, é... no meu caso assim eu percebo que a pessoa falou "não é com... não quero falar com ele, quero falar com outro". Eu falo: "pôxa, quem que eu sou, eu sou a pessoa, será que **eu não tenho capacidade**, né, de estar aqui, de responder essa pergunta, tal?", e aí outros tipos de preconceito, é bem isso é... **uma coisa de porque eu não posso, quem é, por que que essa pessoa me desconsidera**, quem é ela, aí começa, eu acho que aí gera **revolta**: "quem é ela pra dizer que eu não posso, que eu não sou", etc.*

Sueli, 31 anos, fem., agrônoma, doutorado

Como podemos perceber nesses relatos, não há uma padronização social que possa fazer diferença nos sentimentos quando se passa pela experiência de ter sofrido algum tipo de preconceito. Sentimentos de humilhação, de constrangimento, de desvalorização, entre outras emoções relatadas, são fortes e marcantes na vida de cada um.

Como exemplo de uma reação distinta das outras, encontramos alguns casos em que a pessoa sentiu indignação ou irritação não se deixando abater, pelo menos diante da fala, pelo julgamento do outro. Observe-se o seguinte relato:

Isabela: *E escuta, Gal, como é que foi isso pra você, como é que você se sentiu?*

Gal: *Ah, eu primeiro me **irritou**, né, eu: "bah!, nem me conhece vai chegar e falar "a loira burra, loira burra do sul", tá, nem me conhece, não sabe se eu sou burra ou o que, né, porque pra mim não existe burro, todo mundo sabe alguma coisa, mas depois eu pensei: "ah, deve tá querendo arrumar encrenca, alguma coisa", ah, nem dei bola.*

Gal, 19 anos, fem., estudante de psicologia

Talvez essa reação possa ter sido consequência de não ter havido um confronto direto, como foi o caso de outras pessoas cujas experiências já foram

relatadas. Gal encontrava-se em um contexto social distinto do seu, uma vez que no Sul, seu estado de origem, sua aparência é mais comum, e o fato de ser loira não faz com que se sinta excluída.

### **Eu acho que quando uma pessoa sente preconceito ela...**

Algumas pessoas, durante as entrevistas, disseram não ter passado pela experiência do preconceito ou não se lembrarem, naquele momento, de nenhum fato ocorrido. Mesmo assim, perguntamos: se uma pessoa passasse ou mesmo vivesse sob essa situação, quais seriam seus sentimentos? O que percebemos nas respostas dos entrevistados 'experiência', é que nenhuma apareceu como algo apenas hipotético, mas, sim, como experiência presenciada ou relatada por alguém que havia passado por isto ou, ainda, como possibilidade. Eis algumas falas:

Isabela: *Você acha que uma pessoa sente alguma coisa ao passar por esta situação, sua própria amiga, mesmo, por exemplo...*

Nana: *Eu acho que as possibilidades são podadas, então lógico que **a pessoa se sente podada**, porque ela, com a mesma capacidade, numa decisão não foi justa com função da cor dela, então, assim, com certeza **não tem como a pessoa se sentir indiferente**, né, quem sofre preconceito não tem como ser indiferente.*

Nana, 30 anos, fem., comerciante, 3.º grau completo

Isabela: *Então, pessoas que sofrem preconceito...*

Rita: ***Sente muito péssimo**, acho que é isso, se sentir é... apesar, né, das diferenças serem reconhecidas, mas todo mundo quer ser aceito, eu acho, né, então é... é muito ruim se sentir excluído de qualquer coisa que seja, eu acho que **sofrer preconceito é ser excluído**.*

Rita, 26 anos, fem., bióloga, 3.º grau completo

Isabela: *E as pessoas que vivem esta situação de sentir preconceito em relação a elas, como deve ser isso?*

Cida: *Acho que o preconceito é **uma coisa muito doída, é uma dor horrível, uma dor profunda**, sabe...*

Cida, 56 anos, fem., juíza de alçada aposentada, 3.º grau completo

Isabela: *Uma pessoa que vive uma situação de preconceito, como ela deve se sentir?*

Marina: *Será que **desprezada...** eu lembro, dentro da minha casa eu já vi e achei que a pessoa se sentiu desprezada e ficou muito mal por isso, eu acho que por mais que você não concorde você **se sente rebaixada, se sente no chão mesmo, pisada, assim, esmagada...***

Marina, 43 anos, fem., arte-educadora, 3.º completo

Isabela: *Então você sentiu preconceito de você mesma além de outras pessoas... Como você acha que uma pessoa então se sente ao passar por esta situação?, ou você...*

Leila: *Sente **rejeitada**, sente um **vazio, rejeição, culpa**.*

Leila, 22 anos, fem., farmacêutica, 3.º grau completo

Isabela: *Seja no caso de outra pessoa ou no seu, o que será que uma pessoa sente em caso de preconceito?*

Roberta: *Ela sente **humilhação**, uma **vergonha**, e às vezes ela não tem preparo forte, ela embarca na da pessoa que tem preconceito e ela realmente **acaba achando que ela é inferior**, se ela não é segura de si, ela acaba... absorvendo o conceito do outro e **se achando mesmo pior** que o outro e ela **sofre muito** mais por isso.*

Roberta, 44 anos, fem., secretária, 3.º grau completo

Isabela: *Uma pessoa que sinta isso no seu dia-a-dia, como deve se sentir?*

Cora: *Eu acho isso muito **ruim**, é uma coisa que te mantém presa, né, e **faz com que você não se posicione perante a vida**, na verdade, né, porque daí você fica mantendo, vamos dizer assim, uma **aparência**, na verdade é uma coisa que te deixa estagnada, né.*

Cora, 38 anos, fem., odontologista, 3.º grau completo

A partir dos relatos, o que podemos perceber é que pensar na dor do outro em face do preconceito é pensar, muitas vezes, na própria experiência vivida.

Pensar no outro é ver um panorama que vai além das possibilidades de sentimentos, como sentir-se péssimo, sentir dor, exclusão, humilhação, vergonha, entre outros que surgiram. Pensar no preconceito a partir do que o outro possa estar vivenciando é pensar em limitações de possibilidades variadas, inclusive de vida social com igualdade e justiça.

Como Nana aponta, *"não tem como a pessoa se sentir indiferente, né?, quem sofre preconceito não tem como ser indiferente"*. Acreditamos que esta experiência do preconceito pode deixar marcas profundas, como no caso de Rolando, que nos disse que *"por mais que a pessoa queira passar por cima, no fundo no fundo isso marca, eu acho que toca a pessoa porque é como levar um tapa na cara"*.

De certo que há pessoas que podem reagir diferente diante do preconceito por parte do outro, a exemplo de Gal, que nem deu bola; contudo, nem por isso a atitude preconceituosa passou despercebida mas fez com que ela se sentisse incomodada a ponto de se sentir, no mínimo, irritada. Ou seja, de alguma forma, isso a atingiu, mesmo que sua reação não tenha sido marcada por sentimentos de tristeza e humilhação.

Seja como for, o que queremos aqui demonstrar é que o preconceito parece ser um tipo de comportamento social que pode estar presente em todas as relações humanas, podendo ou não ser manifestado, tanto verbalmente quanto fisicamente, como num simples olhar julgador relatado por algumas das pessoas. Como aponta Bobbio (2002), o preconceito acaba por ser uma opinião errônea



tomada fortemente por verdadeira, acolhida muitas vezes acriticamente e passivamente pelos costumes ou tradição.

O que mais há pra dizer diante dessas pessoas, dessas histórias, desses sentimentos, desses preconceitos?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar neste momento da tese, ou seja, fazer as considerações finais é no mínimo interessante, pra não dizer intrigante. Interessante pois a sensação de nunca conseguir chegar neste momento 'final' se dissipa, pois afinal este parece ter chegado. Intrigante, porque há um movimento não de conclusão, mas de abertura para tantos outros questionamentos e reflexões, o que faz com que este pareça ser apenas um detalhe de um universo imenso ainda por desvendar.

Nesta expressão, *considerações finais*, cada palavra tem seu significado. Não iremos longe, ficaremos no bom e velho conhecido dicionário e veremos que *considerações* significam motivo, razão, opinião, ou, ainda, observação sobre algo. Já a palavra *final* tem o significado de derradeiro, o último ponto, o que conclui. Logo, percebemos o impasse. Não temos como colocar um ponto final nesta tese. Teremos um ponto, mas que não é o último; razões que não são necessariamente derradeiras.

Talvez o que tenhamos, na realidade, é sim uma observação sobre algo, quando muito algumas opiniões a respeito de.

A respeito do quê? A respeito de nosso tema, que é o preconceito.

Vejamos o que conseguimos e onde chegamos.

### **Sobre o preconceito e seus conceitos**

O que pudemos ver até o momento desta pesquisa, neste ano, neste lugar, é que não há uma teoria, pelo menos das Ciências Sociais e Humanas, que possa dar conta da complexidade teórica e, por que não dizer, prática da questão do preconceito.

Pesquisadores das mais variadas épocas e, com certeza, com as mais variadas razões e motivos, não deram conta de chegar a um denominador comum, a uma conclusão, ou seja, a um fim.

Allport, Heller, Bauman, Tajfel, Goffman e tantos outros de diferentes escolas e os mais diferentes olhares não fecharam o assunto, não encerraram a questão. Fizeram, sim, excelentes contribuições nas quais a reflexão não nos passa despercebida, pelo contrário, enriquece e esclarece muito a respeito do tema e nos prova que de fato o preconceito tem diferentes faces, e a cada época historicamente e socialmente localizada toma formas muitas vezes inimagináveis, como no caso do holocausto, mudando de nome, de intensidade, de ação, de intenção.

Seja como for, o preconceito de fato existe. E aqui cabe perguntarmos: mas, afinal, o que é o preconceito?

Segundo algumas escolas teóricas, o preconceito é o pensar mal de outras pessoas sem motivo suficiente, ou, ainda, estar seguro de algo de que não se sabe (ALLPORT, 1971); ou pode passar pela questão da identidade social, em que o indivíduo se reconhecerá ou não como filiado a um ou vários grupos sociais, formulando esquemas classificatórios, separando pessoas e objetos, ocorrendo daí a divisão entre o nós e eles, segundo Tajfel (1981). Para Goffman (1975), que pesquisou a questão do estigma, este se apresenta em tudo aquilo que é diferente do que um grupo social considera como "normal". Em nosso entendimento, isto reforça a questão da aproximação entre o preconceito e o estigma, uma vez que um poderá gerar o outro. Crochik (1997) escreveu que ninguém está imune ao preconceito. Para ele o preconceito é uma reação individual, assim como o estereótipo é um produto cultural, aparecendo sempre como uma realidade deturpada. O preconceito, para Heller (2000), é a categoria do pensamento e do comportamento

cotidianos. E, para Bauman (1998), é no silêncio da ética e da moralidade que se tornam possíveis várias atrocidades humanas, a começar pelo preconceito.

Mas há ainda outro entendimento de preconceito, o qual, apesar de ser menos elaborado cientificamente, não significa que tenha menor valor ou possa ser desmerecido. É o preconceito que circula como linguagem em ação no cotidiano das pessoas, seja ele de domínio comum, seja em forma de vivência. É o que *"vai além do aparente"*, aquilo que *"domina o outro"* e também o que me *"afasta do outro"* e faz com que uma pessoa *"vire as costas"* porque *"se sente melhor do que o outro"*. Preconceito também pode ser o *"não considerar a outra pessoa com a mesma capacidade"*, e ainda *"achar o diferente errado"*. Há os que dizem que o preconceito *"é uma insegurança da parte da pessoa em relação ao outro"*, ou *"é sempre uma maneira de se defender"*. Deve ser por causa dos *"tabus sociais e os juízos de valor"*. Mas preconceito também pode ser *"discriminação e exclusão"*, podendo até *"excluir uma pessoa do seu relacionamento ou até do seu pensamento"*.

E esse preconceito aconteceu e acontece nas mais variadas formas: pode ser numa relação amorosa, no trabalho, na escola, na família, no restaurante, no comércio ou mesmo numa festa. Não tem idade, cor, estatura ou condição social. Em outras palavras, o preconceito não tem preconceito. Ele se dá em meio às práticas discursivas, que é a linguagem em ação, permeadas de história e cultura, valores e normas, produzindo sentidos a partir das vivências e experiências sociais e individuais.

E, assim, o sujeito enxerga e se vê no mundo e se posiciona em relação ao outro, como Davies e Harré (1990) apontam, ou seja, somos um leque de possibilidades, uma pergunta aberta, aprendendo, resignificando, reinterpretando

e (re)posicionando nossas vidas, à medida que as negociações de convivência ganham sentidos e nos comprometem moral e emocionalmente a um grupo por conta do sentimento de pertença, sempre numa construção conjunta, logo, sempre em mudança.

No entanto, sobre o preconceito e sua ação, arriscamos dizer que talvez uma única coisa que não muda é o resultado de quem passou por esta experiência: o sofrimento. Como dizem nossos entrevistados, ele é *"horrível"*, é algo que *"dói, é uma facada, um punhal"*, algo que pode fazer com que as pessoas *"não se posicionem perante a vida"*, *"constrange, faz com que as pessoas se sintam desprezadas, rebaixadas, no chão, pisadas, diminuídas, mal, humilhadas, esmagadas"*.

É verdade que existem reações contrárias: *"achei ridículo"*, diria Rolando; *"me irritou... nem dei bola"*, diria Gal. Mas, de uma forma geral, há a dor, o sofrimento, o baixar a cabeça e o ir tocando a vida assim mesmo. Como diz seu João, *"o preconceito não vai acabar mesmo, não tem como acabar com o preconceito"*.

Seja como for, acreditamos que o preconceito-conceito indica uma maneira de neutralizar o outro em forma de exclusão, negação, isolamento, depreciação, inferioridade, insignificância, um modo para que esse outro – aquele lá – fique longe, bem longe do meu lugar confortável, para que eu possa garantir meu sossego em meu grupo ou 'ninho' social. O preconceito é um conceito e, por que não dizer, uma prática que simplesmente aceitamos. Como escreve Bobbio (2002), acriticamente, passivamente, e, ainda por cima, tomamos por verdadeira.

Acreditamos com isso que alcançamos nosso objetivo, que foi entender como o preconceito, enquanto linguagem em ação, permeia as práticas discursivas e

a produção de sentidos no cotidiano das pessoas, seja como conceito, experiência, posicionamento ou sentimento.

Quanto à questão de o preconceito não ser adjetivado, ou seja, necessariamente colado a alguma característica especial desta ou daquela pessoa (negros, deficientes, idosos etc.), também consideramos que isto tenha ficado esclarecido, uma vez que a circulação do preconceito se deu de diferentes formas e situações, fossem elas públicas ocasionais anônimas ou face a face, além de ter acontecido em situações públicas institucionalizadas. Ou seja, de fato, a prática do preconceito no cotidiano das pessoas não está relacionada a nenhuma situação específica, a não ser aos conceitos estabelecidos enquanto valores culturais e sociais apreendidos no decorrer da vida.

**E agora, João, Zélia, Selma, Ivete, Nana, Leila, Sueli, Roberta, Rolando, Cecília, Ana, Cora, Marina...??**

A questão agora é o que fazer com este material, para que ele não se torne mais uma pesquisa encadernada em uma biblioteca universitária. Pensamos que escrever artigos não é o suficiente, embora isto possa, de alguma forma, expor o tema em pauta a mais pessoas. A questão passa por outros meios, que, acreditamos, tenham uma relação mais prática que teórica.

Conforme já dissemos, como profissionais sempre estivemos preocupados em provocar reflexões em nossos alunos sobre a questão do preconceito, ou seja, sobre a necessidade da tolerância para com todos, quaisquer que fossem os atributos apresentados pelo outro, seja no estereótipo, seja no comportamento ou outra característica qualquer.

A importância deste tema, a nosso ver, é mostrar que, embora alguns trabalhos sejam também importantes, de certa forma mostram uma tendência a

adjetivar o preconceito para certos nichos bastante específicos de pessoas, não considerando outras situações também significativas. Precisamos estar atentos, justamente, para o fato de que, ao ignorar ou mesmo desprezar o outro por este não estar bem vestido, por exemplo, de algum modo causamos a ele algum dano, seja ele moral, psíquico ou social.

Da mesma forma, precisamos estar atentos para que não nos ocorra o mesmo que se deu com os afrodescendentes, que somente após anos de luta conseguiram leis que protegem direitos que deveriam ser entendidos como tácitos a todo e qualquer cidadão. Não podemos ou não deveríamos nos acostumar a isso, com o risco de chegar a esse mesmo ponto, ou seja, precisar esperar que haja uma lei para que compreendamos que, de fato, todos temos direitos mais que humanos e nascemos livres e iguais em dignidade, e que o espírito de fraternidade deveria ser a tônica das relações políticas e sociais.

Se pela linguagem se constrói o mundo, também por ela pode ser desconstruída uma vida. É preciso estar atento ao preconceito, ao mesmo tempo que é preciso dar atenção ao que seria talvez seu antídoto, a saber, a tolerância.

Se ter preconceito é julgar o outro pelo que não se sabe, tolerar é condescender, admitir e aceitar a diferença do outro, mesmo que eu não a entenda.

O preconceito não parece ser só uma ausência de saber do outro, não é apenas um instrumento de julgamento para que meu inimigo imaginário seja simplesmente esquecido. É também um forma de violência que pode provocar não só a exclusão, a discriminação, a intolerância, mas também o ódio, gerando conflitos tais como os que temos visto na mídia, provocados pelos *skinheads*, entre outros grupos, que se colocam contra os homossexuais, profissionais do sexo, contra pessoas em pontos de ônibus, dentre tantas outras atrocidades em

pleno século 21. Como escreve Wiesel (2000), quando a linguagem fracassa é a violência que a substitui, pois estará substituindo o que temos de mais precioso como seres humanos, que são a palavra e as possibilidades que advêm disso.

Negar o outro é negar suas possibilidades de humanidade, de sonhos, de realização, de direitos e de deveres. A sutileza do preconceito deve ser iluminada para que não haja nem sombra de dúvida quanto ao seu alcance de humilhação e limitação de quem quer que passe por esta experiência. Identificar e reconhecer o preconceito nas relações cotidianas é discernir e assumir a postura de não ficar indiferente e, assim, tentar deslegitimar um comportamento usualmente e infelizmente aceito, muitas vezes, como normal em nossas relações sociais, tal como expresso por João e outras pessoas entrevistadas: *"o preconceito não vai acabar mesmo... então o negócio é tocar a vida"*.

De fato, infelizmente talvez seu João tenha razão. O preconceito pode não acabar, assim como a fome, a miséria, as doenças. Então devemos simplesmente nos acomodar e aceitar esse fato sem fazer nada? Não é nisso, absolutamente, que acreditamos, muito pelo contrário. Acreditamos que talvez pela sensibilização cotidiana, especialmente nas escolas e universidades, possamos desmascarar o preconceito como algo aparentemente inofensivo mas que extrapola o direito à harmonia de simplesmente viver em paz consigo mesmo e com o próximo do jeito que se é. É isso o que fizemos e continuaremos a fazer, pois é um compromisso nosso, como professora, como cidadã. Mais do que um título, é um compromisso ético de vida.

Sendo assim, este tese não acaba aqui. Impossível mesmo seria esse feito. E a razão é simples: trata-se de mais uma maneira, como tantas outras, de olhar o preconceito, mas com outra perspectiva. A idéia não é para ser mais uma,



mas para tentar fazer alguma diferença, nem que seja para dizer: "Ei, você!, não negue... perceba, olhe, é isso mesmo! O preconceito existe!"

A prova disso são essas pessoas, essas histórias reais de vida aqui relatadas.

A prova disso é minha vida, porque eu já fui preconceituoso, e eu também já sofri preconceito.

E você?

Que tal fazermos alguma coisa a respeito?

## REFERÊNCIAS

### Dissertação e Tese

SOUZA, Isabela Augusta Andrade. **Adolescência e soropositividade**: sentidos e significados do (com)viver enquanto portador do vírus HIV. 2003. Dissertação (Mestrado) - Departamento de Psicologia – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

NASCIMENTO, Vanda Lúcia Vitoriano do. **Práticas sociais em situação de discriminação no cenário da aids**: sobre direitos, demandas e encaminhamentos. 2007. Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

### Livros

ADORNO, S. Violência, ficção e realidade. In: SOUZA, M. H. (Org.). **Sujeito**: o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.181-188.

ALENCAR, Chico (Org.). **Direitos mais humanos**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

ALLPORT, Gordon W. **La Naturaleza del Prejuicio**. 4.ed. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1971.

ALVARO, J. L.; GARRIDO, A. **Psicologia social**: perspectivas psicológicas e sociológicas. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas ciências humanas. São Paulo: MUSA, 2004.

ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1999.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1990.

BAKHTIN, Mikhail M. The Problem of epeech genres. In: EMERSON, Caryl; HOLQUIST, Michel (Eds.). **Speech Genres and other late essays**. Austin, Texas: University of Texas Press, 1994. p.60-102.

BAUMAN, Z. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 24.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOBBIO, Norberto. **Elogio da serenidade e outros escritos morais**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

BRAITH, B. (Org.). **Bakhtin**: conceitos chaves. São Paulo: Contexto, 2005.

BRAITH, B. (Org.). **Bakthin**: dialogismo e construção do sentido. 2.ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

CAMPOS, R. H. de F. (Org). **Dicionário biográfico da psicologia no Brasil**: pioneiros. Rio de Janeiro: Imago; Brasília (DF): CFP, 2001.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. 11.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

CROCHÍK, J. L. **Preconceito**: indivíduo e cultura. São Paulo: Robe, 1997.

ESTRAMIANA, J. L. A. **Psicologia social**. São Paulo: McGraw-Hill Brasil, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque De Holanda. **Novo Aurélio século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3.ed. Totalmente ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. Trad. Álvaro Cabral. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (biblioteca universal)

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Trad. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOFFMAN, E. **A representação do Eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. 11.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. (Aqui a 1.<sup>a</sup> versão em português foi 1985 pela mesma editora).

GRANJO, Maria H. B. **Agnes Heller**: filosofia, moral e educação. 3.ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2000.

GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

HARRÉ, Rom. Foreword. In: SHOTTER, John. **Cultural politics of everyday life**. Buckingham: Open University Pressm, 1993.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

HELLER, Agnes. **Cotidiano e a história**. 6.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Versão 2.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

IBÁÑEZ, Tomás. La Psicología Social como dispositivo desconstruccionista. In: **Psicologia social construcionista**. Guadalajara, México: Universidad de Guadalajara, 1994. p.217-243.

IBÁÑEZ, Tomás. **Municiones para Disidentes**. Barcelona Gedisa, 2001.

IÑIGUEZ, Lupicínio (Coord.). **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. Trad. Vera Lúcia Joscelyne. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.

IÑIGUEZ, Lupicínio; MARTINS, João Batista (Org.). HAMMOUTI, Nour-Din El. **Temas em análise institucional e em construcionismo social**. São Carlos: RiMa; Curitiba: Fundação Araucária, 2002.

JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (Org.). **História da psicologia: rumos e percurso** Rio de Janeiro: Nau, 2006.

JODELET, D. A alteridade como processo e produto psicossocial. In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1998. p.47-68.

JOFFE, H. Degradação, desejo e o "outro". In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1999. Cap. 4, p.109-128.

JOVCHELOVITCH, S. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, P. A.; JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1998. Cap. 2, p.63-85.

JOVCHELOVITCH, S. Re(des)cobrando o outro: para um entendimento da alteridade na teoria das representações sociais. In: ARRUDA, A. (Org.). **Representando a alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1999. Cap. 3, p.69-82.

KEHL, M. R. Imaginário e pensamento. In: SOUZA, M. H. (Org.). **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.169-180

KEHL, M. R.; KEHL, M. R. Imaginário e pensamento. In: SOUZA, M. H. Souza (Org.). **Sujeito: o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense 1995. p.169-180.

KRÜGER, Helmuth. Cognição, estereótipos e preconceitos sociais. In: LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (Org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004. Cap. 1. p.23-40.

LEITE, D. M. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**. 6.ed. rev. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

LIMA, M. E. O.; PEREIRA, M. E. (Org.). **Estereótipos, preconceitos e discriminação: perspectivas teóricas e metodológicas**. Salvador: EDUFBA, 2004. 300p.

MENEGON, Vera Sonia Mincoff. **Entre a linguagem dos direitos e a linguagem dos riscos: os consentimentos informados na reprodução humana assistida** São Paulo: Fapesp, Educ, 2006.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**. 7.ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOSCOVICI, S. **La era de las multitudes: un tratado histórico de la psicología de las masas**. México: Fondo de la Cultura Económica, 1985.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOVAES, Adauto. **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

OLIVEIRA, F. O.; WERBA, G. C. Representações sociais In: STREY, M. N. et. al. **Psicologia social contemporânea**: livro texto. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

PORTUGAL, F.T. Psicologia social em George Herbert Mead, na escola de Chicago e em Erving Goffman. In: In: JACÓ-VILLELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (Orgs). **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau, 2006. Cap. 27, p.463-472.

POTTER, Jonathan. Discourse analysis and constructionist approaches: theoretical background. In: RICHARDSON, T. E. (Org.). **Handbook of qualitative research methods**. Leicester (UK): BPS Books, 1996.

POTTER, J.; WETHERELL, M. **Discourse and Social psychology**. London: Sage Publications, 1987.

RODRIGUES, A. **Estudos em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 1979.

ROLNIK, S. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. In: MAGALHÃES, M.C.R. (Org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Escuta, 1995. p.141-170.

RORTY, Richard. **La filosofía y el espejo de la naturaleza**. Madri: Cátedra, 1983.

RORTY, R. **A filosofia e o espelho da natureza**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

SÁ, C. Representações sociais: o conceito e o atual estado da teoria. In: SPINK, M. J. (Org.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense. 1993. p.19-45.

SANTOS, Boaventura de S. **Um discurso sobre as ciências**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SATO, Leny; JACÓ-VILELA, Ana Maria (Org.). **Diálogos em psicologia social**. Porto Alegre: Evangraf, 2007.

SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social Petrópolis: Vozes, 1999.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: \_\_\_\_\_ (Org.). **Artimanhas da exclusão**: análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 1999. p.97-118.

SOARES, Jorge C. Escola de Frankfurt: unindo materialismo e psicanálise na construção de uma psicologia marginal. In: JACÓ-VILLELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (Orgs). **História da psicologia**: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006. p.473-502.

SPINK, M. J. (Org). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**: aproximações teóricas e metodológicas. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, M. J. **Linguagem no cotidiano e produção de sentidos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

SPINK, M. J.; MEDRADO, B. Produção de sentido no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, M. J. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo: Cortez, 1999.

SPINK, M.J.; SPINK, P. K. A psicologia social na atualidade (2005). In: JACÓ-VILLELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (Orgs). **História da psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: Nau, 2006.

STREY, M. N. et al. **Psicologia social contemporânea**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TAJFEL, H. (Ed.). **Differentiation between social groups**. London: Academic Press, 1978.

TAJFEL, Henri. **Human groups and social categories**. New York: Cambridge University Press, 1981.

WIESEL, Elie. Prefácio. In: BARRET-DUCROCCQ, Françoise (Dir.). **A intolerância: foro Internacional sobre a intolerância**. Unesco, 27 de março de 1997, La Sobornne, 28 de março de 1997/Academia Universal das Culturas. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 294 p.

## Artigos

ALBUQUERQUE, Francisco José Batista de; VASCONCELOS, Tatiana Cristina; COELHO, Jorge Artur Peçanha de Miranda. Psychosocial analysis of the settling and its surroundings. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.17, n.2, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722004000200011&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000200011&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: jun. 2007.

BRUMER, Anita; PAVEI, Katiuci; MOCELIN, Daniel Gustavo. Saindo da "escuridão": perspectivas da inclusão social, econômica, cultural e política dos portadores de deficiência visual em Porto Alegre. **Sociologias**, Porto Alegre, n.11, jan. /jun. 2004.

CROCHÍK, J. L. Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade. **Revista de Estudos de Psicologia**, Campinas, v.22, n.3, set. 2005.

CROCHÍK, José Leon. Preconceito: relações com a ideologia e com a personalidade, **Estud. Psicol.**, Campinas, v.22, n.3, set. 2005.

CYTRYNOWICZ, Roney. Além do estado e da ideologia: imigração judaica, Estado-Novo e Segunda Guerra Mundial. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v.22, n.44, 2002. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882002000200007&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882002000200007&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: jun. 2007.

DAVIES, B; HARRÉ, R. Posicionando: a produção discursivas de "SELVES". **Journal for the Theory of Social Behavior**, v.20, n.1, p.43-63, 1990. (Trad. Mary Jane Spink, abril:1996)

FESTINGER, L. A. Theory of social comparison processes. **Human relations**, n.7, p.117-140, 1954.

GERGEN, Kenneth J. The Social Construcionist Movement in Modern Psychology. **American Psychologist**, v.40, n.3, p.226-275, 1985.

GOMES, Claudia; BARBOSA, Altemir José Gonçalves. Inclusão escolar do portador de paralisia cerebral: atitudes de professores do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v.12, n.1, jan./abr. 2006.

GUIMARAES, Antonio Sérgio Alfredo. Preconceito de cor e racismo no Brasil. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v.47, n.1, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012004000100001&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: jun. 2007.

MOTT, Luis. Homoaffectivity and human rights. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v.14, n.2, 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2006000200011&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2006000200011&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: jun. 2007.

PEREIRA, Cícero; TORRES, Ana Raquel Rosas; ALMEIDA, Saulo Teles. A study of prejudice from a social representation perspective: analysis of the influence of a justifying discourse on racial prejudice discrimination. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v.16, n.1, 2003. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-79722003000100010&lng=es&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000100010&lng=es&nrm=iso)>. Acesso em: jun. 2007.

SILVA, Luciene M. O estranhamento causado pela deficiência: preconceito e experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v.11, n.33, set./dez. 2006.

SMIGAY, Karin Ellen von. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafio para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v.8, n.11, p.32-46, jun. 2002.

SPINK, M. J. Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em psicologia social. **Revista Psicologia e Sociedade**: revista da Associação Brasileira de Psicologia Social ABRAPSO, v.19, n.1, p.7-14, jan./abr. 2007.

SPINK, Peter K. Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, v.15, n.2, p.18-42, jul./dez. 2003.

**APÊNDICE A**  
**RESUMO DAS ENTREVISTAS**



Entrevistado	Para mim, preconceito é...	Eu sofri preconceito...	O motivo seria por...	O que eu senti...	Outros elementos acerca do preconceito...
1. Djavan 33 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ um conceito pré-formado, com várias formas de conceitos pré-formados</li> </ul>	Sim (relacionamento)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ preconceito velado por pena</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ não foi legal</li> </ul>	Aqui aparecem outros sentimentos do sentir preconceito, como se morder por dentro, aceitar para não perder um amor, um amigo.
2. Leandro 23 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ alguma coisa errada</li> <li>▪ preconceito existe em tudo</li> </ul>	Sim	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ pela dificuldade de comunicação</li> <li>▪ pelo jeito de ser</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ a gente se sente mal</li> <li>▪ ela (o outro) se entristece</li> </ul>	Aqui ele não culpabiliza diretamente as pessoas, mas coloca até a correria do dia-a-dia como sendo fator para as pessoas não se conhecerem.
3. Nana 30 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ um conceito formado antes do conhecimento</li> <li>▪ julgar uma pessoa pelo que ela é ou deixa de ser</li> <li>▪ quando você não aceita a pessoa como ela é</li> </ul>	Não se lembra (traz relato de amiga negra)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ não se lembra (amiga – pela cor)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>(o outro)</li> <li>▪ se sente podado</li> <li>▪ não consegue ser indiferente a isso</li> </ul>	O exemplo da amiga negra aparece como sendo algo que aconteceu, mas ela mesma diz ter preconceitos variados, sem citar quais.
4. Leila 22 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ não aceitar as diferenças</li> </ul>	Sim (homossexualidade)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ auto-aceitação</li> <li>▪ amigos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ rejeição</li> <li>▪ vazio</li> <li>▪ culpa</li> </ul>	Coloca principalmente o autopreconceito como um fator de dificuldade primeira e maior da condição da sexualidade.
5. Sueli 37 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ não considerar uma outra pessoa com a mesma capacidade</li> <li>▪ diferenciar as pessoas por algum motivo qualquer, seja por raça... não, raça não existe, seja por cor de pele, diferenciar as pessoas</li> </ul>	Sim (questões de gênero)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ no ambiente de trabalho, seja em escritório ou campo</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ isolamento</li> <li>▪ separação</li> <li>▪ sensação de falta de capacidade</li> </ul>	Relata variadas situações de trabalho onde fica clara a questão de gênero; inclusive em uma visita a pessoa mandou que ela fosse pra cozinha conversar com a mulher, sendo ela a técnica que iria orientar.

QUADRO A.1 - ENTREVISTA FEITA NA CIDADE DE CURITIBA-PR

continua

continuação

Entrevistado	Para mim, preconceito é...	Eu sofri preconceito...	O motivo seria por...	O que eu senti...	Outros elementos acerca do preconceito...
6. Roberta 44 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>insegurança da parte da pessoa em relação ao outro</li> <li>o medo de perder espaço</li> <li>sempre uma maneira de se defender</li> </ul>	Sim (escolaridade e situação de classe social)	<ul style="list-style-type: none"> <li>por não ter faculdade</li> <li>estar em loja cara, sendo simples</li> </ul>	(o outro) <ul style="list-style-type: none"> <li>humilhação, vergonha, sente-se inferior, pode absorver conceito do outro e achar-se pior, sofre muito</li> </ul>	Fala de exemplos outros de preconceito, como a questão do racismo, inclusive de pais que não querem que seus filhos casem e tenham filhos, e assim o sofrimento segundo ela, continuaria nestes. Percebeu preconceito em relação a sua pessoa inclusive não-verbal, mas em gestos.
7. Rolando 46 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>a discriminação que as pessoas têm, é... com relação a uma opção que você é</li> </ul>	Sim (homossexualidade)	<ul style="list-style-type: none"> <li>foi contestada a sua capacidade pela sexualidade (no trabalho)</li> <li>por questões sociais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>sentiu-se constrangido</li> <li>muito mal</li> <li>é como levar um tapa na cara</li> <li>tem que engolir e respirar e tocar a vida</li> </ul>	Reforça a questão do preconceito como sendo falta de respeito para com o outro.
8. Rita 26 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>conceito prévio sem se colocar no lugar, é o diferente, ser entendido como errado</li> <li>não conseguir entender que tem diferenças</li> </ul>	Sim (adolescência)	<ul style="list-style-type: none"> <li>pais jovens, liberais, separaram-se, e ela sofria a separação mas isto não era levado em conta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>sentiu-se isolada</li> <li>o outro: deve sentir-se péssimo, excluído</li> </ul>	Flagrou-se tendo preconceito racial quando estava na França, sentiu-se em situação de perigo pelas figuras freqüentes em um país que não conhecia e sentiu-se envergonhada por isso.
9. Cecilia 24 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>é uma idéia anterior, assim, sem saber na verdade o que a pessoa é realmente</li> <li>uma idéia falsa da pessoa</li> </ul>	Sim (faculdade)	<ul style="list-style-type: none"> <li>por fazer arquitetura e os pais também serem arquitetos</li> </ul>	(o outro) <ul style="list-style-type: none"> <li>deve ser terrível</li> </ul>	Sua situação profissional dentro da sala de aula sempre foi questionada por ser filha de pais arquitetos.
10. Cida 56 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>tabus sociais</li> <li>é pré-conceito, ou seja, você é... fazer um juízo de valor sobre uma coisa sem conhecer</li> <li>você julgar ou menosprezar ou supervalorizar alguma coisa sem saber o que você está falando</li> </ul>	Sim (adolescência)	<ul style="list-style-type: none"> <li>auto-preconceito, por ser gorda, pobre e 'peluda'</li> </ul>	(o outro) <ul style="list-style-type: none"> <li>muito doída, é uma dor horrível, uma dor profunda, é uma facada, é um punhal</li> </ul>	Coloca outras questões de preconceito, como na adoção e escolha de uma criança devido a vários fatores. Coloca questões sociais, econômicas e questões de afetividade, entre outras, relacionadas direta ou indiretamente ao preconceito.

QUADRO A.1 - ENTREVISTA FEITA NA CIDADE DE CURITIBA-PR

continuação

conclusão

Entrevistado	Para mim, preconceito é...	Eu sofri preconceito...	O motivo seria por...	O que eu senti...	Outros elementos acerca do preconceito...
11. Ana 41 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ uma ignorância das pessoas</li> <li>▪ alguém que acha que sabe mais, acredita ou que é superior a alguém em determinada ocasião ou determinado momento</li> </ul>	Sim (grupo musical)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Sentiu-se rejeitada por uma pessoa do grupo, mas diz ser por questões pessoais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ incômodo</li> </ul>	Embora tenha deficiência visual devido a doença, não coloca isso como sendo fator de preconceito para com ela.
12. Cora 38 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ coisa já pré-estabelecida, né, então é um conceito que você já conhece</li> <li>▪ que vem pela educação, principalmente da familiar mesmo, então é um conceito que eu aprendi</li> <li>▪ pré-conceito sem conhecimento de causa</li> </ul>	Sim (vários)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ pessoas do trabalho ou familiares comentam sobre sua situação sexual</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ constrangimento</li> </ul>	Relata questões de constrangimentos de um modo geral, especialmente sobre o outro, e comentários a respeito de sua vida pessoal.
13. Marina 43 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ exclusão</li> <li>▪ você não gostar por qualquer motivo e excluir uma pessoa do seu relacionamento, até do seu pensamento</li> </ul>	Não se lembra	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ não se lembra</li> </ul>	(o outro) <ul style="list-style-type: none"> <li>▪ desprezada, fica mal, rebaixada, se sente no chão mesmo, pisada, assim, esmagada</li> </ul>	Essa pessoa diz não ter sofrido nenhum preconceito, o que causou-me surpresa pelo seu biótipo: negra, baixa, e de classe social baixa.
14. Daúde 45 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ imaginar, pressupor que uma pessoa pertence a uma determinada categoria que você não gosta por algum motivo</li> </ul>	Sim (nível social)	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ em loja foi mal-atendida por não estar trajada 'adequadamente' para o estabelecimento em questão</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ mal, diminuída, humilhada</li> </ul>	Relata questão de preconceito social para com ela.

## QUADRO A.1 - ENTREVISTA FEITA NA CIDADE DE CURITIBA-PR

NOTA: Esta entrevista foi a primeira a ser realizada. Procuramos não direcionar muito as perguntas, deixando a pessoa falar mais livremente sobre o tema. Com isso, não houve, por grande parte dos entrevistados, relatos de terem sido preconceituosos para com outra pessoa.

Entrevistado	Para mim preconceito é...	Eu sofri preconceito...	O motivo seria por...	O que eu senti...	Tive preconceito, e o motivo foi...	Explicações e contextualizações...	Isso me fez sentir...
1. Zélia 42 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>estigma</li> </ul>	Sim (familiar)	<ul style="list-style-type: none"> <li>classe social e cor (racial)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>é horrível</li> </ul>	Sim, pela falta de higiene do outro	No trabalho atende pessoas de baixa renda e indigentes.	
2. Selma 40 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>algo que vai além do aparente, baseado na dominação de um sobre o outro</li> </ul>	Sim (adolescência e infância)	<ul style="list-style-type: none"> <li>por ser pobre e estudar em escola pública</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>não tô valendo nada</li> <li>o que vai ser de mim?</li> </ul>	Sim, por pessoas da periferia	Por ser perigoso, devido à situação.	
3. Ceumar 51 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>aquilo que me afasta do outro</li> </ul>	Sim (fora do Brasil)	<ul style="list-style-type: none"> <li>por ser latino-americana</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>é horrível, uma coisa de humilhação, de desprezo, de menor... de menos, de pior</li> </ul>	Sim, um rapaz na rua com 'certos trajes'	Medo por morar em São Paulo e isso ser comum em pessoas, medo de ser assaltada.	
4. João 48 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>qualquer coisa que a pessoa vê diferente nos outros, se sente melhor do que o outro, a pessoa tá usando... tem uma roupa melhor do que a gente... a gente... a pessoa já sente preconceito</li> </ul>	Sim (lugares em que vai)	<ul style="list-style-type: none"> <li>conforme o estabelecimento que a gente vai entrar, tem lugar que eu não entro... isso aí é um preconceito já tá na cara, a pessoa já fica visando a gente, né, entendeu? Por causa assim da gente trabalhar em obra o preconceito já tá aí</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>é triste, a gente sente muito triste, muito, a gente sente muito pobre, porque além da gente trabalhá dia a dia todo a gente tá trabalhando, ainda o preconceito em cima, a gente fica muito triste, vai fazer o quê?</li> </ul>	Não, num acho ninguém diferente de mim, ninguém é diferente de ninguém	"Ninguém diferente de mim."	
5. Simone 40 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>é você virar as costas pra pessoa</li> </ul>	Sim (por ser faxineira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>nas idas a bancos</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>fiquei chateada</li> </ul>	Sim, ao ajudar outra pessoa	Sentiu alguma coisa em relação à pessoa (negativa).	

QUADRO A.2 - ENTREVISTA FEITA NA CIDADE DE BELO HORIZONTE-MG

continua

continuação

Entrevistado	Para mim preconceito é...	Eu sofri preconceito...	O motivo seria por...	O que eu senti...	Tive preconceito, e o motivo foi...	Explicações e contextualizações...	Isso me fez sentir...
6. Mônica 45 anos		Sim (por ser faxineira)	<ul style="list-style-type: none"> <li>nas idas a bancos com o uniforme de faxineira os outros olham</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>fica pra baixo</li> <li>o negócio é não preocupar com isso pra não sofrer mais</li> </ul>	Sim, não dando dinheiro a uma pessoa	A pessoa não parecia precisar, parecia estar mentindo.	
7. Gal 19 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>discriminar uma pessoa por alguma coisa que ela tem, pode ser preconceito por ter Aids, por... qualquer coisa...</li> </ul>	Sim (por ser loira e do sul do Brasil)	<ul style="list-style-type: none"> <li>por ser loira, no congresso, as outras pessoas falavam dela</li> <li>em uma festa, também no congresso, com um rapaz que brigou com ela</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>irritou-se</li> <li>achou ridículo</li> <li>ficou indignada</li> </ul>	Sim, questão de classe social/modismo	Não gosta de meninas "patricinhas".	
8. Ivan 23 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>conceitos estabelecidos antes de você ter contato com aquilo em relação com o qual você estabeleceu um conceito</li> <li>é histórico e cultural</li> </ul>	Sim (racial)	<ul style="list-style-type: none"> <li>na infância, em restaurante com a família, garçons pareciam não acreditar que teriam condições de pagar a conta</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>indignação, porque acaba te travando, as pessoas colocam barreiras pra você em diversas situações</li> </ul>	Sim, homossexualidade	Viu homens se beijando em festa.	

QUADRO A.2 - ENTREVISTA FEITA NA CIDADE DE BELO HORIZONTE-MG

continua

conclusão

Entrevistado	Para mim preconceito é...	Eu sofri preconceito...	O motivo seria por...	O que eu senti...	Tive preconceito, e o motivo foi...	Explicações e contextualizações...	Isso me fez sentir...
9. Ivete 43 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>ah não vou chegar perto, é aquele preconceito né, do negro, da pessoa deficiente físico, né, da pessoa doente, do idoso</li> </ul>	Sim (social/aparência)	<ul style="list-style-type: none"> <li>classe social (foi comprar carro com marido em agência e não foi atendida por conta da aparência)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>senti assim... pequena, né, você sente arrasada, chateada, vontade de não voltar ali mais, né, é isso que eu senti, senti muito chateada</li> </ul>	Não, nunca senti	"Do jeito que a gente não gosta de sentir, então você também não pode fazer isso pra ninguém."	
10. Marisa 39 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>sobre negros, sobre a pessoa deficiente, se é uma pessoa que tem uma doença</li> </ul>	Não se lembra	Não	Não	Não, nunca senti	"Porque a pessoa é o que é, pode até ser menos que a gente, que todo mundo é humano, se a pessoa tá doente... é pobre... é negra... a pessoa não tem culpa."	
11. Vinícius 26 anos	<ul style="list-style-type: none"> <li>racismo assim... de doença e por morte</li> </ul>	Não	Não	Não	não	"Pra mim é tudo igual."	

QUADRO A.2 - ENTREVISTA FEITA NA CIDADE DE BELO HORIZONTE-MG

NOTA: Estas entrevistas foram feitas posteriormente à anterior, na cidade de Belo Horizonte, por ocasião do Encontro Nacional da ABRAPSO, e as entrevistas foram um pouco mais dirigidas, incluindo aqui a pergunta sobre a questão do sentir preconceito pelo outro e não somente como experiência pessoal.

**APÊNDICE B**  
**MAPA DIALÓGICO**

#### Entrevista 4

Nome: João

Local: Praça de Eventos em uma construção / reforma- UFMG

Cidade: B.H. ABRAPSO – nov. 2005

Caracterização: homem, 48 anos, carpinteiro

**Escolha:** escolhi esta pessoa por se encontrar fora do circuito do encontro, ou seja, estava dentro de uma das lojas da "praça" do evento, em seu ambiente de trabalho, e por parecer-me ser da cidade em que me encontrava. Além disso, pensei ser interessante devido à sua ocupação, no caso, braçal, e pelo fato de não estar no encontro como congressista .

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Experiência de preconceito em relação ao outro	Explicação ou exemplo	Sentimentos
E.: Qual é o seu nome, sua idade e sua ocupação?					
Meu nome é João, minha idade é 48 anos... e eu trabalho aqui como carpinteiro.					
	E.: Seu João, se o Sr. fosse falar assim, explicar pra alguém... a partir do que o Sr. acha, o que é preconceito, seu João?				
	A pessoa eu é... o preconceito, o que eu acho é igual ao que você vê <b>qualquer coisa que a pessoa vê diferente nos outros</b> ela acha que é... né... que <b>se sente melhor do que o outro</b> pra mim já é preconceito, entendeu? Eu penso assim, porque é a gente vê uma pessoa... se <b>a pessoa tá usando tem uma roupa melhor do que a gente... a gente... a pessoa já sente preconceito</b> , eu acho que seria bobagem né, <b>preconceito é bobagem?</b>				



Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Experiência de preconceito em relação ao outro	Explicação ou exemplo	Sentimentos
		E.: Em relação ao senhor, seu João, o Sr. já sentiu preconceito em relação ao Sr., assim, uma pessoa em relação ao Sr.?			
		<b>Já, sim</b> , eu é talvez seja <b>conforme o estabelecimento que a gente vai entrar, né.. é... tem lugar que eu não entro.</b>			
				Não entro porque eu me sinto... que a pessoa vai sentir preconceito de mim porque a gente é uma pessoa que trabalha neste ramo que a gente trabalha a gente tem muito preconceito com isso, entendeu?	
		Então, <b>isso aí é um preconceito, já tá na cara</b> porque a gente chega num... aí mesmo*, se a gente for entrar aí é um pouco assim, <b>a pessoa já fica visando a gente, né, entendeu? Por causa, assim, da gente trabalhar em obra, o preconceito já tá aí</b>  <i>*Ele aponta para fora do lugar onde ele trabalha, que é no meio das pessoas no pátio de eventos.</i>			

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Experiência de preconceito em relação ao outro	Explicação ou exemplo	Sentimentos
E.: O sr. é funcionário da firma?					
Sou da firma mas não da Universidade; É, eu trabalho no C.					
		E.: e como é que sentir este preconceito, Sr. João?			
					Ah, é triste.
				Porque eu acho que a gente, <b>todo mundo, são iguais</b> , né, mas a gente, como se diz, <b>a gente é assim, assim... tem que ser, né, o preconceito não vai acabar mesmo, não tem como acabar com o preconceito, então fazê o quê?</b>	
					A gente sente muito triste, muito, a gente sente muito pobre, porque além da gente trabalha dia a dia todo a gente tá trabalhando, ainda o preconceito em cima, a gente fica muito triste, vai fazê o quê?...
			E.: e o Sr. seu João, o sr. já sentiu algum preconceito em alguma situação, com alguma pessoa		
			<b>não eu acho que não</b> , não eu <b>não tenho preconceito com ninguém não, com nada,</b>		

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Experiência de preconceito em relação ao outro	Explicação ou exemplo	Sentimentos
				<p>Eu acho que todo mundo são iguais apesar de a igualdade não combina, né, num dá certo, mas acontece é o seguinte, eu acho que eu mesmo nunca tive preconceito com ninguém não, Graças a Deus, nunca tive preconceito com ninguém não, <b>num acho ninguém diferente de mim, não, nem diferente de ninguém.</b></p>	
<p>E.: Em relação a este assunto, o Sr. gostaria de falar mais alguma coisa?</p>					
<p>Não, vamo deixá quieto.</p>					

**Entrevista 5**

Nome: Sueli

Local: Prédio central da UFPR

Caracterização: mulher, 37 anos, agrônoma, doutorado.

**Escolha:** por ser mulher e possuir pós-graduação

Cidade: Curitiba – 1.º/2005

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
E.: Você poderia me dizer seu nome, idade e ocupação?					
Sueli, 37 anos, agrônoma.					
	E.: O que é preconceito pra você ?				
	É você <b>não considerar uma outra pessoa com a mesma capacidade</b> que você tem de fazer as coisas ou com a mesma... é capacidade ou o mesmo direito que você tem de fazer as coisas, é <b>diferenciar as pessoas por algum motivo qualquer, seja por raça... não, raça não existe, seja por cor de pele, diferenciar as pessoas.</b>				
				É você falar "não essa pessoa não pode fazer isso" ou percebe que é muito inconsciente isso, a gente incorpora isso de criança até... então, mas eu acho que é isso.	

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
	Essa diferenciação que as pessoas fazem entre elas próprias, quer dizer, não considerar outra pessoa igual a você, é diferenciar as pessoas.				
		E.: E você, já sentiu algum tipo de preconceito em relação a sua pessoa?			
		Um pouco sim, já senti, já senti em relação a <b>ser mulher trabalhando na área de agronomia</b> , principalmente isso, em outros assuntos não, não senti não, enquanto a ser mulher...			
				Porque a agronomia é uma área muito masculina, né, e de repente uma vez eu tava... por dois anos eu fiquei numa cidade sozinha trabalhando como agrônomo e o pessoal ficava meio assim, não queria falar comigo tipo queria falar com outras pessoas, então senti um pouco, mas nada muito... nada que me afetasse, na verdade... eu não deixei isso me afetar não, porque eu já tava meio preparada também porque já desde a faculdade é uma coisa que é	

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
				<p>um ambiente muito masculino, acostumada só com homem, só com... então eu já tava meio preparada pra encarar isso, então eu nunca achei, eu continuei trabalhando do mesmo jeito – "não quer falar comigo, tá bom, não fala, fala com outro que vai passar pra mim" –, quer dizer, vai sobrar uma hora que a pessoa vai ter que me encarar e vai perceber que sou eu que faço aqui, não é um homem zootecnista ao lado, mas a Sueli agrônoma aqui, então, não... o espaço taí, eu vou conseguir marcar meu espaço, não me preocupo com isso... É... principalmente porque eu tava numa cidade pequena então as pessoas, eu acho que talvez não seja não, nem tanto o preconceito, mas o não estar acostumado, é, então assim as pessoas são muito simples, então chegavam no escritório e falavam: "cadê o agrônomo?" – falava: 'Aí não, aqui não tem agrônomo, tem agrônoma'. "Cadê o João?" – que era o responsável, o</p>	

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
				<p>chefe do escritório, aí eu falava: 'não, não é com ela é com ela mesmo que você tem que falar'... então as pessoas no fim tinha que encarar, mas assim então tá né, fazer o que, na mesma forma que em outra situação assim – 'ah, a mulher tá lá na cozinha, vai lá', e eu falei: 'não, eu que tenho que resolver esse assunto com você, não é ele, não é o resto do grupo que tá aqui, sou eu que tenho que resolver'. Então de repente senti um pouco isso, mas eu falo, chega uma hora eu falo: 'Não, sou eu que tenho que fazer isso, não são os outros...' então respeitando meu espaço foi isso.</p>	
			<p>E.: Você relata que vivenciou então a questão do preconceito, você sentiu alguma coisa nessa situação?</p>		
					<p>Sente assim justamente <b>esse isolamento, uma separação</b>, né?</p>
			<p>é... no meu caso assim, eu percebo que a pessoa falou – 'não é com... não quero falar com ela, quero falar com outro' – eu falo</p>		

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
					Pôxa, quem que eu sou, eu sou a pessoa, será que eu não tenho capacidade, né, de estar aqui, de responder essa pergunta, tal?
			e aí outros tipos de preconceito é bem isso é, uma coisa de...		
					Porque eu não posso, quem é, porque que <b>essa pessoa me desconsidera</b> , quem é ela... aí começa, eu acho que aí <b>gera revolta: "quem é ela pra dizer que eu não posso, que eu não sou?, etc."</b>
			então sei lá se isso é uma definição mas eu tenho em mente no momento.		
E.: Bem, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa a esse respeito?					
Não, acho que é isso.					



**Entrevista 6**

Nome: Roberta

Local: Prédio central da UFPR

Cidade: Curitiba – 1.º/2005

Caracterização: mulher, 44 anos, secretária

**Escolha:** por ser uma pessoa conhecida.

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
E.: Pode dizer seu nome, idade e profissão?					
Roberta, 44 anos, secretária.					
	E.: Para você, o que significa preconceito?				
	<b>É uma insegurança da parte da pessoa em relação ao outro.</b>				
				Então é a pessoa se sente insegura, e daí pra ela se sentir melhor que os outros ela começa a construir mitos de que ela é melhor porque ela é mais rica, que ela é melhor porque ela descende de determinada raça, <b>é uma maneira dela conseguir se firmar, conseguir vencer sua própria insegurança</b> , nada mais que isso... e aliás eu tenho certeza que é isso, não é?	

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
	E o preconceito também é o medo de perder espaço.				
				Então, quando a pessoa, também é insegurança, medo de perder espaço, por exemplo, a pessoa que tem preconceito contra... eu acho que muita gente que tem preconceito contra negro, na realidade a pessoa não tem, mas ela tem medo que os filhos não tenham esse preconceito, casem com negros e terão netos que sofrerão com... entendeu?	
	É sempre uma maneira de se defender, entendeu?, preconceito é sempre uma maneira de se defender.				
		Em relação a você Roberta, já sentiu preconceito?			
		Sim, senti, várias vezes já... <b>antes de eu ter faculdade existia muito preconceito em relação ao fato de eu só ter 2.º grau</b> , e uma pessoa uma vez chegou a confessar pra mim que ela <b>se sentia superior em relação a mim porque ela tinha faculdade e eu não tinha</b> , também já senti, já me senti mal em lojas, <b>fui mal atendida porque eu ando de uma maneira bem simples</b> , assim.			

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
				E entrei numa loja assim meio pouquinho acima das minhas possibilidades financeiras e essa vendedora deixou, assim, muito claro, sabe, <b>não com palavras, mas gestos, que eu não estava no ambiente certo, né?</b> mas foi uma coisa bem...	
		Eu já me senti... às vezes eu não sei o que fazê, é, a gente tem a impressão de estar sendo discriminada, ou <b>se a pessoa passa uma mensagem sem palavras que você consegue perceber...</b> várias vezes, já.			
			E.: Seja no caso de outra pessoa, ou no seu, o que será que uma pessoa que sente em caso de preconceito?		
					Ela sente uma <b>humilhação</b> , uma <b>vergonha</b> .
				E às vezes ela não tem preparo forte, ela embarca na da pessoa que tem preconceito e ela realmente acaba achando que	
					Ela é <b>inferior</b> , se ela não é segura de si, ela <b>acaba é... absorvendo o conceito do outro e se achando mesmo pior que o outro, e ela sofre muito mais por isso</b> .
E.: Você gostaria de falar mais alguma coisa a respeito?					
Não.					

**Entrevista 10**

Nome: Cida

Local: Prédio central da UFPR

Cidade: Curitiba – 1.º/2005

Caracterização: mulher, 56 anos, juíza de alçada aposentada

**Escolha:** por ser uma pessoa um pouco mais amadurecida, e por ser juíza aposentada.

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
E.: Poderia me dizer seu nome, idade e ocupação?					
Cida, 56 anos juíza de alçada aposentada.					
	E.: Para você o que significa preconceito?				
	Muito difícil, sabe, eu acho que a gente não tem muita idéia da profundidade dessa palavra, e o que eu tenho percebido quando eu começo a prestar atenção nas reações das pessoas, de algumas coisas que acontecem na rua, ou lugares públicos, ou na família mesmo, é que passa como preconceito, são certos <b>tabus sociais, como preconceito contra a mulher em determinadas funções, preconceito de religião é uma coisa muito acentuada, preconceito de raça é uma coisa muito forte pra mim,</b> mas eu tenho me ligado muito nesta coisa de preconceito.				

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
	<p>Porque eu tenho observado que o <b>preconceito é da própria pessoa, entende?, o preconceito não é dos outros em relação à gente, o preconceito é da gente, por exemplo: se uma pessoa que tenha origem, uma criança muçulmana precisa usar aquelas vestimentas, aquelas roupas, véus para estar se cobrindo, ela é que se sente mal em relação às outras, não são os outros que têm preconceito com relação a ela, é ela que tem, então se a gente pegar a palavra, é pré-conceito, ou seja, você é..., fazer um juízo de valor sobre uma coisa sem conhecer, isso é preconceito, penso eu numa maneira bem rude, a palavra quer dizer isso, você julgar ou menosprezar ou supervalorizar alguma coisa sem saber o que você está falando ou valorizando ou não valorizando, né, e a questão da raça é a mesma coisa, religião, essa é uma palavra o... enfim, está dentro de nós.</b></p>				

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
	E.: Mas não estaria também no outro que pode estar te julgando?				
	Eu acho que desencadeia, não posso afirmar, é uma coisa temerária dizer assim que os outros também não têm uma certa reserva, talvez até tenha, mas a dimensão maior desse preconceito está no interior daquele que se sente atingido pelo preconceito, sabe?				
		E.: Em relação a sua pessoa, já sentiu preconceito?			
		<b>Sim, sim, sim, na minha adolescência, né...</b>			
				É, engraçado, né, essas coisas nos pegam muito assim de surpresa, veja, eu quando era adolescente eu tinha, eu fui uma adolescente gordinha, né, e não gostava nem um pouco de mim e tinha preconceito com relação a mim mesma e além de tudo sou descendente de portugueses, e eu tinha sobancelhas grossas, cabelo preto escuro, mas um monte de pelo, tinha muito, então eu não gostava de sol, não gostava de me expor, me	

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
		E.: E as outras pessoas em relação a você?		achava diferente das outras meninas e acho que isso foi uma coisa que me marcou muito embora eu gostasse muito da minha família, e tinha essa tendência das mulheres serem cheinhas, e o que me incomodava era o excesso de cabelo e pelo que eu tinha pelo corpo, e isso me incomodou muito na minha adolescência, dos 13 aos 18, 19 anos, e aí eu não gostava de mim mesma, não me aceitava e tinha muito preconceito comigo mesma, eu não queria ser daquele jeito...	
				Elas nem viam, nem se davam conta que eu passava por esse tipo de constrangimento com relação a mim mesma e o preconceito com relação a minha forma e o meu jeito de ser.	
			E.: E as pessoas que vivem esta situação de sentir preconceito em relação a elas, como deve ser isso?		
					Acho que o preconceito é uma coisa <b>muito doída, é uma dor horrível, uma dor profunda, sabe?</b>

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
				<p>Porque se você pegar, porque se a gente considerar, por exemplo: o preconceito social e que marginaliza quem vive na rua, quem é drogado, quem é... adolescentes que praticaram algum tipo de delito ou crianças que estão cheirando cola na esquina com 6, 7, 10 anos, ou meninas com 13, 14 que ficou grávida, com relação a esta situação de miséria, de marginalidade, de pobreza, existe muito pré-conceitos dos outros que estão do outro lado, e são as pessoas de classe média... baixa, que seja, quem é de classe média baixa tem preconceito contra o miserável, quem é de <b>classe</b> média-média tem preconceito contra o de classe média-baixa, e assim nós vamos, e por mais que você tenha um poder aquisitivo fantástico, você vai ter alguém que vai ter muito mais que você, e sempre vai ter alguém que vai ter muito menos que você, e mesmo assim sofre preconceito dos dois lados, de quem tem mais e de quem tem menos ou nada, agora</p>	



Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
				<p>esse que não tem nada, nada, eu não falo nem de pobreza, mas miséria... gera <b>um preconceito muito grande no sentido de afastar, de não acolher, de não incluir, de marginalizar, de querer vê-los bem longe, porque cheiram mal, são perigosos.</b></p>	<p>E esse preconceito é o que mais dói, esse dói, <b>é uma facada, é um punhal.</b></p>
				<p>Porque é algo contra o qual a pessoa não pode lutar, é o tipo de preconceito que cheira a <b>injustiça</b>, já, é o preconceito que cheira a injustiça, né, você <b>exclui, marginaliza</b>, mas não dá nada para aquela pessoa sair do lugar e ela por si só não sai, então você entra num <b>círculo vicioso social</b> que não tem fim, eu noto muito isso, notei quando eu trabalhava na vara de infância, que eu lidava só com essa criançada de rua e de abrigo, abandonada mesmo, a miséria no seu mais alto grau atingindo crianças, adolescentes e famílias, e essas pessoas, ninguém quer saber delas, a sociedade não quer saber delas, o governo não quer saber delas, as</p>	

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
				<p>ONGs não quer saber delas, nem ninguém, até quem ajuda, escolhe quem quer ajudar, <b>o preconceito na vara da infância para a adoção é uma coisa fantástica</b>, porque tinha uma fila quilométrica para a adoção, por quê? Porque para adotar, tem que ser um sonho dourado de todo pai e toda mãe, e não tem criança assim, chega ao ponto de querer saber de onde vinha a criança, quem era o pai, a mãe, era doente? Bebia? a mãe não sei o quê, quer dizer, se a criança tiver aquela carga toda ela nunca é escolhida... esquisito, isso é puro preconceito, porque aquela criança pode ser mil coisas, mas ela já está fazendo um conceito prévio, um pré-conceito de que aquela criança que tem esse pai, desse jeito horrível e essa mãe horrível, então eu não quero, esse <b>é o preconceito que mais dói, o moral e o social, porque acaba se tornando um preconceito afetivo, e sem afetividade</b></p>	

Pergunta do entrevistador	Definição de preconceito	Experiência pessoal de preconceito	Preconceito em relação ao outro ou como o outro deve se sentir	Explicação ou exemplo	Sentimentos
				<p><b>um ser humano não vive, nem bicho sobrevive</b>, então essas crianças acabam sendo fadadas ao insucesso, ao desconforto moral, à frieza da sociedade, e tudo mais, e esse preconceito é muito dolorido, muito dolorido... porque talvez o <b>preconceito nasça da arrogância</b> da gente, o ser humano é muito arrogante, a nossa vaidade é um negócio horroroso, temos que lutar contra ela todo o dia, é a vaidade que impede você, gera a arrogância e impede as pessoas de serem solidárias, e aí vem o preconceito, acho... a gente como ser humano... temos que melhorar muito.</p>	
E.: Bem, você gostaria de acrescentar mais alguma coisa?					
Não.					

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)